

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

João Diogo Lopes Laia

Lisboa, julho 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Carina CMS
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) João Diogo Lopes Leão

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Cursos 61 e 2º
Ciclo do Ensino Básico..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 12 de Julho de 2012

O(A) Orientador(a)

.....

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

João Diogo Lopes Laia

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Mariana Cortez

Lisboa, julho 2012

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que de forma direta, ou indireta, tornaram possível a elaboração deste Relatório de Estágio Profissional.

Às instituições que tornaram possível a minha aprendizagem e o meu desenvolvimento académico nomeadamente: Escola Superior de Educação de Beja e a Associação de Jardins Escolas João de Deus.

Pretendo, também, agradecer a todos os docentes que me apoiaram ao longo da licenciatura e do mestrado, assim como, aos alunos que fizeram parte dos momentos de Prática Pedagógica.

Agradeço a todos os meus colegas, amigos e grupos que acompanharam o percurso académico e que foram um grande auxílio nesta longa caminhada pessoal e intelectual.

À minha namorada por todo o apoio e “paciência”.

À minha família por ter acreditado nas minhas capacidades e, apesar de complicado, abdicaram de muitos momentos e meios para que fosse possível atingir este grau.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	vi
Índice de Quadros	xii
Índice de Figuras	xiv
Introdução	1
1. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional.....	3
2. Metodologia utilizada.....	3
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	4
4. Identificação dos locais de estágio	5
4.1. Descrição do Jardim-Escola de Alvalade	5
4.2. Descrição da Escola Josefa de Óbidos	6
4.3. Descrição do Jardim-Escola da Estrela	6
4.4. Descrição do Jardim-Escola de Tavira	6
5. Identificação do grupo de estágio.....	7
6. Calendarização dos momentos de estágio	7
7. Pertinência do estágio profissional	8
Capítulo 1 – Relatos diários	11
1.1. 1.^a Secção: 1.º B	13
1.1.1. Caraterização da turma	13
1.1.2. Caraterização do espaço	14
1.1.3. Rotinas	14
1.1.4. Horário.....	14
1.1.5. Relatos diários.....	15
1.2. 2.^a Secção: 2.º B	31
1.2.1. Caraterização da turma	31
1.2.2. Caraterização do espaço	31
1.2.3. Rotinas	31

1.2.4.	Horário.....	32
1.2.5.	Relatos diários.....	32
1.3.	3.^a Secção: 3.^o B	48
1.3.1.	Caraterização da turma	48
1.3.2.	Caraterização do espaço	48
1.3.3.	Rotinas	48
1.3.4.	Horário.....	48
1.3.5.	Relatos diários.....	49
1.4.	4.^a Secção: 4.^o A	59
1.4.1.	Caraterização da turma	59
1.4.2.	Caraterização do espaço	59
1.4.3.	Rotinas	59
1.4.4.	Horário.....	59
1.4.5.	Relatos diários.....	60
1.5.	5.^a Secção: 5.^o B, 5.^o C, 6.^o B, 6.^o E e 6.^oH.....	78
1.5.1.	Caraterização das turmas.....	78
1.5.2.	Caraterização dos espaços	78
1.5.3.	Rotinas	78
1.5.4.	Rotinas	79
1.5.5.	Relatos diários.....	79
1.6.	6.^a Secção: 4.^o B	124
1.6.1.	Caraterização da turma	124
1.6.2.	Caraterização do espaço	124
1.6.3.	Rotinas	124
1.6.4.	Horário.....	124
1.6.5.	Relatos diários.....	125
1.7.	7.^a Secção: Semanas de contato com a realidade educativa	136

1.7.1	Caraterização das turmas.....	136
1.7.2.	Caraterização dos espaços	136
1.7.3.	Rotinas.....	137
1.7.4.	Horários.....	137
1.7.5.	Relatos diários.....	139
Capítulo 2 – Planificações		147
2.1.	Descrição do Capítulo	149
2.2.	Fundamentação teórica	149
2.3.	Planificações fundamentadas	151
2.3.1.	Planificação da área curricular de Matemática no 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	151
2.3.2	Planificação da área curricular de Língua Portuguesa no 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico	155
2.3.3	Planificação da área curricular de Ciências da Natureza no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico	157
2.3.4	Planificação da área curricular de Matemática no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	159
2.3.5	Planificação da área de Língua Portuguesa no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	161
2.3.6	Planificação na área de História e Geografia de Portugal no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico	163
Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação.....		167
3.1.	Descrição do Capítulo	169
3.2.	Fundamentação teórica.....	169
3.3.	Avaliação das atividades	174
3.3.1.	Avaliação da atividade n.º 1	174
3.3.2.	Avaliação da atividade n.º 2	178
3.3.3.	Avaliação da atividade n.º 3	184
3.3.4.	Avaliação da atividade n.º 4	188

3.3.5. Avaliação da atividade n.º 5	192
3.3.6. Avaliação da atividade n.º 6	197
3.3.7. Avaliação da atividade n.º 7	202
Reflexão Final	207
1. Considerações finais	209
2. Limitações	210
3. Novas pesquisas	211
Referências Bibliográficas	213
Anexos	225
Anexo 1 – Proposta de trabalho, atividade n.º 1	227
Anexo 2 – Proposta de trabalho, atividade n.º 2	231
Anexo 3 – Proposta de trabalho, atividade n.º 3	235
Anexo 4 – Proposta de trabalho, atividade n.º 4	239
Anexo 5 – Proposta de trabalho, atividade n.º 5	243
Anexo 6 – Proposta de trabalho, atividade n.º 6	247
Anexo 7 – Proposta de trabalho, atividade n.º 7	251

Índice de Quadros

Quadro 1 – Calendarização do Estágio Profissional I e II	8
Quadro 2 – Calendarização do Estágio Profissional III e IV	8
Quadro 3 – Calendarização dos Seminários de Contacto com a Realidade Educativa .	8
Quadro 4 – Horário do 1.º ano turma B.....	15
Quadro 5 – Horário do 2.º ano turma B.....	32
Quadro 6 – Horário 3.º ano turma B.....	49
Quadro 7 – Horário 4.º ano turma A.....	60
Quadro 8 – Horário do 4.º ano turma B.....	125
Quadro 9 – Horário do 4.º ano	138
Quadro 10 – Horário do 3.º ano	139
Quadro 11 – Exemplo do Modelo T de aprendizagem	150
Quadro 12 – Planificação da área curricular de Matemática no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	152
Quadro 13 – Planificação da área curricular de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico	155
Quadro 14 – Planificação da área curricular de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	157
Quadro 15 – Planificação da área curricular de Matemática no 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	159
Quadro 16 – Planificação da área de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo do Ensino Básico	161
Quadro 17 – Planificação da área de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	164

Quadro 18 – Escala de avaliação	173
Quadro 19 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 1. ^a Atividade	175
Quadro 20 – Grelha de correção da 1. ^a atividade	176
Quadro 21 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 2. ^a atividade	179
Quadro 22 – Grelha de correção da 2. ^a atividade	182
Quadro 23 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 3. ^a atividade	185
Quadro 24 – Grelha de correção da 3. ^a atividade	186
Quadro 25 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 4. ^a atividade	189
Quadro 26 – Grelha de correção da 4. ^a atividade	190
Quadro 27 – Quadro de parâmetros e critérios de avaliação da 5. ^a atividade	193
Quadro 28 – Grelha de correção da 5. ^a atividade	195
Quadro 29 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 6. ^a atividade	198
Quadro 30 – Grelha de correção da 6. ^a atividade	200
Quadro 31 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 7. ^a atividade	203
Quadro 32 – Grelha de correção da 7. ^a atividade	205

Índice de Figuras

Figura 1 – Exame justo	71
Figura 2 – Gráfico de resultados da 1. ^a atividade	177
Figura 3 – Gráfico de resultados da 2. ^a atividade	183
Figura 4 – Gráfico de resultados da 3. ^a atividade	187
Figura 5 – Gráfico dos resultados da 4. ^a atividade	191
Figura 6 – Gráfico de avaliação da 5. ^a atividade	196
Figura 7 – Gráfico de resultados da 6. ^a atividade	201
Figura 8 – Gráfico de resultados da 7. ^a atividade	206

Introdução

O Relatório de Estágio Profissional foi elaborado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II, III e IV do Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Porém, serão, também, apresentados os dois momentos de Contacto com a Realidade Educativa.

1. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional

O presente Relatório está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, nominado de Relatos Diários, serão apresentados os relatos dos dias de cada um dos momentos de Prática Pedagógica e as respetivas inferências e fundamentações teóricas. No segundo capítulo, Planificações, serão apresentados os planeamentos das aulas realizadas, assim como, a fundamentação científica para a elaboração de cada caso. No terceiro e último, capítulo, Dispositivos de Avaliação, vão ser apresentados seis dispositivos de avaliação com a respetiva fundamentação teórica.

De modo a finalizar será apresentada a Reflexão Final com o objetivo de elaborar uma reflexão, geral, sobre a elaboração deste relatório.

É importante frisar que não serão apresentados os nomes de todos os indivíduos nele relatados e serão apresentados no masculino. De facto, o relatório foi elaborado de forma a proteger a identidade de cada indivíduo. Esta redação não será escrita na 1.ª pessoa do singular. Como refere Eco (2002), “o que se escreveu não foi uma carta particular ao reator, mas um livro potencialmente dirigido à humanidade. (...) [escreve-se] para a humanidade e não para o relator” (p. 162). Desta forma não é pertinente colocar o nome, real, dos intervenientes neste relatório, à exceção dos autores com os quais será realizada a fundamentação teórica.

2. Metodologia utilizada

Na verdade, a observação foi a metodologia utilizada ao longo dos diferentes momentos de Prática Pedagógica. De facto, segundo o Decreto-Lei n.º 43/2007 uma das componentes de formação passa por incluir “a observação e colaboração em situações de educação e ensino e a prática de ensino supervisionada na sala de aula e na escola”.

Contudo, existem vários tipos de observação. Quivy e Campenhoudt (1998) referem que pode existir a observação direta e indireta. Para a elaboração deste relatório foi utilizada a observação direta, que, segundo os mesmos autores, “é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações” (p. 164).

O observador, sem controlar os observados, regista as atitudes, os comportamentos e os acontecimentos para que mais tarde os possa apontar, refletir e realizar relações sob os mesmos.

Com base nos mesmos autores é possível concluir que esta tem uma variante participante pelo facto do observador “estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva.” (p. 197).

A investigação utilizada será a qualitativa. Na verdade, esta apresenta cinco características segundo Bogdan e Biklen (1992):

1. Qualitative research has the natural setting as the direct source of data and the researcher is the key instrument (...)
2. Qualitative research is descriptive. (...)
3. Qualitative researchers are concerned with process rather than simply with outcomes or products. (...)
4. Qualitative researchers tend to analyze their data inductively (...)
5. «Meaning» is of essential concern to the qualitative approach. (pp. 29 - 33).

A primeira característica da pesquisa qualitativa refere que o investigador realiza a sua investigação no local que pretende examinar. Sendo, desta forma, o principal interveniente na recolha de dados. A segunda especificidade, por sua vez, diz que os dados recolhidos são, especialmente, descrições. A terceira característica deixa bem definido que o investigador deve preocupar-se mais com o processo do que, exclusivamente, com o produto. A quarta particularidade explica que o observador vai evidenciar as situações que lhe despertam, mais, a atenção. Por último, a quinta característica, refere que o significado que o pesquisador retira do observado é essencial para este género de características.

Para a elaboração deste relatório foram utilizadas as normas da *American Psychological Association* (APA) e as indicações de Azevedo (2001) em *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A realização deste relatório permite que seja realizada uma reflexão sobre cada aula observada ou lecionada. De facto, a reflexão é uma qualidade bastante importante na profissão de docente. Esta permite que cada aula e estratégias observadas sejam pensadas e adaptadas às turmas onde o relator deste relatório possa vir a lecionar. De facto, com base em Nóvoa (1991) citando Lawn, é importante que os “professores que não se limitem a imitar outros professores, mas que se comprometam (e

reflectam) na educação das crianças numa nova sociedade; (...) [porque os] professores não são apenas técnicos, mas também criadores” (p. 24).

Por outro lado, este relatório torna-se um documento imprescindível para que o relator obtenha o grau de mestre nos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

4. Identificação dos locais de estágio

O Estágio Profissional I, II, III e IV decorreram em locais diferentes. De facto, os dois primeiros momentos foram realizados no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, de seguida o Estágio Profissional III, e parte do Estágio Profissional IV, foi realizado na Escola Secundária Josefa de Óbidos, sendo que o restante tempo do Estágio Profissional IV foi realizado no Jardim-Escola da Estrela.

Por fim, foram realizados dois Seminários de Contacto com a Realidade Educativa que terão de ser abordados neste relatório, apesar de não fazerem parte do Estágio Profissional.

Os dados que serão referidos foram obtidos através de observação direta nos diferentes momentos de Prática Pedagógica e Seminários de Contacto com a Realidade Educativa.

4.1. Descrição do Jardim-Escola de Alvalade

O Jardim-Escola de Alvalade está situado na cidade de Lisboa. Este está inserido numa região urbana. A escola tem as valências de Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico e está associado à Associação de Jardins-Escola João de Deus.

As salas da Creche, Pré-Escolar e 1.º ano do Ensino Básico estão situadas no rés-do-chão do edifício. Neste piso está, também, a cozinha, o refeitório e o gabinete da direcção.

Os restantes anos de escolaridade, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, localizam-se no 1.º piso. Neste piso existe ainda um ginásio e uma sala com biblioteca.

No espaço exterior existem dois recreios. Sendo que um deles tem um escorrega.

4.2. Descrição da Escola Josefa de Óbidos

O estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico foi realizado na Escola Josefa de Óbidos. Esta pertencente ao agrupamento de escolas Padre Bartolomeu de Gusmão.

A escola Josefa de Óbidos foi reconstruída recentemente. Na verdade, é constituída por um só edifício com três andares. A escola tem serviços de papelaria, biblioteca escolar, refeitório, bar e reprografia que podem ser utilizados pelos alunos.

4.3. Descrição do Jardim-Escola da Estrela

O restante tempo de Estágio Profissional IV foi realizado no Jardim-Escola da Estrela e está associado à Associação de Jardins-Escola João de Deus.

Este Jardim Escola foi fundado no ano de 1915 e encontra-se no centro de Lisboa. Neste momento tem as valências de Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na cave encontram-se as salas do bibe azul (5 anos), no rés-do-chão encontra-se a cozinha, o refeitório, o gabinete da direção, as salas do bibe amarelo (3 anos), encarnado (4 anos) e castanho (6 anos). Já no 1.º piso encontra-se a biblioteca e as salas dos 2.ºs, 3.ºs e 4.ºs anos do Ensino Básico.

4.4. Descrição do Jardim-Escola de Tavira

Por fim, foram realizados dois Seminários de Contacto com a Realidade Educativa no Jardim-Escola de Tavira, também integrado na Associação de Jardins-Escola João de Deus e com valência de Creche, Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este está localizado numa região periférica de Tavira.

O Jardim-Escola abriu no ano de 2008 e tem dois pisos. No primeiro piso encontram-se as salas da Creche, Ensino Pré-Escolar, 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ginásio, refeitório e cozinha. No segundo piso encontram-se as restantes salas do 1.º Ciclo, a biblioteca e a sala dos professores.

O recreio é composto por dois espaços, coberto e descoberto. Tem um campo de futebol, mesas e escorregas.

5. Identificação do grupo de estágio

Na verdade, no início do Estágio Profissional I, o relator deste relatório, teve três colegas de estágio do mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, que desistiram durante o primeiro momento de Prática Pedagógica. Porém, no estágio Profissional II o grupo foi formado por dois outros estagiários do Mestrado de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Durante o tempo em que se encontrava na Escola Secundária Josefa de Óbidos teve outros dois colegas, desta vez do mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

No último momento de Estágio Profissional, no Jardim-Escola João de Deus na Estrela o grupo foi formado com um colega da mesma turma.

Ao longo do primeiro Seminário de Contacto com a Realidade Educativa o estágio foi realizado com um colega da licenciatura. Na segundo Seminário de Contacto com a Realidade Educativa o grupo estágio foi realizado com o mesmo colega que, nesta altura, já estaria a frequentar o mestrado em Ensino do 1.º Ciclo.

6. Calendarização dos momentos de estágio

Este relatório de estágio foi elaborado ao longo de quatro semestres. Durante o Estágio Profissional I e II houve quatro momentos diferentes de estágio. Estes decorreram às segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras entre as 9h00 e as 13h00. Aquando do Estágio Profissional III foi realizado às terças-feiras e sextas-feiras das 10h00 às 16h15. Por sua vez, o Estágio Profissional IV foi realizado às terças-feiras e sextas-feiras das 9h00 às 16h00.

Neste relatório serão relatados dois momentos, como já foi referido anteriormente, que não fazem parte do Estágio Profissional (Semana de Contacto com a Realidade Educativa). Estes períodos decorreram durante uma semana, de segunda-feira a sexta-feira, das 9h00 às 17h00.

Os quadros que se seguem permitem observar com maior clareza os momentos de estágio referidos anteriormente.

Quadro 1 – Calendarização do Estágio Profissional I e II

Estágio Profissional I e II		
1.ª secção – 1.º ano	2.ª secção – 2.º ano	3.ª secção – 3.º ano
12 de outubro de 2010 a 26 de novembro de 2010	29 de novembro de 2010 a 11 de fevereiro de 2011	14 de fevereiro de 2011 a 15 de abril de 2011
	4.ª secção – 4.º ano	
	2 de maio de 2011 a 8 de maio de 2011	

Quadro 2 – Calendarização do Estágio Profissional III e IV

Estágio Profissional III e IV	
5.ª secção – 5.º e 6.º ano	6.ª secção – 4.º ano
27 de setembro de 2011 a 23 de março de 2012	10 de abril de 2010 a 22 de junho de 2011

Quadro 3 – Calendarização dos Seminários de Contacto com a Realidade Educativa

Seminários de Contacto com a Realidade Educativa	
7.ª secção – 4.º ano	7.ª secção – 3.º ano
28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011	27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

7. Pertinência do estágio profissional

O estágio profissional foi de extrema importância para o relator, sendo que este não teve oportunidade de o fazer ao longo da sua formação inicial.

De facto, através do estágio profissional o estagiário, segundo Quivy e Campenhoudt (1998), capta “os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a medição de um documento ou de um testemunho.” (p. 196). Ao contrário de outros métodos em que os estudos têm de ser elaborados com base em questionários, inquéritos, entre outros. Por vezes falaciosos.

Durante a licenciatura o estagiário adquiriu conhecimentos, teóricos, sobre a escola e as competências a desenvolver na sala de aula. Através do estágio profissio-

nal este vai conseguir colocar em prática os ensinamentos que adquiriu tendo sempre consciência do que virá a realizar pode construir (ou destruir) as capacidades do aluno. Como referem Evangelista e Shiroma (2003), o futuro docente deve “comprometer-se com a sua prática; planejar suas acções; zelar pela aprendizagem dos alunos; associar teoria e prática” (p.30). Porém, é necessário que este seja crítico e reflexivo, para que consiga compreender algumas atitudes que observa e que realiza. Durante a formação é necessário que o futuro professor adquira esta capacidade como refere Peterson (2003):

Nesta ordem de ideias, concebe-se a prática pedagógica como um exercício excelente e abrangente que possibilita ao aluno, futuro professor, (...) verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da sua formação. Assim, a prática pedagógica deve consistir em atividades que passam das observações dos factos pedagógicos, psicológicos, (...) para ensaios e realizações pessoais através (...) das aulas propriamente ditas, dadas e comentadas pelos alunos, numa avaliação e auto-avaliação integrada e permanente sob a orientação do formador ou coletivo de formadores. (p.67).

Em suma, o estágio profissional é, como já foi referido, um elemento imprescindível ao futuro professor. Este momento faz com que o estagiário consiga desenvolver capacidades, destrezas, valores e atitudes elementares ao professor em contexto educativo.

Capítulo 1 – Relatos diários

1. Descrição do capítulo

No decorrer deste capítulo vão ser apresentados os relatos diários dos momentos observados ao longo do Estágio Profissional e das duas semanas de contato com a realidade educativa. Estes serão seguidos de inferências e/ou fundamentação teórica caso seja pertinente. Porém, nos relatos das semanas de contato com a realidade educativa será realizada uma inferência e fundamentação teórica conjunta. Ou seja, uma única para os dois momentos.

As primeiras quatro secções dirão respeito aos quatro momentos realizados no Jardim-Escola de Alvalade. A quinta secção corresponde ao momento de Prática Pedagógica na Escola Secundária Josefa de Óbidos. A sexta secção, por sua vez, corresponderá aos instantes observados no Jardim-Escola da Estrela e, por último, as duas últimas secções correspondem aos dois Seminários de Contacto com a Realidade Educativa realizados no Jardim-Escola de Tavira.

1.1. 1.ª Secção: 1.º B

1.1.1. Caraterização da turma

Todos os dados aqui expostos foram retirados do Plano Curricular de Turma (PCT). A turma, que frequenta o 1.º B, é formada por 26 alunos sendo que 50% dos alunos são do género feminino e, conseqüentemente, 50% do género masculino. Destes 25 alunos têm 6 anos até dezembro de 2010, e um tem 7 anos de idade. Todos os alunos da turma frequentam o Jardim-Escola de Alvalade desde os 3 anos de idade (bibe amarelo).

Na verdade, existem 6 alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Porém, nenhum apresenta necessidades educativas especiais após ter sido elaborado o Programa Educativo Individual (PEI). Estes alunos são acompanhados por dois educadores num horário pré estabelecido. Contudo, o apoio para alunos com Necessidades Educativas Especiais não é disponibilizado para o 1.º Ciclo do Jardim-Escola pelo facto de não existirem docentes suficientes. Como tal, os alunos são direcionados para o ensino regular.

Estes dados foram adquiridos através de um documento escrito mostrado pelo titular da turma, de forma a proteger os dados pessoais dos alunos.

1.1.2. Caracterização do espaço

Esta sala encontra-se no rés-do-chão do Jardim-Escola. O lado esquerdo da sala tem seis janelas que permitem a entrada de luz natural. Do lado oposto encontram-se os armários onde é arrumado o material e os dossiers dos alunos. É composta por 26 carteiras, juntas aos pares, e uma para o professor titular. As carteiras estão divididas em três filas. De frente para estas encontram-se dois quadros de lousa e, no meio destes, encontra-se uma cartilha maternal e vários materiais utilizados pelo professor no decorrer das aulas.

1.1.3. Rotinas

Foi possível observar momentos que se repetem com alguma periodicidade ao longo do período de estágio. Na verdade, é realizado o acolhimento das crianças até às 9h00. Antes do início das aulas, antes e depois do recreio e antes do almoço são realizados momentos de higiene pessoal em que os alunos se dirigem à casa de banho para realizar as suas necessidades. Após o primeiro momento de higiene pessoal iniciam-se as aulas. É realizada uma pausa, de aproximadamente 30 minutos, para intervalo às 11h00, terminando as aulas no período da manhã com o almoço às 13h00.

1.1.4. Horário

De seguida será apresentado o horário da turma. Este poderá ser alterado consoante as necessidades dos alunos. Este documento foi facultado pelo professor titular da turma.

Quadro 4 – Horário do 1.º ano turma B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00 – 11h00	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa
11h30 – 13h00	Matemática e Música	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês
15h30 – 16h30	Estudo do Meio	Educação Física	Estudo do Meio	Informática Biblioteca	Expressão Plástica
16h30 – 17h	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Hora do Conto	Expressão Plástica

1.1.5. Relatos diários

Terça-feira, 12 de outubro de 2010

Neste primeiro dia, o professor da sala, começou com uma breve apresentação da turma aos estagiários. O docente explicou quais os materiais comuns a todas as áreas, como a carta de comportamento e a das letras. Explicou, também, que a turma tinha um comportamento difícil de controlar e que grande parte dos alunos tinha dificuldades de aprendizagem.

De seguida o professor trabalhou a Cartilha Maternal chamando vários alunos, em grupo, para rever algumas lições, enquanto os outros realizavam exercícios de escrita.

Inferências e Fundamentação teórica

Rosenthal e Jacobson (1968) realizaram um estudo em que ficou provado que a expectativa criada sobre um grupo influenciará a forma como um individuo exterior se vai relacionar com o grupo. A este fenómeno deu-se o nome de efeito Pigmalião ou efeito Rosenthal.

Segundo Oliveira (1992a), explicando um estudo de Cahen (1966), depois de terem sido fornecidas “ falsas informações dadas aos professores sobre as aptidões

dos alunos influenciavam as classificações; em particular, os alunos apresentados como bons, recebiam notas mais altas em testes de leitura.” (p. 15)

Na verdade, como refere o mesmo autor, “todos usamos na vida quotidiana expectativas ou preconceitos mais ou menos favoráveis ou desfavoráveis.” (p. 13) estas expectativas vão influenciar o observador em relação ao observado. No caso relatado, o professor ao informar que a turma tinha um comportamento menos desejável e várias dificuldades, poderia influenciar o comportamento dos estagiários perante o grupo.

Sexta-feira, 15 de outubro de 2010

Neste dia o docente optou por planificar a aula utilizando o 3.º e o 4.º Dom de Fröebel. Este iniciou a aula mostrando como se utiliza o material. Explicou, através de perguntas que fazia aos alunos quais as diferenças entre os dois Dons, qual a sua forma, que construções poderiam fazer, entre outras.

Após rever as regras o docente iniciou uma história e, ao longo da mesma, colocou questões que pediam o raciocínio mental relacionadas com a história. Posteriormente, foi distribuída uma proposta de trabalho.

Foi também desenvolvida uma ficha formativa de modo a trabalhar a Cartilha Maternal. Enquanto os alunos resolviam a ficha o professor ia chamando grupos de alunos que tivessem na mesma lição e, com recurso à Cartilha Maternal, ia fazendo perguntas de modo a avaliar e a auxiliar em caso de dúvida.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, existem vários Dons de Fröebel. Os Dons de Fröebel foram inventados por Friedrich August Fröebel. Cada um dos dons tem características próprias que pretendem desenvolver determinadas capacidades na criança através do manuseamento como se fosse um jogo. Segundo Caldeira (2009) com base em Fröebel:

o jogo (...) [é] «o mais puro e espiritual produto desta fase do crescimento humano» (...) Através deste, a criança está em relação concreta com o mundo e realiza livremente algumas coligações com a natureza que exprimem a divina unidade do real. (pp. 239-240).

Com a utilização dos Dons como jogo educativo, o aprendiz desenvolve uma visão concreta de temas abstratos. De acordo com Caldeira (2009), “os «Dons» são

fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.” (p. 241).

O 3.º e o 4.º Dons de Fröebel, apesar de serem dois materiais diferentes podem ser utilizados em conjunto. O 3.º Dom é composto por oito cubos iguais e o 4.º Dom por oito paralelepípedos que, utilizados em conjunto, permitem ao infante realizar várias construções que podem, segundo Caldeira (2009), “ser exploradas através de uma história ou de uma situação problemática básica.” (p. 255).

Este material desenvolve não só a motricidade fina como a concentração, criatividade, entre outras capacidades importantes nestas idades.

Segunda-feira, 18 de outubro de 2010

Durante esta aula voltou-se a trabalhar a Cartilha Maternal. Enquanto os restantes alunos, que estavam mais avançados na Cartilha, realizaram a cópia de um texto do manual.

Quando chegou a hora do intervalo o professor apercebeu-se que um dos alunos não tinha elaborado a cópia, como tal, durante o intervalo, ficou na sala de aula, e, com o auxílio do estagiário, desenvolveu o exercício escrito. Ao chegar à sala de aula, com os restantes alunos, após o intervalo, o professor reparou que o aluno já tinha terminado o exercício e pediu ao estagiário para ir com o aluno dar uma volta a correr pela escola e beber água.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, é importante que os alunos compreendam que existem momentos onde podem brincar, no intervalo, e momentos para trabalhar, ao longo do período de aulas. De facto, o intervalo é um tempo em que os alunos desenvolvem parte das suas capacidades de comunicação social, pessoal e desenvolvem a sua motricidade. Assim, segundo Hohmann e Weikart (2003), as crianças “que são sossegadas e envergonhadas no interior ficam mais conversadoras e aventureiras quando se encontram no exterior” (p. 433). Nestes períodos os alunos partilham experiências com os colegas que, muitas vezes, não conseguem fazer em sala de aula. Além dos aspetos anteriormente referidos, Cordeiro (2008) afirma que o intervalo “representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e

barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos” (p. 377).

Em suma, são nestes instantes, até ao final dos dias de aulas, que os alunos têm hipótese de relaxar da atividade mental exercida ao longo dos períodos de aulas. De tal forma que, nas aulas a seguir aos intervalos, a capacidade de concentração seja diferente da observada momentos antes do intervalo não devendo, desta forma ser retirado.

Terça-feira, 19 de outubro de 2010

No início da aula o professor abordou a área de Matemática. Este desenhou um comboio, e as suas carruagens, de forma a rever a classe das unidades.

De seguida, os alunos desenvolveram subtrações recorrendo aos Calculadores Multibásicos. Com o material escreveram, os cálculos, numa proposta de trabalho com a linguagem matemática apropriada.

Inferências e Fundamentação teórica

Os Calculadores Multibásicos são um material estruturado que permite a visualização das operações aritméticas mais básicas, leitura de número na base dez, ordenação, contagem de quantidades, entre outros. Segundo Nabais (s.d.), este material é:

constituído por três placas, com cinco orifícios cada uma, e 50 elementos em seis cores diferentes: 10 amarelas, 13 verdes, 13 encarnadas, 10 azuis, 2 dor de rosa e 2 cor de lilás. Estes elementos encaixam uns nos outros, bem como nos orifícios das placas. (s.p.).

Este material permite não só observar conceitos abstratos, assim como, realizar as diferentes operações aritméticas. Na verdade, os alunos demonstram ter mais facilidade na concretização dos exercícios quando manipulam materiais.

Com base em Caldeira (2009), “o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar aprendizagens diversas.” (p. 219). Estes facilitam a compreensão de conceitos abstratos, tantas vezes utilizados nas suas rotinas pessoais.

Sexta-feira, 22 de outubro de 2010

A aula iniciou-se pela área de Língua Portuguesa, em que o docente explicou que existem frases e não frases através de cartolinas plastificadas que explicavam as regras de uma frase.

Depois de ter explicado, aos alunos, o que distinguia uma frase de uma não frase o docente escreveu alguns exercícios no quadro em que os alunos deveriam transformar as não frases em frases. Para consolidar os conteúdos realizaram uma proposta de trabalho e um exercício ortográfico.

Na segunda parte da aula, depois do intervalo, o docente realizou algumas construções com o tangram contando a lenda do material. O docente contou que há muitos anos existia um mensageiro que deveria levar um espelho, com a forma de um quadrado, ao seu imperador. Porém, durante a caminhada, o espelho partiu-se e ao tentar reconstruí-lo foi criando formas de animais, pessoas, plantas, entre outros. Quando finalmente conseguiu reconstruir o quadrado apresentou-o ao imperador e explicou-lhe que estava partido para que fosse possível construir várias figuras. Este aceitou-o com agrado e não o castigou.

Inferências e Fundamentação teórica

O tangram, citando Lopes et al. (1996), “são os mais antigos puzzles conhecidos (...) são obtidos a partir da dissecção de um figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras” (p. 88).

Este material permite realizar diversas figuras com as suas peças podendo ser utilizando, ao longo do 1.º e 2.º Ciclos, para calcular áreas e perímetros.

O docente, nesta aula, utilizou o tangram original composto por um total de sete peças: cinco triângulos (dois mais pequenos, um médio e dois grandes), um paralelogramo e um quadrado. Este é um material estrutura utilizado para desenvolver, segundo Damas, Oliveira; Nunes e Silva (2010), o “sentido espacial e criativo dos alunos.” (p. 137).

Este material permite não só conhecer, melhor, as figuras geométricas, assim como, desenvolver a criatividade dos alunos.

Segunda-feira, 25 de outubro de 2010

No início do dia, os alunos elaboraram uma ficha de Matemática sobre a ordenação dos números, adição e subtração de números com dois algarismos. Os infantes apresentaram algumas dúvidas e o docente pediu que utilizassem as palhinhas para elaborar os cálculos.

Como está estipulado no horário, às segundas-feiras, os alunos tiveram Expressão Musical.

Inferências e Fundamentação teórica

Para auxiliar os alunos no cálculo o docente pode recorrer a vários materiais. Segundo Caldeira (2009), “existem materiais alternativos industrializados (...) Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça (...) As palhinhas funcionam como suporte à contagem.” (p. 317).

O aprendiz consegue encontrar resposta às questões que lhe são realizadas recorrendo a este material.

Terça-feira, 26 de outubro de 2010

Nesta aula o professor trabalhou o 5.º Dom de Fröebel, com os alunos, apresentando uma história fictícia. Apresentou o conceito de metade, de um quarto com a representação das diferentes peças do Dom.

Durante a história, que o professor inventara de modo a adaptar ao material e à turma, realizou a construção da colmeia e do sofá. Durante as construções foi efetuando situações problemáticas para os alunos resolverem mentalmente.

Inferências e Fundamentação teórica

O 5.º Dom de Fröebel é formado por 21 cubos inteiros, três cubos divididos ao meio e outros três cubos divididos em quatro partes iguais. Na verdade, segundo Caldeira (2009),

é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história (p. 255).

Com este material é possível abordar a noção de metade utilizando os cubos que estão divididos ao meio. Esta percepção visual faz com que o aluno consiga compreender um conceito abstrato, assim como, compreender a noção de divisão. Por outro lado, é possível utilizar este material para trabalhar as frações no final do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Ao chegar à escola o estagiário foi informado que o professor titular não estava presente, pois teve de faltar por motivos pessoais. Para que o estagiário não ficasse sozinho com a turma, foi pedido a dois estagiários que permanecessem naquela sala. Como o docente já tinha previsto que ia faltar, preparou algumas atividades para serem desenvolvidas com o material Cuisenaire.

Durante este momento os estagiários tiveram dificuldade em controlar o comportamento da turma. De facto, os alunos referiram, várias vezes, que eram simplesmente estagiários e que não era preciso respeitá-los, assim como, que com o professor titular o seu comportamento conseguia ser pior.

Após o intervalo, já com o professor de apoio na sala, os alunos tiveram um comportamento diferente e realizaram as tarefas pedidas pelo mesmo.

Inferências e Fundamentação teórica

O comportamento da turma na sala de aula pode resumir-se, em grande parte dos casos, à atitude do docente que a acompanha face ao comportamento. Na verdade, as regras na sala de aula são bastante importantes para que exista um bom clima de aprendizagem e facilite a integração dos alunos na sociedade. De acordo com Amado e Freire (2002):

os conceitos de disciplina e indisciplina estão associados à necessidade de os seus membros se regerem por normas e regras de conduta e de funcionamento que facilitem quer a integração de cada pessoa no grupo-classe, e na organização escolar em geral, quer a convivência social (p. 7).

Desta forma, é bastante importante inculcar regras aos alunos e, acima de tudo, cumpri-las e fazer com que estes as cumpram.

Terça-feira, 2 de novembro de 2010

Antes de iniciar a aula o docente perguntou ao estagiário como tinha sido a aula no que dia em que havia faltado. Este respondeu-lhe, explicando o comportamento da turma até à chegada do professor de apoio. Ao iniciar a aula, o docente, perguntou, novamente, em frente à classe, quais os alunos que se tinham portado mal durante a aula anterior.

Posteriormente foram desenvolvidas propostas de trabalho sobre operações matemáticas.

Sexta-feira, 5 de novembro de 2010

Ao iniciar a aula o docente teve uma conversa com os alunos sobre o comportamento que estes haviam tido ao longo da semana.

De seguida, começou por rever os sinais de pontuação distribuindo uma ficha informativa sobre o tema. Enquanto fazia a revisão pediu a vários alunos que referissem uma frase utilizando os sinais de pontuação adequados.

Depois do intervalo, o professor iniciou um novo conteúdo de Matemática: linhas quebradas abertas e fechadas. Após explicar os conteúdos dividiu a turma em duas metades. Numa das metades os alunos deveriam construir linhas quebradas abertas com plasticina. No outro grupo deveriam, com o mesmo material, construir linhas quebradas fechadas. Antes de iniciar a atividade deixou que estes manipulassem o material. Quando terminaram a tarefa o docente colocou questões de forma a rever os conteúdos ministrados.

Inferências e Fundamentação teórica

A utilização de materiais, concretos, para a compreensão de conceitos abstratos facilita a compreensão dos alunos quanto aos conteúdos que estão a ser trabalhados.

Na verdade, segundo Sousa (2003), “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades.” (p. 160).

Pelo facto do docente ter dado aos alunos tempo para manusear livremente permitiu, citando o mesmo autor, “efetuar a catarse de muitas tensões da psicologia profunda da criança, conduzindo-a a um estado de calma e de segurança ” (p. 255).

Em suma, a introdução da utilização de materiais manipuláveis oferece, à criança, a construção de um pensamento abstrato num pensamento concreto, assim como, lhe dá a oportunidade de suprimir alguma tensão acumulada.

Segunda-feira, 8 de novembro de 2010

O professor, nesta aula, distribuiu uma ficha de Língua Portuguesa, adequada ao nível de leitura de cada aluno. Enquanto os alunos elaboravam a ficha foi chamando, alguns alunos, em grupos de três ou quatro, no máximo, ao pé de si para conseguir trabalhar a leitura através da Cartilha Maternal.

Após todos os alunos terem recebido o acompanhamento da professora foi distribuída uma ficha de trabalho sobre a divisão silábica.

Posteriormente, foi lecionada a aula de música até à hora de almoço.

Inferências e Fundamentação teórica

As aulas de música no 1.º Ciclo do Ensino Básico são muito importantes para o desenvolvimento pessoal e social da criança. Na verdade, segundo Sousa (2003), “crianças com poucos dias de idade exibem já comportamentos musicais (...) [usando] a música nas suas brincadeiras e comunicações.” (p.17).

De acordo com o mesmo autor, a música na educação pretende desenvolver vários objetivos entre eles “a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade.” (p. 19). Com base neste pensamento é possível afirmar que a música não é a principal competência a desenvolver, mas sim a criança.

Os professores que lecionam esta disciplina curricular devem ter formação psicopedagógica. De facto, o professor observado tinha esta formação e conhecimento na área. Por sua vez, a postura do docente ao longo da aula demonstrou que privilegia a formação de valores, capacidades, destrezas e atitudes. Como refere Sousa (2003), “os objectivos não são o saber «tocar bem e afinado» (...) mas a satisfação de necessidades (...) e o desenvolvimento de capacidades” (p. 20)

Em suma, o professor de música deverá preocupar-se com a formação do indivíduo utilizando a música e não os conhecimentos musicais das mesmas.

Terça-feira, 9 de novembro de 2010

No decorrer desta aula os infantes elaboraram uma ficha sobre a decomposição de número.

Após o intervalo os alunos realizaram a leitura de um texto no manual. Demonstraram dificuldades ao ler palavras com a letra /r/ porque não conheciam as regras desta letra. De modo a tentar ajudar os alunos a corrigirem este erro, o docente, realizou um ditado, com palavras retiradas da Cartilha Maternal, em que eram utilizadas as várias regras da letra /r/.

Inferências e Fundamentação teórica

A Cartilha Maternal segundo Ruivo (2009) “é o suporte físico do Método [João de Deus] e que uma coisa não pode existir sem a outra” (p. 118).

Na verdade, o Método João de Deus utiliza um modelo de leitura ascendente e descendente. Referindo a mesma autora citando Gough (1974), o modelo ascendente “defende a ideia de que o estudo de vocabulário é um elemento importante durante o processo de aprendizagem da leitura (...) não existe um envolvimento das experiências e das expectativas do leitor na aprendizagem” (p. 86).

Por sua vez, o modelo descendente, segundo Ruivo (2009) citando Goodman (1980), Norman (1976, Smith (1978) e Mitchell (1983), “os modelos descendentes baseiam-se na ideia de que ler consiste em construir a significação a partir do texto, com o mínimo de tempo e de esforço possível” (p. 86).

Em suma, independentemente do método e das estratégias utilizadas é necessário, para que o aluno aprenda a ler, que o aluno domine as regras para conseguir decifrar a mensagem que lhe é transmitida.

Sexta-feira, 12 de novembro de 2010

Neste dia, um estagiário apresentou a aula. Ao longo da aula teve de abordar conteúdos de Estudo do Meio (A sua escola), Matemática (Numeração romana de I a X) e Língua Portuguesa (Ordenação de frases). Optou por iniciar a aula com a área de Estudo do Meio em que abordou as regras de convivência social, nomeadamente, regras de sala de aula. Através da cooperação dos alunos foram debatidas algumas regras que se consideravam importantes para o bom funcionamento da aula. Após serem estabelecidas as regras, e fazer com que os alunos as cumprissem, o docente

chamou um aluno para o seu colo. Os outros alunos, sem compreenderem o ato, tal como o estagiário, começaram a levantar-se e a desobedecer às regras anteriormente estabelecidas. Quando o debate terminou os alunos representaram, através de um desenho, os elementos participativos da escola: auxiliares de educação, diretores, professores dos diferentes bibles e professores das diferentes áreas e os alunos dos diferentes anos de escolaridade.

Posteriormente iniciou a aula de Matemática. Este tinha preparado uma apresentação, em PowerPoint, com perguntas interativas para desenvolver com os alunos. Porém, não foi possível fazer a apresentação pois, o data show, não apresentava imagem, como tal, foi necessário improvisar a aula. Após explicar a importância da utilização da numeração romana, nos dias correntes, explicou como deveria ser representada utilizando a mão e o quadro. Depois foi realizada uma proposta de trabalho onde os alunos deveriam pintar, utilizando os dedos, a sua idade em numeração romana e a representação do número “IX”. Devido ao comportamento e à falta de execução das normas, o estagiário decidiu que os alunos não deveriam levar brinquedos para o intervalo lembrando, diretamente, alguns alunos. Após regressar da pausa, o estagiário, reparou que os alunos tinham levado os brinquedos para o intervalo. Ao perguntar a um dos alunos o porquê de terem infringido a regra, levando os brinquedos para o intervalo, este afirmou que a professora lhes tinha dito para os irem buscar à sala de aula.

Na segunda parte da aula o comportamento da turma tornou-se mais complicado de controlar. Ao deparar-se com esta dificuldade iniciou a área de Língua Portuguesa, lembrando as regras para que fosse possível aplicar o conteúdo conceptual. Este apresentou vários cartões com palavras que, atrás, tinham escrito a ordem em numeração romana. Como os alunos já haviam desenvolvido este conteúdo optou por entregar uma proposta de trabalho.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante esta aula a maior dificuldade do estagiário foi conseguir manter as regras impostas, no início, enquanto o docente titular fazia que os alunos não as cumprissem. Na verdade, segundo Estrela (1992), “perante a variedade de regras impostas pelos diferentes professores, mesmo que as disciplinas sejam diferentes e afins (...) o aluno não pode deixar de tomar consciência da frágil razão de ser das regras que lhe são impostas” (pp. 58-59). Ao explicar à turma que não poderiam levar brin-

quedos para o intervalo o estagiário tentou mostrar que um comportamento inoportuno tem consequências.

Ao ignorar esta norma o professor fez com que as regras impostas passassem “a ser relativizadas como «manias» do professor.” (p. 59). Segundo o mesmo autor, podemos afirmar que “se as regras criam as condições necessárias às aprendizagens colectivas e as restabelecem quando essas condições são postas em causa, elas desempenham um papel de regulação funcional, harmonizando o sistema normativo e o sistema produtivo da aula.” (p. 59), como tal, o docente nunca deveria ter usurpado as normas impostas. Desta forma, colocou em causa a credibilidade do estagiário e contribuiu para que a aula não fosse desenvolvida como esperada.

Segunda-feira, 15 de novembro de 2010

O docente iniciou a aula explicando aos alunos quem fora João de Deus Ramos, o que tinha feito antes de construir o primeiro Jardim-Escola, como fora importante a sua viagem pela Europa, no desenvolvimento do método, entre outros factos importantes da sua vida. Ao terminar a explicação fez várias perguntas de compreensão oral. Posteriormente distribuiu uma ficha de trabalho, com um resumo do que havia falado e algumas questões de interpretação.

No segundo momento da aula foi trabalhada a divisão justa/resto utilizando os calculadores como representação.

Como está estipulado no horário os alunos tiveram aula de música. Neste dia começaram a treinar as canções para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao realizar a divisão utilizando o material manipulativo os alunos puderam visualizar o conceito de divisão. Na verdade, os Calculadores Multibásicos permitem desenvolver diversas capacidades. Nesta aula o docente abordou vários aspetos de interesse pedagógico. Como base em Caldeira (2009), este desenvolveu a “exploração de atributos; – Associação e comparação; – Contagem de quantidades; (...) – Leitura de números inteiros; (...) – Operações aritméticas (...) – Situações problemáticas.” (p. 188).

Desta forma os alunos conseguiram obter resposta a algumas dúvidas que tinham até então.

Terça-feira, 16 de novembro 2010

Neste dia um estagiário apresentou a sua segunda aula neste momento de estágio. Este começou por contar um conto tradicional. Após terminar o conto, com o auxílio dos alunos, fez um breve resumo do mesmo e realizou algumas questões gramaticais.

De modo a conseguir desenvolver a composição de números, na área curricular de Matemática, optou por utilizar o Cuisenaire. Devido ao comportamento de alguns alunos, o estagiário, pediu aos alunos que arrumassem o material.

Após o intervalo, na área de Estudo do Meio, foi desenvolvido o tema “O espaço da sua escola”. Este apresentou, numa cartolina, a planta do rés-do-chão da escola com as diferentes salas e espaços. Elaborou, também, um pequeno jogo, com adivinhas, em que os alunos, respondendo à questão, teriam de relacionar a resposta com um espaço físico a que correspondia.

Inferências e Fundamentação teórica

O material estruturado Cuisenaire, segundo Caldeira (2009), foi criado por Emile Georges Cuisenaire “como professor primário que era, observava as dificuldades que as crianças do seu tempo tinham em compreender a aritmética” (p. 240). Este material permite ao aluno compreender conceitos abstratos através das diferentes peças coloridas que, de acordo com o Ministério da Educação (2004):

Sendo os objectos da Matemática entes abstratos é importante que os conceitos e relações a construir possam ter um suporte físico.” para além de representar o abstrato permite a “(...) construção de certos conceitos (...) permitindo, assim, uma melhor estruturação desses conceitos. (p. 169).

Desta forma, o material manipulativo Cuisenaire toma um papel bastante importante no desenvolvimento do raciocínio lógico das crianças quando aplicado de forma correta.

Sexta-feira, 19 de novembro de 2010

Devido à Cimeira da Nato praticamente metade da turma faltou à aula. De facto, o professor, ao contrário das outras aulas, não teve dificuldade em controlar o comportamento da turma.

Este iniciou a aula, de Matemática, utilizando o 3.º e 4.º Dom de Fröebel, contando uma história. Ao longo da história foi realizando várias construções e situações problemáticas.

Quando terminou o docente fez a revisão da lição da Cartilha Maternal com os alunos presentes. Posteriormente, distribuiu uma proposta de trabalho para que os infantes a resolvessem após a revisão da lição.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, a Cartilha Maternal está dividida em 25 lições que devem ser desenvolvidas de forma curta e diária. Como afirma Ruivo (2009), o docente deverá realizar uma:

lição curta e diária que a criança vivencia em pequenos grupos, e num espaço de tempo reduzido mas o suficiente para a aprendizagem da regra, da letra, do som que lhe permite ir crescendo em conhecimento, que associado a outros anteriores a fazem consolidar a aprendizagem da lição. (p. 119).

Tendo em conta que cada aluno tem o seu ritmo de trabalho/aprendizagem a Cartilha é ensinada individualmente, ou em pequenos grupos homogêneos, segundo Ruivo (2009):

cada criança elabora o seu próprio manual à medida que vai avançando nos conhecimentos, com a ajuda do professor (...) Os princípios do Método contemplan, também nesta área, um ensino individualizado e diferenciado para cada aluno (...) O professor/educador precisa de ter no seu portefólio de actividades exercícios bem organizados e abundantes para que a cada criança seja dada uma tarefa de consolidação adequada às suas capacidades e conhecimentos. (pp. 150-151).

Em suma, para a aprendizagem eficaz de uma lição é necessário que o aluno tenha compreendido as regras anteriormente apreendidas. Apesar de a Cartilha estar dividida em 25 lições estas complementam-se. Como tal, é necessário que antes de se iniciar a lição pretendida seja realizada uma revisão do que foi trabalhado anteriormente.

Segunda-feira, 22 de novembro de 2010

Neste dia foram feitas as avaliações surpresas pelos professores da Escola Superior de Educação João de Deus. A primeira aula visualizada foi no último ano do ensino pré-escolar (bibe azul).

A segunda aula, também se tratava de um tema de Língua Portuguesa na qual o estagiário teve de abordar um texto, escolhido anteriormente pelo docente, fazendo a interpretação e análise gramatical do mesmo.

Seguiu-se a reunião em que foi realizada uma retrospectiva das aulas desenvolvidas pelos estagiários.

Terça-feira, 23 de novembro de 2010

Neste dia o docente iniciou a aula fazendo uma revisão da décima sétima lição da Cartilha Maternal. Para tal, distribuiu uma proposta de trabalho com um texto de autor desconhecido. Durante a leitura do texto foi notável as dificuldades que os alunos apresentaram ao ler.

Na continuação da aula, os alunos representaram a numeração romana até XX. Estes apresentaram algumas dificuldades em compreender. Porém, após o docente ter explicado que se tratava do mesmo tema que o estagiário havia apresentado, os alunos compreenderam, com facilidade, como iria ser a numeração romana até XX, sendo que poucos alunos confundiram os símbolos.

A manhã de observação terminou com o ensaio para a peça de Natal.

Inferências e Fundamentação teórica

Na décima sétima lição da Cartilha Maternal aprendem-se as regras da letra /r/. Esta deve ser lecionada ao longo de dois momentos. O primeiro momento encontra-se dividido, também, em duas partes. Na primeira parte explica-se como é que se lê a letra /r/ quando está no início de uma palavra ou quando estão dois /r/ juntos. Na segunda parte ensina-se a ler a letra quando não se encontra no início de palavra ou quando está sozinha.

Ruivo (2009) refere “João de Deus aconselha a que se não ensine aqui as exceções desta letra. Só na lição do /h/ na palavra /honra/ é apropriado falar delas.” (p. 171).

No segundo momento desta lição é realizada a leitura, como refere Deus (1997), de “um texto escrito, [a criança] cria confiança, é um estímulo e um exercício.” (p. 69). A mesma autora refere ainda que anteriormente “são explicados os sinais de pontuação para o aluno ler com a entoação certa.” (p. 68).

Sexta- feira, 26 de novembro de 2010

Neste dia os alunos elaboraram a avaliação escrita de Matemática.

Após o intervalo, e finalizada a prova, foi desenvolvida uma proposta de trabalho na qual os alunos teriam de identificar os acentos que faltavam num texto. Os infantes apresentaram algumas dificuldades, pois muitos não conheciam as palavras apresentadas no texto.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura é um processo que envolve bastante treino, por parte do aluno, e persistência por parte do professor. Na verdade, segundo Sim-Sim; Duarte e Ferraz (1997), a leitura é “o processo interactivo entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo.” (p. 27).

Para que este processo seja feito com eficácia é necessário que os alunos consigam realizar a decifração de forma automatizada. Como afirmam os mesmo autores, após os alunos terem “automatizado o processo de decifração, a escola tem de proporcionar às crianças a oportunidade de lerem ” (p. 60) para que, desta forma, os alunos consigam desenvolver este processo ao longo da sua escolaridade. Deste modo, a escola deverá garantir textos diversificados e com diferentes fins.

1.2. 2.ª Secção: 2.º B

1.2.1. Caracterização da turma

Todos os dados expostos, de seguida, foram retirados do PCT fornecido pelo docente titular da sala. A turma do 2.º B é composta por 24 alunos. Destes, 13 são do sexo masculino e 11 do sexo feminino com sete anos de idade até ao presente ano civil.

Somente dois alunos entraram, para a instituição, com cinco anos de idade. Os restantes frequentam o Jardim-Escola desde os três anos.

Na turma existem três alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e um aluno demonstra ter problemas comportamentais. Para os alunos com mais dificuldades é realizado um PEI para que sejam diagnosticados os casos de Necessidades Educativas Especiais.

Estes dados foram elaborados de acordo com o Plano Curricular de Turma.

1.2.2. Caracterização do espaço

Esta sala encontra-se no 1.º piso do Jardim-Escola. A sala de aula é constituída por 25 secretárias e 25 cadeiras. Estas estão repartidas em duas filas. No fundo da sala encontra-se a secretária do professor e, ao lado, a secretária de um aluno que demonstra ter problemas comportamentais. Por trás destas existem estantes onde o docente arruma o material e uma pequena biblioteca de turma. De frente para as carteiras encontra-se o quadro de lousa. Do lado esquerdo da sala há várias janelas que permitem a entrada de luz natural. Do lado direito encontram-se vários placares de cortiça onde o docente coloca esquemas dos últimos conteúdos lecionados.

Na verdade, esta é uma sala de passagem que as outras turmas utilizam para ir à casa de banho ou para o intervalo através de duas portas uma do lado do quadro e outra ao pé da biblioteca de turma.

1.2.3. Rotinas

As rotinas deste momento de estágio são iguais às retratadas na secção anterior.

1.2.4. Horário

De seguida vai ser apresentado o horário da turma:

Quadro 5 – Horário do 2.º ano turma B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00	Leitura				
9h 30 – 11h00	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
11h30 – 13h00	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	L. Portuguesa	Educação Física.	Inglês	Matemática	Língua Portuguesa
15h30 – 16h30	Estudo do Meio	Matemática	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Informática/Biblioteca
16h30 – 17h00	Música	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Assembleia
17h00 – 17h15	Lanche/Saída				

1.2.5. Relatos diários

Segunda-feira, 29 de novembro de 2010

Durante este dia realizaram-se algumas avaliações surpresas e aulas assistidas. No 3.º ano realizou-se uma aula surpresa de interpretação e análise gramatical de um texto.

Posteriormente realizou-se a reunião sobre os momentos de avaliação efetuados.

Terça-feira, 30 de novembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Sexta-feira, 3 de dezembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Segunda-feira, 6 de dezembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Terça-feira, 7 de dezembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Sexta-feira, 10 de dezembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Segunda-feira, 13 de dezembro de 2010

Ao longo deste dia foram realizadas as pinturas dos cenários para a festa de Natal.

Terça-feira, 14 de dezembro de 2010

Neste dia foi realizada a festa de Natal do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Ao longo de todo o dia foram apresentadas várias representações dos alunos dos três anos de idade ao 4.º ano de escolaridade, que os pais puderam observar.

Inferências e Fundamentação teórica

A representação dos alunos é feita para os pais dos alunos que assistem na plateia. Na verdade, segundo Sousa (2003):

O teatro com crianças, também às vezes chamado de teatro infantil, refere-se a uma forma de teatro (com palco e plateia), com peça escrita e com público, em que os actores são as crianças (...) os mais velhos, pode revestir-se de uma forma de trabalho cooperativo realizado sob a forma de grupo teatral, onde cada um desempenha o seu papel (p. 85).

É importante que o tema desenvolvido na peça, assim como, toda a sua preparação seja realizada pelos alunos, de modo a que sejam desenvolvidas capacidades, valores, atitudes e destrezas na preparação da peça.

O mesmo autor refere, com base em Magalhães e Gomes, que

embora o objectivo seja a realização de um espectáculo, o valor educativo reside, porém, na sua preparação, em todo o trabalho de imaginação, de concepção, de interajuda, de cooperação, de criatividade colectiva – uma poderosa forma prática de educação comunitária em que a criança desenvolve não só as suas capacidades psicossociais como toda a sua personalidade (p. 85).

Porém, a peça da turma, que está a ser relatada nesta secção, realizou, somente, os ensaios para a apresentação. Desta forma, segundo Sousa (2003), um “resultado final é o triste espectáculo (...) nestas festas que se dizem para as crianças, mas havendo apenas adultos na plateia e crianças nervosas, assustadas e angustiadas, nos bastidores.” (p. 85).

Em suma, é importante os alunos participarem, ativamente, nestes espectáculo construindo os cenários, realizando o guião da peça, entre outras tarefas fundamentais realizadas pelos estagiários e professores.

Sexta-feira, 17 de dezembro de 2010

Neste dia, por motivos pessoais, não foi possível comparecer na Prática Pedagógica.

Segunda-feira, 3 de janeiro de 2011

Sendo esta a primeira aula do ano, o professor, começou por falar com os alunos sobre as férias do Natal. Após este momento, entregou uma ficha de consolidação de alguns conteúdos desenvolvidos, a Matemática, ao longo do 1.º período.

Na segunda parte da aula os alunos elaboraram a leitura do texto “Malaquias no meio das cores” do manual de Língua Portuguesa. Após lerem o texto foi realizado um exercício ortográfico.

Inferências e Fundamentação teórica

O Programa de Língua Portuguesa do Ensino Básico refere que a expressão oral deverá ser uma capacidade que as crianças devem desenvolver. Na verdade, segundo Reis (2009), “é fundamental que se evolua de situações de comunicação oral informais para situações progressivamente mais formais.” (p. 69). Ao iniciar as aulas conversando com os alunos o docente, realizando uma comunicação oral informal, vai praticando o discurso dos alunos. Na verdade, é importante, tal como foi feito, que este respeite o facto de alguns alunos não quererem falar por não se sentirem à vontade.

Terça-feira, 4 de janeiro de 2011

Neste dia foi realizada uma aula assistida por professores, da Escola Superior de Educação João de Deus. O estagiário abordou as áreas curriculares de Língua Portuguesa (determinantes indefinidos), Estudo do Meio (marés) e Matemática (raiz quadrada).

Sexta-feira, 7 de janeiro de 2010

Esta aula teve início com a leitura, silenciosa, de um texto de Sidónio Muralha “O Inverno chegou”. Quando realizou algumas questões de interpretação do texto compreendeu que os alunos tinham entendido muito pouco do que haviam lido. Desta forma, pediu a alguns alunos que lessem em voz alta. Ao longo das questões que ia realizando, abordava assuntos que lhes eram comuns, fazendo com que estes se identificassem com as perguntas e, conseqüentemente, participassem com mais interesse.

Posteriormente, foi realizada uma aula surpresa supervisionada pelo professor da sala e dois professores da escola Superior de Educação João de Deus. O estagiário deveria realizar a leitura de um texto, interpretação e análise gramatical do mesmo.

Inferências e Fundamentação teórica

Ao longo de toda a formação superior tem sido referida a importância de planificar as aulas para que seja possível desenvolver, de forma mais organizada e pensada, as capacidades dos alunos.

Como refere Peterson (2003):

O plano de aula é um projecto pensado, reflectido, elaborado como um conjunto de operações ordenadas escalonadas, destinadas a alcançar determinados objectivos (...) Sendo um guião nas mãos do professor, o plano de aula constitui uma selecção dos aspectos fundamentais da aula que permitam ao professor não correr o risco de improvisar e de se perder. (p. 79).

O formando ao realizar uma aula deverá ter em atenção a estratégia que utiliza para que consiga alcançar as metas pretendidas. Nestes casos o formando pode ficar nervoso, com a avaliação, afetando a sua prestação.

Realizar uma aula sem a ter planificado, caso o estagiário não esteja à vontade com o conteúdo que foi pedido, pode fazer com que os alunos construam ideias erradas sobre um tema. Após os alunos terem sido advertidos dos erros, pode colocar em causa a fidelidade do formando, afetando, conseqüentemente, a forma como é visto pelos alunos da turma e a sua motivação não só para os momentos vindouros da prática pedagógica, mas também para a sua carreira como docente.

O que não foi o caso!

Segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

O docente iniciou a aula distribuindo uma proposta de trabalho de forma a consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo do 1.º período.

Na segunda parte da manhã os alunos realizaram a leitura de um texto, do manual, silenciosamente. Ao terminarem de ler a segunda vez, foi distribuída uma ficha de trabalho com perguntas de interpretação sobre o texto. Realizou-se um exercício ortográfico em que o professor lia, em voz alta, várias palavras sem explicar a frase onde estavam inseridas.

Inferências e Fundamentação teórica

Os exercícios ortográficos, ditados, podem ser realizados de várias maneiras de forma a avaliar a capacidade do aluno em *traduzir* os fonemas que ouve em escrita.

De facto, segundo Rebelo (1993), “o ditado, pela sua qualidade de meio de comparação entre sujeitos e pela dependência estabelece entre a fonética e a escrita, é o instrumento considerado mais adequado e, portanto, mais utilizado para o diagnóstico de problemas de escrita” (p. 185).

O docente optou por realizar um ditado de palavras. Este lia uma palavra e os alunos deveriam escrever a palavra que ouviram. Desta forma o professor verifica, segundo o mesmo autor, “se a criança escreve correctamente, se atingiu um nível razoável de competência ortográfica” (p. 185).

Porém, é necessário que o docente dite a palavra de forma clara e sem equívocos, tendo em atenção o sotaque e a pronúncia utilizada para que todos os alunos consigam compreender.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2011

O professor iniciou a aula introduzindo a prova dos nove da multiplicação. Este começou por lembrar como era aplicada na adição e na subtração e, em seguida, explicou como era aplicada na multiplicação. Posteriormente à explicação, os alunos realizaram vários exercícios, individualmente, de forma a aplicar o novo conteúdo. Neste momento um dos alunos recusou-se a elaborar o exercício. O docente ao deparar-se com a situação avisou-o que ia ligar para o seu pai. Nesse momento o aluno começou a realizar os exercícios propostos.

À medida que iam terminando, os alunos iam realizando frisos na folha de matemática conforme a forma estipulada pelo docente no quadro.

Inferências e Fundamentação teórica

O aluno tem a oportunidade de decidir se quer, ou não, aprender o conteúdo que está a ser lecionado. Este não deverá ser imposto de forma forçada. De facto, segundo Loughran (2009):

a aprendizagem de qualidade exige o consentimento do aluno. Os professores não podem mandar na aprendizagem. O ensino dá aos alunos oportunidades

de escolherem como (e se) se irão dedicar à aprendizagem e como irão construir a sua própria compreensão através dessas experiências. (p. 25).

Como tal, é preciso que o aluno compreenda a necessidade, na sua vida, do conteúdo que está a ser transmitido e que o professor adapte o conteúdo para tal, de forma a que encoraje as aprendizagens e motive os alunos envolvendo-os.

Sexta-feira, 14 de janeiro de 2011

Neste dia, por motivos pessoais, não foi possível comparecer na Prática Pedagógica.

Segunda-feira, 17 de janeiro de 2011

Como é habitual, os alunos iniciaram o dia realizando uma proposta de trabalho de Matemática que pretendia rever a leitura de números. Porém, na área de Língua Portuguesa, foi distribuído um poema de autor desconhecido. O professor pediu que cada aluno realizasse a leitura silenciosa do poema. Posteriormente, pediu que cada um lesse um verso em voz alta e, após ter explicado as várias características de um poema, realizou um poema onde cada aluno dizia um verso. O docente ia escrevendo no quadro os versos referidos.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura é uma capacidade que necessita de muita prática. Na verdade, citando Antão (1997), “A leitura é uma prática complexa e multifacetada. Ela distrai e dá prazer” (p. 13). Desta forma é necessário que o docente realize atividades diversificadas e atrativas para demonstrar que a leitura não é uma obrigação sem sentido. O docente deverá provar, através dos textos que apresenta que, referindo o mesmo autor, “ler é indispensável e que a leitura (seja qual for o móbil e objectivo, independentemente da técnica utilizada) constitui uma actividade nobre que irreversivelmente transmite cultura e saber” (p. 9).

Em suma, o docente tem um papel fulcral no desenvolvimento da leitura dos alunos. A capacidade deste influencia o aluno e a forma como este encara a leitura.

Terça-feira, 18 de janeiro de 2011

Na aula de Língua Portuguesa, o docente, apresentou as três conjugações verbais. Ao apresentar, a 1.^a conjugação, explicou como se identificava, deu alguns exemplos e pediu a alguns alunos que dessem mais exemplos. Posteriormente, repetiu o processo para a 2.^a conjugação e 3.^a conjugação. Quando acabou de explicar à turma um aluno perguntou se não havia nenhum verbo terminado em “or” ou “ur”. O professor explicou que não existiam verbos terminados em “ur”, assim como, recorrendo a um exemplo, que o verbo “pôr” era identificado como fazendo parte da 2.^a conjugação. Posteriormente foi realizada uma proposta de trabalho sobre o tema.

Na aula de matemática realizaram-se várias situações problemáticas em que os alunos deveriam realizar a divisão com um algarismo no divisor.

Inferências e Fundamentação teórica

O professor, enquanto rege uma sala de aula, deve mostrar alguma autoridade de forma equilibrada e conseguir adaptar-se aos alunos que tem à sua frente. Porém, nem sempre é possível observar este tipo de docente. Segundo Maya (2000):

é importante discriminar diversos tipos de medo dos alunos. (...) mas o medo pode também ser fruto da imposição exagerada por parte do professor, que coarctta o modo de ser e de estar dos alunos. Só este último é gerado pelo autoritarismo. (p. 128).

Na verdade, este professor pode caracterizar-se como sendo um professor autoritário. Segundo Amado e Freire (2002), as suas atitudes, do professor autoritário, “são de vigilância constante e «desconfiada» (...) e de grande distanciamento afectivo (...) que usam como meios de controlo a ameaça” (p. 32).

Porém, citando Maya (2000), “os alunos preferem que o professor adopte um estilo autoritário” (p. 128).

Em suma, é necessário que o professor consiga controlar o comportamento da turma criando uma relação de afetividade com a mesma, sem que se torne demasiado permissivo.

Sexta-feira, 21 de janeiro de 2011

O professor titular iniciou a aula realizando vários problemas e situações problemáticas em que era necessário recorrer à divisão com um algarismo. O professor, ao deparar-se com a dificuldade de compreensão do conteúdo, tentou recorrer a materiais, canetas e lápis, para explicar como se realizava a operação da divisão.

Inferência

Quando o docente planifica a aula não consegue prever, exatamente, as questões e dúvidas que poderão surgir. O professor deverá ter a capacidade de adaptar a sua aula para que consiga esclarecer as dúvidas. De facto, a utilização de materiais e de problemas que façam parte quotidiano dos alunos facilita a aquisição dos conhecimentos.

O professor titular ao recorrer ao material do aluno fez com que este ficasse motivado, por ver o seu material exibido, e esclareceu as dúvidas sem dificuldades.

Segunda-feira, 24 de janeiro de 2011

Neste dia foi um estagiário a apresentar a sua aula. Iniciou com Língua Portuguesa (Presente do modo Indicativo) com a utilização de um PowerPoint. Posteriormente, iniciou o Estudo do Meio (Instituições), utilizando o PowerPoint como apoio e terminou a sua aula com um jogo de tabuleiro. Este estava dividido em cinco tipos de casas com cores diferentes. As que estavam identificadas a amarelo, correspondiam a Matemática, as verdes, a Estudo do Meio, as encarnadas a Língua Portuguesa e as azuis, relativas às casas de bónus. Após dividir a turma em quatro grupos diferentes o estagiário atribuiu, a cada grupo, um peão com a imagem de uma profissão relacionada com diversas instituições.

Os alunos atiravam o dado e, consoante a casa onde calhavam, tinham de responder a uma questão sobre o tema. Caso estes ficassem numa casa de bónus poderiam jogar o dado novamente. O primeiro grupo a chegar ao final venciu o jogo. Tendo em conta que o tema de Matemática já havia sido abordado várias vezes em sala de aula e os alunos não mostraram dificuldade no mesmo (multiplicação e divisão com múltiplos de 10), o estagiário optou por incluir questões sobre o tema no jogo abordando, desta forma, o tema.

Inferências e Fundamentação teórica

O jogo é uma estratégia de aprendizagem lúdica que permite a aquisição de conhecimentos. Na verdade, Neto (2003), citando Piaget (1971), refere que “o jogo tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo da criança” (p. 232). Através desta estratégia o aluno aprende sem que note. O mesmo autor refere ainda que esta estratégia é um “processo de assimilação, [que] tem uma função de exercitação e extensão do aprendido, bem como a consolidação de algo já experimentado.” (p. 232).

Sendo esta uma estratégia atrativa que permite ao aluno consolidar os conhecimentos previamente adquiridos foi importante a sua realização no final da aula. Desse modo, os alunos puderam descontraír e divertir-se, aprendendo, após a manhã de aula.

Terça-feira, 25 de janeiro de 2011

O docente iniciou a aula apresentando um texto do manual. Como é habitual, após a leitura do texto, o professor realizou questões de interpretação e de análise gramatical.

Na aula de Matemática o professor utilizou o geoplano para trabalhar as figuras simétricas.

Inferências e Fundamentação teórica

O geoplano é, segundo Damas et al. (2010), “constituído por tabuleiros e pregos (...), com uma determinada posição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas” (p. 87).

Este material é utilizado, normalmente, para desenvolver problemas geométricos. Neste caso foi utilizado para trabalhar, especificamente, transformações geométricas. De facto, segundo Serrazina e Matos (1988), “as transformações geométricas são funções matemáticas que envolvem, entre outras, a capacidade de realizar mentalmente uma transformação.” (p. 217).

Na verdade, estas podem ser importantes para o dia-a-dia da criança no que diz respeito à visualização espacial.

Sexta-feira, 28 de janeiro de 2011

O docente iniciou a aula lendo um texto do manual e respondendo a questões orais sobre o modo Indicativo relativo ao tempo verbal do Presente e Futuro. Após a análise do texto o professor salientou o facto de existirem palavras que eram escritas de formas diferentes, mas lidas da mesma forma, iniciando o tema das palavras homófonas.

Na aula de Matemática o professor apresentou situações problemáticas recorrendo ao Cuisenaire. Numa das situações, o docente, explicou várias vezes o exercício, porém, de cada vez que repetia explicava de uma forma diferente. Ao iniciar a correção do exercício deparou-se com o facto de vários alunos terem entendido o exercício de forma diferente. Ficou bastante nervoso e respondeu de forma agressiva ao concluir que a falha tinha sido sua.

Inferências

O professor quando leciona um conteúdo deverá compreendê-lo e utilizar estratégias que não sejam ambíguas. De facto, o docente quando explicou o conteúdo de forma diferente demonstrou que não estava preparado para a dúvida que surgiu. Sendo que a sua explicação suscitou mais dúvidas.

O docente deveria ter tido a capacidade de admitir o seu erro e reformular a questão de um modo mais claro e compreensível tendo em conta a faixa etária dos alunos.

Segunda-feira, 31 de janeiro de 2011

Neste dia foram realizadas aulas assistidas. A aula foi iniciada com a realização de situações problemáticas com números complexos. O estagiário distribuiu diferentes algoritmos móveis por cada aluno em conjunto com um material estruturado criado pelo mesmo. Na área curricular de Língua portuguesa distribuiu um texto, por aluno, sobre o tema que viria a abordar na aula de Estudo do Meio. Pediu que os alunos lessem o texto e realizou a análise gramática, assim como, a sua interpretação.

Depois da análise do texto o estagiário abordou o tema, as plantas, mais concretamente as raízes com apoio num PowerPoint elaborado pelo mesmo.

Terça-feira, 1 de fevereiro de 2011

Neste dia o docente iniciou a aula realizando algumas divisões. Na verdade, este pretendia abordar a prova dos nove da divisão. Dada a complexidade do tema iniciou o dia abordando Matemática, ao contrário do habitual.

Ao explicar como era realizado o conteúdo, expositivamente, os alunos ficaram bastante baralhados e não o compreenderam.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, os alunos começam a construir ideias sobre os diversos temas, na Matemática, através das aprendizagens adquiridas anteriormente. Segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira. (1999), “o aluno dá significado às coisas a partir daquilo que sabe, de toda a sua experiência anterior, e não necessariamente a partir da lógica interna dos conteúdos” (p. 24). Por esse motivo os alunos sentiram dificuldade na compreensão do tema. Por outro lado, citando os mesmos autores e frisando o que já havia sido dito noutra inferência e fundamentação teórica:

a aprendizagem requer o envolvimento das crianças em actividades significativas (...) Porém, não adianta ensinar coisas novas de modo expositivo se as crianças não tiveram oportunidade de viver experiências concretas sobre as quais essas explicações podem fazer sentido. (pp. 24-25).

É importante que o docente tenha a capacidade de introduzir conteúdos novos, na área da Matemática, com estratégias diferentes sem utilizar o método expositivo para que os alunos consigam compreender os conteúdos.

Sexta-feira, 4 de fevereiro de 2011

Neste dia um estagiário apresentou a aula que havia preparado. Este iniciou a aula revendo o tempo Futuro do modo Indicativo. Na aula de Matemática apresentou várias situações problemáticas e explicou como deveria ser realizada a prova dos nove e a prova real pela operação inversa na multiplicação e na divisão.

O estagiário terminou a manhã falando dos transportes públicos com a apresentação de imagens e vídeos. Na verdade, apresentou transportes que não são muito abordados em contexto de sala de aula como por exemplo o Elevador de Santa Justa e diversos Ascensores.

Inferências e Fundamentação teórica

A área de Estudo do Meio desperta bastante curiosidade nos alunos. Os temas apresentados respondem a muitas questões que estes fazem diariamente. O docente quando leciona estes conteúdos deverá fazê-lo de forma a utilizar os conhecimentos que estes já têm sobre o tema. Como refere Martins et al. (2007) “o que o aluno já sabe é um factor crítico que afecta a aprendizagem futura”. (p. 25).

Na verdade, durante esta aula, ao abordar os transportes, o estagiário tentou apresentar transportes que os alunos não conhecessem. Estes conteúdos permitem, ao docente, estimular a curiosidade e vontade de aprender nos alunos.

De facto, como refere Antunes (2001), o docente deverá “mais do que impor temas, o professor procura maximizar as oportunidades de os alunos aprenderem a partir dos seus interesses, gostos e motivação” (p. 254).

Em suma, é importante que o docente tenha a capacidade de cativar e motivar os alunos. Neste dia foram utilizados meios audiovisuais para suscitar interesse. Porém, é preciso frisar que os meios audiovisuais, por si só, não asseguram a qualidade do ensino. É necessário saber utilizá-los e através do diálogo, por exemplo, enriquecer o modo como a aula é dirigida.

Segunda-feira, 7 de fevereiro de 2011

No início desta aula o docente começou por realizar um exercício ortográfico. Durante a leitura o professor leu algumas frases num tom bastante baixo.

De seguida, o docente introduziu o manuseamento do transferidor, de modo a medir a amplitude de ângulos. Após ter explicado as características do ângulo obtuso, agudo e reto foram distribuídas propostas de trabalho sobre o mesmo tema.

Um dos alunos pediu auxílio ao estagiário após ter terminado a ficha para que este identificasse possíveis erros. Quando viu alguns erros o estagiário pediu para que o aluno revisse o exercício e encontrasse os erros. Quando este se deparava com um erro, reagia de uma forma bastante agressiva batendo na mesa e atirando o material para o chão. Ao deparar-se com esta situação o estagiário acalmou o aluno e mostrou que eram exceções por falta de atenção.

Inferências e Fundamentação teórica

A resiliência é uma capacidade que deve ser desenvolvida durante o crescimento da criança. Segundo Grotberg (1999):

A definition of resilience that appears to incorporate the literature and is used in the International Resilience Project is: Resilience is a universal capacity which allows a person, group or community to prevent, minimize or overcome the damaging effects of adversity. Resilience may transform or make stronger the lives of those who are resilient (...) resilience may be promoted not necessarily because of adversity, but, indeed, may be developed in anticipation of inevitable adversities. (p. 213).

De facto, a resiliência permite que o indivíduo consiga ultrapassar problemas/dificuldades com mais facilidade sem que se deixe desmotivar. Esta capacidade não é, de todo, algo que não se possa desenvolver ao longo da vida. Segundo Cyrulnik (2001), “aqueles que foram privados destas aquisições precoces poderão estabelecer-las mais tarde, mas mais lentamente, com a condição de que o meio circundante” (p. 226).

Concluindo, caso o meio não *ofereça* condições ao indivíduo para desenvolver esta capacidade este poderá ter grandes dificuldades em ultrapassar os problemas que enfrentará no seu dia-a-dia. Desta forma, a escola, espaço físico onde as crianças passam grande parte do seu tempo, deve ter a preocupação de conseguir desenvolver esta aptidão. Deste modo, é importante desenvolver esta capacidade no aluno referido no relato. Visto que sem resiliência o seu desenvolvimento social e pessoal poderá ser afetado.

Terça-feira, 8 de fevereiro de 2011

No início da aula o docente apresentou a divisão com dois algarismos no divisor. Depois de ter corrigido os exercícios ortográficos da aula do dia 7 de Fevereiro de 2011, o docente decidiu ser pertinente realizar uma ficha com exercícios destinados a alunos com dislexia. Os alunos deviam colocar uma das letras apresentadas na lacuna da palavra.

Após corrigir os exercícios este supôs que alguns alunos deveriam ter dislexia devido ao invulgar número de lacunas realizadas.

Visto que ainda tinha tempo para apresentar o tema que iria apresentar à tarde o docente abordou, a Estudo do Meio, os itinerários. Com o apoio do manual.

Inferências e Fundamentação teórica

A dislexia, com base em Valett (1990), “a dislexia é definida como um distúrbio grave de leitura devido à imaturidade e à disfunção neuropsicológica.” (p. 1). Porém, é preciso frisar que muitos alunos têm dificuldades na leitura e isto não faz com que estes tenham dislexia. Os casos de dislexia necessitam de um apoio especial para que estas dificuldades sejam superadas.

A detecção de casos de dislexia através dos exercícios realizados na aula pode ser falaciosa. De facto, os alunos estão condicionados ao facto de não conhecerem as palavras expostas.

Para que tal fosse diagnosticado eficientemente o aluno deveria realizar vários testes com profissionais da área. O professor tem um papel fulcral na suposta “detecção” destes casos e deverá, como foi feito, informar os encarregados de educação para que a situação seja averiguada por profissionais da área.

Sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Ao iniciar a aula o professor da sala de aula pediu aos alunos que lessem um texto do manual várias vezes para si mesmo. Este advertiu os alunos para fazerem uma leitura consciente, pois iria ser feita a avaliação da mesma. Depois de ter dado tempo para ler, pediu aos alunos para realizarem a leitura de um parágrafo do texto. Passados alguns minutos este pediu para que um aluno lesse o texto em voz alta e, após ter terminado a leitura, pediu-lhe a autoavaliação: este disse a classificação a que correspondia a sua leitura.

O professor, na segunda parte da aula, distribuiu uma ficha de trabalho de Matemática. Esta continha várias situações problemáticas em que os alunos, posteriormente, deveriam realizar a prova dos nove.

Inferências e Fundamentação teórica

A utilização de propostas de trabalho pode ser uma forma de aferir se os conhecimentos dos alunos foram, ou não, adquiridos. Assim como, compreender as dificuldades que, por vezes, os alunos não esclarecem em contexto de sala de aula. Porém, utilizado sistematicamente torna-se uma tarefa que não desenvolve algumas capacidades importantes no desenvolvimento da criança.

Como referem Sá e Varela (2007):

Nas salas de aula desse nível de ensino continua a imperar o cinzento pedagógico de giz e quadro (lápiz e papel) da “instrução primária” de há 40 anos. Por isso, as nossas crianças não têm a oportunidade de desenvolver conceitos primários que se constroem na relação directa com os objectos concretos, manipulando-os, sentido-os e experimentando-os. (p. 14)

Desta forma, é necessário utilizar materiais estimulantes para a aprendizagem dos alunos. Visto que a escola tem materiais que estimulam a aprendizagem e melhoram as capacidades cognitivas dos alunos, deve-se utilizá-los.

1.3. 3.ª Secção: 3.º B

1.3.1. Caraterização da turma

Os dados apresentados, de seguida, foram retirados do PCT facultado pelo professor titular da turma.

A turma do 3.º ano B é constituída por 21 alunos. Destes, 11 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino todos eles têm 8 anos de idade até dezembro de 2011.

Só um dos elementos começou a frequentar a instituição no 2.º ano de escolaridade. Os restantes alunos frequentam a instituição desde os 3 anos de idade.

Seis dos alunos da turma revelam dificuldades de aprendizagem e quatro problemas comportamentais.

1.3.2. Caraterização do espaço

A sala do terceiro ano é bastante comprida. Tanto do lado esquerdo como do lado direito, de frente para o quadro, existem janelas que permitem a entrada de luz solar durante o dia todo.

Esta sala tem um quadro interativo e vários aparelhos audiovisuais. Os alunos estão sentados em pares de frente para o quadro. Já a secretária do professor encontra-se no fundo da sala junto dos armários onde são guardados os dossiers dos alunos.

É importante frisar que esta é uma sala de passagem que os alunos do Jardim-Escola utilizam para entrar no ginásio ou ir à casa de banho.

1.3.3. Rotinas

Na verdade, as rotinas são semelhantes ao retratado na secção anterior.

1.3.4. Horário

De seguida será apresentado o horário da turma:

Quadro 6 – Horário 3.º ano turma B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00 – 11h00	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa
11h30 – 13h00	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	Estudo do Meio	Música	História	Computa- dores e biblioteca	História
15h30 – 16h30	Educação Física	Clube de Ciências	Estudo do Meio	Trabalhos Manuais	Inglês
16h30 – 17h	Área de Projeto e Arrumar trabalhos	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Trabalhos manuais	Assembleia

1.3.5. Relatos diários

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Neste dia foi possível observar uma aula realizada por um estagiário e avaliada pelos professores de Prática Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus. No espaço de uma hora, teria de apresentar a Área do Triângulo (Matemática), Leitura, Interpretação e Análise gramatical de um texto (Língua Portuguesa) e Funções e tipos de Folhas (Estudo do Meio).

Terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

Ao iniciar a aula o docente projetou um texto no quadro interativo, “Tal pai tal filho” da coleção Expresso. Este pediu que os alunos fizessem a leitura, silenciosa, e posteriormente pediu que lessem em voz alta. Quando o aluno terminou de ler, o final do texto apresentado, o professor pediu-lhes que realizassem um exercício escrito onde tinham de terminar o texto. Quando terminado o exercício leu a conclusão do livro.

Foi realizada, também, a chamada oral da tabuada. O docente, em voz alta, pedia a um aluno, aleatoriamente, que dissesse o produto dos números ditos.

Após o intervalo realizou a revisão da Área do Triângulo e das Folhas, apresentado por um estagiário na aula anterior, pedindo aos alunos para que, com o acompanhamento do estagiário, fossem buscar folhas diferentes ao espaço do recreio.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, a leitura silenciosa é um exercício bastante importante para o leitor. Segundo Antão (1997), “a leitura silenciosa permite a leitura rápida, uma vez que pronunciar vocábulos é um processo muito mais lento do que visualizar um grupo de palavras e associá-los, mentalmente, ao significado respectivo.” (p. 46).

Esta leitura permite que o aluno vá treinando a descodificação do texto. De facto, ao realizar a leitura em voz alta de seguida o docente consegue detetar possíveis erros na leitura que foi realizada anteriormente.

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Neste dia o professor da sala iniciou o dia com um exercício ortográfico.

Posteriormente, distribuiu Blocos Lógicos pelos alunos e deixou-os construir figuras livremente. De seguida, calculou a área e o perímetro das figuras realizadas. Ao terminar, introduziu o tema da Fotossíntese. Para tal realizou uma breve revisão dos constituintes da folha e a sua função.

Inferências e Fundamentação teórica

A utilização de materiais estruturas permite uma melhor compreensão dos conteúdos matemáticos. Os blocos lógicos são um material que se pode ser trabalhado do ensino Pré-escolar até ao 2.º Ciclo do Ensino Básico. De facto, é um material muito eficaz no desenvolvimento de capacidades e destrezas de forma lúdica e atrativa. Como refere Damas et al. (2010) “O uso destas peças lógicas permite a realização de actividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica, indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais.” (p. 13). As actividades realizadas com este material devem permitir à criança construir o seu pensamento lógico e reflexão através da observação.

Antes de iniciar as actividades o docente deverá, como referem as mesmas autoras, “proporcionar actividades livres” (p. 17).

A cor dos materiais permite que os alunos compreendam que a área e o perímetro variam consoante as dimensões e não pelas cores que estes apresentam. Desta forma, o aluno conseguirá abstrair-se de aspetos desnecessários à realização de problemas.

Segunda-feira, 14 de março de 2011

O docente da sala iniciou o dia apresentando uma música portuguesa aos alunos. Após escutarem a música, várias vezes estes realizaram um exercício ortográfico, enquanto o professor lia a letra da música. Quando finalizaram interpretaram a mesma e comentaram-na.

Posteriormente, realizou uma atividade com os infantes. O professor, às escondidas, mostrava um sólido geométrico a um aluno escolhido e este deveria dizer, sem contar, o número de vértices, arestas e faces para que os seus colegas adivinhassem qual era o sólido que estava escondido. Ao longo do jogo foram apresentados vários sólidos geométricos com características diversificadas, de modo a aumentar o nível de dificuldade, o professor, decidiu que estes não deveriam dizer o número de faces e que, ao tentar adivinhar o sólido, teriam de justificar a sua opção.

Inferências e Fundamentação teórica

A geometria, segundo Abrantes et al. (1999), “é essencialmente um meio para a criança conhecer o espaço em que se move, pelo que se torna importante promover a aprendizagem baseada na experimentação e na manipulação.” (p. 67).

Ao realizar a atividade com os alunos, para além de criar suspense e manter os alunos interessados, faz com que estes tenham a necessidade de saber como é que os sólidos são formados para conseguir participar no jogo.

Citando os mesmos autores, a utilização de sólidos geométricos pode, assim como algumas aplicações informáticas, “contribuir para o desenvolvimento da capacidade de visualização e raciocínio espacial” (p. 72). Como tal, este tipo de atividades são muito importantes para o desenvolvimento de algumas capacidades dos alunos.

Terça-feira, 15 de março de 2011

Neste dia os pais estiveram presentes na sala de aula.

O docente começou com um jogo de Língua Portuguesa, o bingo. O jogo consistia em realizar uma competição entre pais e filhos. Aleatoriamente, um aluno ou pai tirava uma bola com um número. De seguida, dirigia-se ao quadro interativo e deveria responder à questão correspondente ao número.

No segundo jogo os pais jogaram em conjunto com os seus filhos. Este consistia em conseguir responder a várias situações problemáticas.

Para terminar a aula o professor optou por realizar o Jogo dos Sólidos Geométricos que apresentou na aula anterior.

Inferências e Fundamentação teórica

O dia dos pais é uma atividade que se realiza uma vez por ano. Desta forma, os pais têm a oportunidade de vivenciar as rotinas dos filhos durante uma manhã. Davies et al. (1989), citando Henderson (1987) referem “que o envolvimento dos pais proporciona múltiplos e diversos benefícios: para o desenvolvimento e aproveitamento escolar das crianças” (p. 37).

De facto, o acompanhamento dos pais na vida escolar dos alunos pode melhorar a prestação do aluno neste espaço. Como referem os mesmos autores, “as crianças cujos pais ajudam em casa e mantêm contactos com a escola têm pontuação mais elevada que as crianças com aptidões e meio familiar idênticos, mas privadas de envolvimento parental.” (p. 38).

É necessário que os pais acompanhem a vida escolar dos alunos e compreendam como é a prestação do mesmo na escola. Este género de atividades permite aos pais, alunos e professores criarem uma relação harmoniosa que, noutras circunstâncias, poderia ser mais complexo.

Sexta-feira, 18 de março de 2011

Neste dia a aula foi realizada por um estagiário. Este iniciou a aula distribuindo um texto do qual realizou a leitura modelo e pediu que os alunos lessem. Posteriormente, realizou questões de interpretação e análise gramatical.

Na Área Curricular de Matemática apresentou os diferentes tipos de gráficos. Através de um PowerPoint, com vários exemplos, foi pedindo aos alunos que expli-

cassem as diferenças entre eles, assim como, as situações em que era mais oportuno o uso dos diferentes gráficos.

Ao abordar a área de Estudo do Meio, o estagiário dividiu a turma em grupos e realizou um jogo de tabuleiro de modo a fazer uma revisão das plantas para a prova de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

As revisões são um ponto importante no ensino. Durante o tempo de aulas os alunos adquirem conhecimentos e ao aproximar-se um momento de avaliação o docente deve ter tempo para esclarecer as dúvidas e ajudar os alunos na consolidação dos conhecimentos. Na verdade, segundo Meirieu (1998), “os professores, os verdadeiros profissionais do ensino dispõem das competências necessárias (...) [para] fazer revisões para um teste” (p. 13). Sendo este realizado através de um jogo tornou-se uma atividade lúdica que permitiu a consolidação dos conteúdos.

De facto, segundo Elkonin (1998), “o jogo de grupo pode ser utilizado para favorecer o desenvolvimento cognitivo social e moral” (p. 417). Durante o jogo os infantes vão cooperando, autonomamente, com o resto do grupo e partilhando conhecimentos. Em suma, as revisões podem ser realizadas de forma lúdica e aproveitando os conhecimentos que os alunos adquiriram anteriormente.

Segunda-feira, 21 de março de 2011

Neste dia foi realizada a reunião sobre a avaliação dos estagiários em Prática Pedagógica, na Escola Superior de Educação João de Deus.

Terça-feira, 22 de março de 2011

Neste dia um estagiário apresentou a sua aula assistida por um professor de Prática Pedagógica. Este iniciou-a abordando a área de Língua Portuguesa, com análise e interpretação de um texto que retratava a cadeia alimentar. Posteriormente, introduziu o tema da Balança Decimal com a apresentação de um PowerPoint. Neste era apresentado um vídeo e várias imagens sobre a mesma. Para finalizar a aula introduziu o tema de Estudo do Meio, a cadeia alimentar, conversando e debatendo com os alunos.

Inferências e Fundamentação teórica

As aulas observadas pelos professores de supervisão pedagógica têm como fim aferir o desenvolvimento do estagiário como futuro professor e aconselhar para que este melhore a sua postura. Um bom professor não pode ser avaliado, unicamente, pelos saberes científicos, este deve ser avaliado, também, pelos conhecimentos pedagógicos e a forma como os expõe à turma.

De facto, Lourenço (2005) refere que “O saber inerente à profissão docente não se circunscreve a uma área de especialização, mas abrange vários domínios do conhecimento, como o científico e o pedagógico” (p. 63). Domínios estes que não são inatos. Um professor deverá ter a capacidade de mobilizar todos os conhecimentos e realizar a execução dos mesmos com um objetivo – a aprendizagem do aluno.

O estagiário, por si só, não tem experiência suficiente para conseguir detetar algumas falhas que podem afetar o objetivo supradito. Como referem Alarcão e Tavares (2003), “supervisão de professores [é] o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.” (p.16). Como tal, cabe ao professor de Prática Pedagógica guiar, orientar e motivar o aprendiz para que este consiga evoluir e atingir os objetivos propostos.

Sexta-feira 25 de março de 2011

Neste dia, o docente da sala da aula apresentou a área paralelogramo. Como os alunos compreenderam, o tema, sem dificuldade conseguiram realizar os exercícios sem criar obstáculos. Depois de elaborados o professor distribuiu uma ficha para que os alunos, sozinhos, realizassem situações problemáticas relacionadas com a matéria para, posteriormente, ser corrigida em conjunto.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, a realização de situações problemáticas é uma mais-valia no desenvolvimento do aluno. De facto, Jensen (2002) afirma que “O melhor modo de desenvolver o cérebro é através da resolução de problemas que constituem desafios.” (p. 60). A resolução de situações problemáticas, problemas, na Matemática permite à criança não só compreender em que contexto a Matemática é utilizada, mas também desenvolver a sua capacidade de raciocínio lógico. Porém, este não deve de apresen-

tar problemas em que o aluno, somente, tenha que escrever no papel. Jensen (2002) citando Gardner (1993) expõe que “ é crucial expormos os alunos a uma variedade de abordagens na resolução de problemas” (61).

Contudo, é importante que o docente resolva problemas utilizando outras técnicas para além do papel e caneta. Este poderá adaptar os seus problemas para serem resolvidos através de analogias, música, artes plásticas, discussões, entre outras.

Segunda-feira, 28 de março de 2011

Ao iniciar a aula o professor começou por realizar a correcção do trabalho de casa com os alunos. Estes desenvolveram vários exercícios de consolidação da matéria, pois iriam realizar a avaliação na área curricular de Língua Portuguesa. Para finalizar a aula, o docente, realizou, novamente, a chamada oral da tabuada.

Inferências e Fundamentação teórica

Na sala do 3.º ano está exposta uma tabela com os trabalhos de casa que os alunos virão a realizar ao longo da semana. O docente atualiza-a no início de cada semana e explica as tarefas que estes terão de realizar no dia anterior à entrega.

Na verdade, segundo Meirieu (1998), “ todo o trabalho que é sistematicamente mandado para fazer em casa é, na realidade, um trabalho remetido para a desigualdade: desigualdade de condições de habitação, mas também, e sobretudo, de ambiente cultural” (p. 10).

De facto, alguns alunos têm mais facilidade em realizar os trabalhos de casa devido ao auxílio dos pais, irmão, livros em casa, acesso à Internet, entre outros fatores. Contudo os alunos podem não ter o auxílio ou condições necessárias para a elaboração dos mesmos. O mesmo autor refere ainda que ao chegar a casa, depois de oito horas na escola, “não é normal (...) que [as crianças] sejam obrigadas a retomar o trabalho para fazer os deveres (...)” (p.10).

Em suma, o docente tem o dever de realizar as tarefas na sala de aula. Porém, como apoio ao estudo, este pode pedir trabalhos para casa desde que estes não comprometam o tempo livre, de descanso, que os discentes têm o direito de usufruir.

Terça-feira, 29 de março de 2011

Neste dia os alunos realizaram a avaliação escrita de Língua Portuguesa. Como não tinha sido realizada a reunião sobre as aulas assistidas do dia 22 de março esta foi agendada para este dia.

Inferências e Fundamentação teórica

Quando realizada uma aula é importante que o formando reflita sobre os métodos que utilizou e a forma como conduziu a aula. Para que tal seja possível são realizadas reuniões, após as aulas assistidas pelos professores da Escola Superior de Educação João de Deus, para que estes possam ajudar o futuro professor a refletir sobre as suas práticas e, conseqüentemente, a melhorar a sua prática. Segundo Amaral, Moreira, e Ribeiro (2006), “o supervisor/orientador de estágio será encarado como o promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de reflectirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em continuum” (p. 91).

Na verdade, os supervisores/orientadores de estágio são indivíduos que têm experiência como docentes e podem auxiliar o formando nas suas dificuldades com o fim de melhorar a sua prestação como professor.

Desta forma o supervisor/orientador tem um papel fulcral no desenvolvimento do estagiário. As mesmas autoras referem que “o supervisor é o facilitador da reflexão, consciencializando estratégias de resolução (...) que enquadra o formando como pessoa capaz de tomar a seu cargo a responsabilidade pelas decisões que afectam a sua prática profissional.” (p. 97)

Em suma, é importante que o futuro professor reflita sobre as suas práticas. A reflexão é uma prática que exige paciência e vontade de inovar. Como refere Alarcão (1996) citando Freire (1972), “a formação é um fazer permanente (–) que se refaz constantemente na acção. Para se ser, tem de se estar sendo.” (p. 187). Compete, desta forma, ao futuro docente ser reflexivo para que consiga atingir as suas metas com melhor eficácia.

Sexta-feira, 1 de abril de 2011

Neste dia um estagiário apresentou a sua aula. Começou-a apresentando o tema de Língua Portuguesa palavras homónimas, homógrafas e homófonas. Com o

auxílio de um PowerPoint foram realizados exercícios, como o jogo do bingo, de forma a rever o conteúdo apresentado anteriormente.

Na Área Curricular de Matemática explicou, aos alunos, o que eram os Múltiplos de um número.

O estagiário finalizou a manhã de aula apresentando algumas características dos répteis.

Segunda-feira, 4 de abril de 2011

À semelhança da aula visualizada no último dia de estágio, esta aula foi lecionada por um estagiário. Este, ao longo do primeiro período da manhã, introduziu os determinantes numerais fracionários e multiplicativos e realizou várias situações problemáticas com a área. No segundo momento realizou um jogo onde pretendia abordar os anfíbios.

Terça-feira, 5 de abril de 2011

Neste dia foram realizadas aulas surpresas. Após as aulas os estagiários presidiram a reunião sobre as aulas apresentadas.

Sexta-feira, 8 de abril de 2011

Nesta aula foi um estagiário a apresentar a aula preparada para todo o período da manhã. Este iniciou a aula utilizando o 5.º Dom de Fröebel, material estruturado, em que realizou a construção do castelo e realizou algumas situações problemáticas. Posteriormente, realizou a leitura e interpretação de um texto. Finalizando a sua aula com História onde falou de D. Dinis.

Inferências e Fundamentação teórica

O estagiário após lecionar a aula revelou que não se sentia muito motivado. Na verdade, a forma como preparou e planeou esta aula não foi igual ao que havia feito até então.

Quando iniciou a construção, o castelo, notou-se que este não estava muito à vontade com o material. Visto ter sido este o tema pedido pelo docente o estagiário deveria estar preparado. Porém, não o fez. O estagiário enganou-se a realizar a base

da construção. O que condicionou o resto da construção. Para evitar este erro, sendo que não estava preparado, deveria ter apresentado a base do material à medida que ia montado a estrutura. De facto, como afirma Alves (2003) referindo Nietzsche, “ a primeira tarefa da educação é ensinar a ver (...) Os olhos têm que ser educados para que a nossa alegria aumente” (pp. 12-13). Através da projeção da base a construção do castelo teria corrido de outra forma e os alunos, como era a primeira vez que realizavam a construção, teriam compreendido melhor.

Em suma, é importante que o docente esteja preparado para lecionar qualquer aula e fazer com que os alunos observem e compreendam o que é explicado. Porque a memória visual permite uma melhor compreensão do tema.

Segunda-feira, 11 de abril de 2011

Neste dia não foram observadas aulas, pois os professores estavam de roulement.

Terça-feira, 12 de abril de 2011

Neste dia não foram observadas aulas, pois os professores estavam de roulement.

Sexta-feira, 15 de abril de 2011

Neste dia não foram observadas aulas, pois os professores estavam de roulement.

1.4. 4.ª Secção: 4.º A

1.4.1. Caracterização da turma

A turma do 4.º ano A é composta por 25 alunos, destes, 13 são rapazes e 12 são raparigas. Todos os alunos têm a mesma idade, à exceção de dois alunos que já reprovaram por duas vezes. Estes dados foram concluídos durante o momento de Prática Pedagógica.

1.4.2. Caracterização do espaço

A sala desta turma tem pouco espaço tendo em conta o número de alunos. Tal como na sala do 3.º ano, esta sala tem quadro interativo. Os alunos estão sentados de forma a conseguir gerir melhor o espaço da sala não seguindo nenhum padrão.

Por toda a sala é possível observar imagens de desenhos animados que os alunos oferecem ao docente titular.

1.4.3. Rotinas

Na verdade, as rotinas são semelhantes ao retratado na secção anterior.

1.4.4. Horário

De seguida será apresentado o horário da turma:

Quadro 7 – Horário 4.º ano turma A

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00 – 11h00	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa
11h30 – 13h00	Matemática	L. Portuguesa	Matemática	L. Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	Inglês	História	História	História	Estudo do Meio
15h30 – 16h30	Música	Clube de Ciências	Educação Física	Biblioteca	Expressão plástica
16h30 – 17h00	Orquestra	Estudo do Meio	Assembleia	Estudo do Meio	

1.4.5. Relatos diários

Segunda-feira, 2 de maio de 2011

Os alunos iniciaram a manhã de aulas realizando exercícios de modo a prepararem-se para a prova de aferição de Língua Portuguesa. Após o intervalo estes realizaram uma prova de aferição, de um ano anterior, com o apoio da professora.

Antes do almoço o docente realizou a leitura de um capítulo do livro “Alice no país das maravilhas”. Neste momento os alunos sentaram-se, conforme queriam, pela sala. Alguns em cima das mesas, no chão, no colo de outros colegas, entre outros locais, para que o professor pudesse começar a ler a história. Quando surgiam dúvidas os alunos iam questionando o professor e este pedia para que procurassem no dicionário. Num dos casos os alunos não compreenderam, mesmo lendo no dicionário, o objeto que era referido. Como tal, o professor procurou uma imagem na internet para que estes compreendessem.

Durante o almoço, o docente, pediu aos alunos que fizessem questões ao novo estagiário na sala de aula para que o conhecessem melhor.

Inferências e Fundamentação teórica

Esta foi a primeira vez que o estagiário foi apresentado à turma. De facto, nos outros momentos de estágio o estagiário passa despercebido “como um anexo” que realiza os trabalhos, do professor, em atraso e, de vez em quando, leciona uma ou outra aula.

De facto, a forma como é recebido pode influenciar a sua prestação na sala. Oliveira (1992b) refere que o supervisor, neste caso o docente titular que acompanha o estágio na sala de aula, deverá oferecer “um contexto educativo favorável ao desenvolvimento do professor (...) através de um clima de confiança e de apoio” (p. 20).

O futuro professor ao sentir-se parte da turma e, sendo apresentado como alguém que pode ser importante para a aprendizagem dos alunos, poderá influenciar a sua prestação naquele momento de estágio.

Terça-feira, 3 de maio de 2011

Ao longo deste dia os alunos voltaram a realizar exercícios de consolidação de Língua Portuguesa com o apoio de uma prova de aferição, individualmente, e realizaram a correção da mesma. Um dos alunos, que apresenta algumas dificuldades de aprendizagem, elaborou os exercícios com o encarregado de educação. Na verdade, o aluno tinha as respostas corretas. Porém, após o docente o ter questionado este não conseguiu explicar a resposta. Sendo, que o mesmo, acabara por afirmar que o encarregado de educação tinha realizado o trabalho e que não tinha compreendido a sua realização.

Inferências

Quando o docente pede aos alunos que realizem alguns exercícios em casa espera que sejam os próprios alunos a fazê-lo. Na verdade, o facto de os encarregados de educação ajudarem os seus filhos a realizarem os trabalhos de casa permite que passem algum tempo juntos. Para que tal seja possível e, caso os pais tenham dúvidas, o docente desta turma, disponibiliza algumas fichas informativas que os alunos levam para casa de forma a trabalharem e estudarem com os pais.

Por vezes, os pais acabam por realizar o trabalho do seu filho. O que não é suposto. Deste modo, o docente ligou ao encarregado de educação marcando uma

reunião para explicar como deveria ajudar o seu filho a realizar o trabalho e a importância de ser o próprio aluno a realizá-lo.

Sexta-feira, 6 de Maio de 2011

Neste dia um estagiário apresentou uma aula “surpresa” em que utilizou calculadores multibásicos para desenvolver uma situação problemática e realizar a Prova dos Nove Fora.

Segunda-feira, 9 de maio de 2011

Ao longo deste dia foram desenvolvidos vários exercícios de forma a preparar os alunos para a prova de aferição de Matemática. Foi distribuída uma prova externa, realizada em no ano anterior, por cada aluno e, com o apoio do professor, foram elaborando a mesma.

Enquanto elaboravam a prova um aluno pediu ao docente para ir à casa de banho. O docente, ao ouvir o pedido, disse que não poderia ir. De seguida, um outro aluno coloca o dedo no ar, o professor dá a palavra, e este pede para ir à casa de banho ao qual o professor deixou. O aluno que havia pedido em primeiro lugar ao reparar que o docente tinha deixado o colega ir à casa de banho volta a pedir para sair da sala de aula e opõe-se novamente. Um terceiro aluno, após compreender a razão do professor não deixar o colega ir à casa de banho, coloca o dedo no ar e pede para sair ao qual o docente responde de forma afirmativa. Após perceber o porquê de ter sido negada a ida à casa de banho este levanta o braço, reformula a questão e o professor deixa-o ir.

Inferências e Fundamentação teórica

O comportamento dos alunos está associado à postura do professor pela forma como este intervém. Na verdade, Amado e Freire (2002), realizaram uma caracterização das formas como o docente reage à postura apresentada pelos alunos. Neste caso em particular, citando os mesmos autores, este professor utiliza ao longo das suas aulas uma “estratégia de integração/mobilização do apoio (...) [e uma] estratégia de assertividade/mestria das interações.” (p. 35).

A primeira referida caracteriza-se pelo facto do professor saber ouvir e respeitar a opinião dos alunos no que diz respeito às regras e os estilos de gestão na aula. O

docente, segundo Amado e Freire (2002), “promove algum tipo de contrato e que, de algum modo, dão também uma nota de bom humor e de capacidade de integrar o humor dos alunos (sem cair na sedução)” (p. 35).

A segunda estratégia é caracterizada pelo modo como o professor deixa bem claro quais as regras na sala de aula justificando, ou fazendo o aluno compreender (como foi relatado), desde o primeiro momento sem que deixe de “fazer transparecer compreensão e humor, dentro de uma linha de coerência de princípios e atitudes” (p. 35).

Após a leitura da obra, citada anteriormente, é possível concluir que os docentes que utilizam estas estratégias têm mais facilidade em controlar o comportamento da turma. Em suma, ao utilizar estas estratégias o docente consegue criar um clima propício ao ensino/aprendizagem.

Terça-feira, 10 de maio de 2011

Ao longo deste dia os alunos simularam a realização da prova de aferição que seria realizada, oficialmente, no dia seguinte. Sendo que demoraram, exatamente, o mesmo tempo, que iriam utilizar na prova.

Após terminado o tempo de simulação os discentes tiveram Clube de Ciências onde aprenderam a realizar um protocolo, necessário, para a elaboração de experiências que viriam a apresentar nas semanas seguintes.

Inferências e Fundamentação teórica

As ciências ocupam um lugar bastante importante no 1.º Ciclo. De facto, os alunos são bastante interessados nos “porquês” que os rodeiam. Através do Clube de Ciências, os alunos têm a oportunidade de compreender determinados fenómenos explicados por docentes formados na área das Ciências. De facto, Martins et al. (2007) citando Cachapuz, Praia e Jorge (2002); Martins (2002) e Pereira (2002), referem que “Responder e alimentar a curiosidade das crianças, fomentando um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Ciência e pela actividade dos cientistas” (p. 17) é um dos principais argumentos para se lecionar Ciências no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Na verdade, a introdução das Ciências no 1.º Ciclo permite desenvolver capacidades cognitivas que são úteis para outras áreas do currículo. Sendo que, desta for-

ma, os alunos conseguem impulsionar um conhecimento cientificamente correto sobre os acontecimentos que experienciam todos os dias.

Em suma, o Clube de Ciências ao ser realizado por professores da área permite que os alunos tenham acesso a informação cientificamente correta, que os professores titulares, por vezes, não seriam capaz de transmitir com tanto rigor.

Sexta-feira, 13 de maio de 2011

Neste dia foi possível presenciar algumas avaliações realizadas pelas docentes de Prática Pedagógica.

A primeira avaliação foi realizada no 3.º ano. Esta foi assistida, como tal, o estagiário havia preparado a aula para três áreas curriculares. Os respetivos temas para cada uma das áreas foram: Língua Portuguesa (leitura e interpretação de texto); Estudo do Meio (pontos cardeais) e Matemática (conceito de volume).

A avaliação seguinte foi uma aula surpresa. Esta fora realizada no 2.º ano. O estagiário deveria rever a leitura de números e a multiplicação recorrendo ao material estruturado Cuisenaire.

Segunda-feira, 16 de maio de 2011

Na corrente aula o docente começou por realizar a correção do trabalho que havia sido pedido para o fim-de-semana.

Após o professor ter conferido que todos haviam compreendido a correção entregou uma proposta de trabalho de Matemática. Este pretendia que os alunos revissem conteúdos adquiridos ao longo do 1.º Ciclo. Como por exemplo a leitura de números e raciocínio lógico.

Terça-feira, 17 de maio de 2011

No início desta aula o docente executou vários exercícios, relacionados com a passagem de números complexos para incomplexos utilizando o quadro interativo e algumas das suas potencialidades.

No segundo período da manhã, alguns infantas apresentaram o trabalho de grupo no Clube de Ciências.

Inferências e Fundamentação teórica

Nos dias que correm os alunos têm acesso a vários recursos que se tornam bastante interativos e cativantes nestas idades, por vezes mais apelativas que a própria escola, por exemplo, o computador, Playstation, Nintendo, entre outros.

Como tal, o professor tem de adaptar as suas aulas aos alunos de hoje e poderá fazê-lo recorrendo às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). O docente, segundo o Gabinete de Investigação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE) (2001), deverá adquirir competências nas novas tecnologias “ numa perspectiva de abertura à mudança, receptividade, e aceitação das potencialidades das TIC, capacidade de adaptação ao novo papel do professor como mediador e orientador do conhecimento face aos alunos” (p. 18).

Ao utilizar o computador e quadro interativo na sala de aula o docente demonstra aos seus alunos que está disposto a inovar e, poderá despertar a curiosidade nos discentes, assim como, estimulá-los a adquirirem competências necessárias para o novo “mundo” das tecnologias.

Sexta-feira, 20 de maio de 2011

Neste dia foi um estagiário a presidir à aula. Na verdade, foi uma aula assistida pelos professores de prática pedagógica. Na disciplina de Língua Portuguesa realizou análise e interpretação de um poema, em Matemática o volume do cilindro e, por último, em Estudo do Meio, abordou o rei D. Miguel.

De seguida, foi realizada a reunião onde o professor titular da turma, o professor de prática pedagógica e os estagiários que observaram a aula, deram a sua opinião sobre a mesma.

Segunda-feira, 23 de maio de 2011

Neste dia foi realizada a reunião na Escola Superior de Educação João de Deus onde os professores de prática pedagógica procederam à entrega das avaliações correspondentes ao 3.º momento de estágio.

Terça-feira, 24 de maio de 2011

O professor titular iniciou a aula, como é habitual, com a correção do trabalho para casa e com o esclarecimento de dúvidas que surgiram durante a realização do mesmo.

Na sequência da aula foram introduzidos os dados quantitativos e qualitativos. Através de forma expositiva, com o apoio dos alunos, o professor foi abordando as diferenças entre cada um dos dados apresentados.

Sexta-feira, 27 de maio de 2011

Neste dia, por motivos pessoais, não foi possível comparecer na Prática Pedagógica.

Segunda-feira, 30 de maio de 2011

Nesta manhã, o docente iniciou a aula pedindo aos alunos para partilhar o seu fim-de-semana. Grande parte da turma tinha ido à festa de anos de um dos alunos da sala. A professora, após compreender que haviam estado juntos, pediu a um aluno, com mais dificuldades, no que se refere à comunicação oral, para partilhar com o resto da turma o que haviam feito.

Foram também realizados cálculos matemáticos até ao intervalo. Posteriormente, um dos estagiários apresentou uma experiência, relacionada com a sua aula anterior, que não havia tido tempo de o fazer anteriormente. Foram distribuídas três caixas forradas com um buraco, para que fosse possível observar o interior. Na primeira caixa existia uma lanterna que iluminava um objeto. Na segunda, não havia nenhum objeto no interior e, na última, só estava uma lanterna.

Terça-feira, 31 de maio de 2011

Esta aula foi iniciada por um estagiário. Este começou a aula realizando a leitura e interpretação de um texto, escrito pelo mesmo, abordando o retrato físico. Posteriormente, realizou a passagem de número incompleto para complexo.

A seguir ao intervalo decorreu a apresentação de um livro, destinado ao pré-escolar, com a escritora do mesmo. Esta explicou como escrevia, a razão de ter escrito o livro e o procedimento para que o mesmo fosse editado. Os infantes mostraram-

se bastante cativados com o facto de lhes ser explicado como era feito o procedimento.

Como é habitual, às terças-feiras, os alunos tiveram Clube de Ciências.

Sexta-feira, 3 de junho de 2011

O docente iniciou a aula distribuindo uma ficha de trabalho com várias situações problemáticas. Após as crianças a terem realizado, individualmente, o docente corrigiu a proposta de trabalho no quadro interativo comparando com a realização dos alunos.

No seguimento da aula, o professor pediu aos alunos que contassem uma conversa que se tivesse passado no intervalo. Estes referiram um exemplo e o professor apontou a conversa, com sinais de pontuação, no quadro. De seguida, o docente abriu uma nova página, no quadro interativo, e pediu que estes explicassem a conversa, a um estagiário, como se não tivessem tido conhecimento e rescreveu na nova página. Após terminar explicou que poderiam existir dois tipos de discurso: o discurso direto e o discurso indireto. Referiu a regra e elaborou um exercício sobre o tema apresentado.

Inferências e Fundamentação teórica

A unidade curricular da Matemática tem uma grande importância no desenvolvimento dos alunos nos dias correntes. Na verdade, ao viver numa sociedade dominada pela Matemática (ao ver as horas, calcular a área que ocupa a pasta de dentes na escova, quando se utiliza uma balança, ao confeccionar um bolo, entre muitos outros exemplos) é importante que os cidadãos tenham conhecimento desta. Porém, segundo Lopes et al. (1996), “a aula de Matemática deveria ser um dos locais privilegiados para preparar o Homem que a sociedade hoje reclama.” (p. 7). Para tal, são realizadas situações problemáticas em que os alunos podem realizar problemas relacionados com as suas vivências e que os veem como forma de resolver problemas vindouros.

O aluno deve iniciar o problema recolhendo os dados para que depois os possa comparar, interpretar, analisar e avaliar. De acordo com Lopes et al. (1996), estas são “capacidades essenciais do pensamento (...) têm permanentemente aplicação e são fundamentais na realização de tarefas de elevada exigência” (p. 8). Pelo facto das situações problemáticas desenvolverem tantas competências nos alunos faz com que sejam tão importantes e trabalhadas durante vários períodos da semana. Desta forma,

os alunos começam a desenvolver capacidades básicas do pensamento que lhes permitirão ultrapassar dificuldades no seu dia-a-dia.

Segunda-feira, 6 de junho de 2011

Neste dia foram realizados momentos de avaliação surpresa. Foi pedido, a um estagiário que abordasse o volume com um material manipulável (Cuisenaire). Este iniciou a aula revendo como era possível descobrir o volume de um sólido.

Com o final da aula iniciou-se a reunião com os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus e o titular da sala.

Terça-feira, 7 de junho de 2011

À semelhança do dia anterior foram realizadas avaliações surpresas. Iniciou-se com uma aula de um estagiário no 3.º ano de escolaridade. Este deveria abordar a leitura de números, adequado ao ano de escolaridade, utilizando como material manipulável os Calculadores Multibásicos.

O segundo momento de avaliação, do dia, foi desenvolvido no 2.º ano de escolaridade, com recurso ao material anteriormente referido. O estagiário deveria realizar situações problemáticas, relacionadas com subtração, em que estas deveriam ter empréstimo.

Já a terceira, e última, avaliação do dia, foi desenvolvida no 4.º ano. Em que o estagiário deveria edificar uma construção, com os alunos, recorrendo ao 5.º Dom de Fröebel. No desenvolvimento desta aula o estagiário em questão ao deparar-se com o facto de um aluno não compreender o que é $\frac{1}{2}$, optou por ajudar o mesmo na compreensão do conceito não fornecendo a atenção necessária ao resto da turma. Porém, após ter explicado de diversas formas o conceito de $\frac{1}{2}$, o aluno compreendeu a noção do mesmo.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante a reunião o estagiário que realizou a última aula foi criticado por incidir, demasiado, num aluno. Na verdade, o estagiário explicou que não pretendia excluir o aluno do resto da aula e que para a continuação da mesma era importante que este compreende-se o que estava a ser trabalhado. Porém, os docentes que o avaliaram, frisaram que numa avaliação, deste género, esta situação não poderia ocorrer. Após refletir sobre a situação o estagiário compreendeu que deveria ter procedido de outra

forma quanto à dificuldade do aluno. Segundo Nóvoa (1992), é possível compreender que “o diálogo entre professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional.” (p. 26).

Porém, o diálogo não é o fator principal para tornar o formando num professor reflexivo. É necessário que o formando pense e reflita sobre os assuntos e tenha algumas atitudes fundamentais como ter a “mentalidade aberta” e responsabilidade. Como refere García (1992), “a primeira atitude necessária para um ensino reflexivo é a mentalidade aberta” (p. 62). O mesmo autor citando Dewey define mentalidade aberta como:

a ausência de preconceitos, de parcialidades e de qualquer hábito que limite a mente e a impeça de considerar novos problemas e de assumir novas ideias [e que] integra um desejo activo de escutar mais do que um lado, de escolher os factos independentemente da sua fonte (p. 62).

García (1992), refere que a responsabilidade deve ser intelectual e não moral. Citando Dewey (1989) novamente, que “ ser intelectualmente responsável quer dizer considerar as consequências de um passo projectado, significa ter vontade de adoptar essas consequências que decorram de qualquer posição previamente assumida.” (p. 62).

As reuniões, após as aulas avaliadas, são deveras importantes para o desenvolvimento do formando como futuro professor. A partir destas pode evoluir as suas capacidades e refletir sobre aspetos que pode não ter reparado ao longo da aula.

Terça-feira, 14 de junho de 2011

No início desta aula o docente distribuiu as provas de avaliação de Língua Portuguesa. Depois de os alunos iniciarem a prova, foi dada a oportunidade aos estagiários de observarem as diferentes provas que estavam a ser realizadas.

Na verdade, devido às necessidades educativas especiais dos alunos foram distribuídas três tipos de provas diferentes adaptadas às necessidades dos diversos alunos. O docente distribuiu uma prova aos alunos que não demonstram ter algum tipo de dislexia, para os que têm dislexia e, ainda, para os alunos que têm dislexia grave. As questões apresentadas eram semelhantes à exceção da forma como era apresentado o enunciado. Sendo que nas provas dos alunos com dislexia era mais explícito o que era pretendido em cada questão.

Depois de finalizada, os alunos realizaram exercícios de subtração de números complexos com empréstimo até à hora do Clube de Ciências.

Inferências e Fundamentação teórica

Devido às Necessidades Educativas Especiais dos alunos é necessário que o professor titular tenha em atenção alguns aspetos de acordo com cada criança. Na verdade, segundo a Declaração de Salamanca assinada em 1994, “para atribuir o êxito das escolas inclusivas são precisas mudanças, além de em muitos outros, nos seguintes sectores educativos: currículo, instalações, organização escolar, pedagogia, avaliação, pessoal, ética escolar” (p. 21).

Desta forma, é necessário que o docente adapte as avaliações às necessidades dos alunos diagnosticados como tendo Necessidades Educativas Especiais. Para que este seja diagnosticado é necessário elaborarem-se testes específicos realizados por especialistas. Na verdade, após terem sido diagnosticados o encarregado de educação tem de consentir que o educando tenha o acompanhamento necessário, tendo em conta o diagnóstico. Num dos casos da turma o encarregado de educação não aprovou este acompanhamento. Porém, o docente forneceu-lhe a avaliação indicada para o seu problema para que este não desmotivasse.

Em suma, por vezes o docente ao acompanhar os alunos conhece as suas dificuldades e tem de agir de forma a colmatá-las de acordo com cada indivíduo.

Sexta-feira, 17 de junho de 2011

De forma a rever os conteúdos para a prova de avaliação de Matemática, foram realizados vários exercícios de consolidação da matéria ao longo desta aula. Esta revisão abordou o volume de sólidos geométricos, números complexos e alguns exercícios de lógica.

Um dos problemas apresentava uma fotocópia de um exercício, do caderno de um aluno do 4.º ano de escolaridade, com o respetivo enunciado. No enunciado, da fotocópia, pedia-se que o aluno calculasse a área de um hexágono regular, sendo que, na resposta ao mesmo exercício, o aluno tinha realizado a área de um pentágono regular.

Era pedido aos alunos que observassem a fotocópia do exercício e que provassem, utilizando cálculos, se o exercício estava bem ou mal realizado. Após apresentarem os cálculos era pedido que estes explicassem, caso estivesse mal efetuado, a razão de não ter sido bem feito.

De facto, os alunos apresentaram algumas dificuldades em compreender o erro. Sendo que só um aluno conseguiu, sem a ajuda do docente, realizar o exercício corretamente.

Inferências e Fundamentação teórica

As provas de aferição, no 4.º ano, pretendem aferir os conhecimentos dos alunos nas áreas curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. De facto, segundo Antunes (2005):

Entres todas as inteligências, indiscutivelmente, a lógica-matemática e a verbal são as de maior prestígio. Uma vez que a matemática e a leitura se encontram entre as mais admiráveis conquistas da sociedade Ocidental, é compreensível que os expoentes dessas inteligências estejam muito mais próximos de serem considerados «génios» do que os que possuem ou possuíram notável inteligência cinestésica corporal, naturalista, intrapessoal ou outras. (p. 26).

O que, segundo o mesmo autor citando Gardner (1983), não deverá acontecer visto que “o ser humano seria proprietário de oito pontos diferentes do seu cérebro onde se abrigariam diferentes inteligências.” (p. 21).

Fazendo um paralelismo, é o equivalente a expor um pássaro, um macaco, um pinguim, um elefante, um peixe dentro de um aquário, uma foca e um lobo em frente de um professor e este dizer que, para ser justo, será realizado um exame igual com o mesmo objetivo. Escalar uma árvore. Como demonstra a figura a baixo.



Figura 1 – Exame justo

Como é bem perceptível, o pinguim, o elefante, o peixe, a foca e o lobo terão alguma dificuldade em subir ao primeiro ramo.

Ao privilegiar, exclusivamente, as áreas curriculares de Língua Portuguesa e Matemática o docente não está, de forma alguma, a realizar uma avaliação justa dos diferentes alunos que estão presentes na sala de aula.

Desta forma, é necessário que o docente não se centre unicamente nas áreas curriculares supraditas. Este deve dar uma igual importância a todas as áreas curriculares. Para tal, pode utilizar, por exemplo, as expressões para trabalhar conteúdos de Estudo do Meio, conforme a sua experiência e criatividade permitir.

Segunda-feira, 20 de junho de 2011

Esta manhã de prática pedagógica não foi realizada no Jardim-Escola de Alvalade. De facto, tendo em conta que iriam ser realizadas provas de aptidão profissional foi dada a oportunidade de assistir, às mesmas, noutra Jardim-Escola. Nomeadamente no Jardim-Escola da Estrela.

Foi possível observar duas avaliações. Uma no 2.º ano de escolaridade e outra no 3.º ano de escolaridade prospectivamente.

Na primeira, referida anteriormente, o estagiário optou por apresentar uma aula com o tema de erosão das rochas. Na área de Língua Portuguesa apresentou um texto que abordava o mesmo tema, desenvolveu várias questões de interpretação e de análise gramatical. De seguida, após abordar os conceitos fundamentais, no texto de Língua Portuguesa, explicou os vários tipos de costa existentes em Portugal com o auxílio de um vídeo. Posteriormente fez uma construção, utilizando o 5.º Dom de Fröebel, em que pretendia desenvolver o raciocínio mental dos alunos. Para finalizar a aula o estagiário teve de fazer um jogo com os alunos.

O estagiário seguinte foi avaliado no 3.º ano de escolaridade. Este optou por utilizar o selo como tema da sua aula. Decorou a sala com várias imagens sobre o selo fazendo da sala um museu e, como tal, desenvolveu uma visita guiada. Na área da matemática optou por abordar as frações equivalentes explicando como deviam proceder para calcular frações equivalentes. Finalizando, com a elaboração de um jogo.

Terça-feira, 21 de junho de 2011

Após ter sido realizada a prova de avaliação de Língua Portuguesa, na semana anterior, o docente distribuiu a correção das mesmas e pediu aos alunos, que tiveram mais dificuldade na elaboração do teste, para corrigirem os exercícios no quadro. Ao terminar a correção da prova de avaliação e, como ainda não era hora de almoço, o professor realizou a chamada da tabuada.

No final da aula, como faltava pouco tempo para a hora de almoço, o docente descarregou um recurso do quadro interativo, moedas e notas do euro, para realizar alguns exercícios com o aluno que apresentou mais dificuldades neste conteúdo.

Inferências e Fundamentação teórica

Como já foi referido as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm um papel fundamental nos dias correntes. De facto, por serem recursos cativantes e permitirem ao docente apresentar exemplos concretos, de forma simples, facilitando a compreensão dos conteúdos.

Durante a formação inicial de professores é observável a ausência da formação nas TIC. Para que os formandos se sintam confiantes nesta área é preciso que exista, não só formação, como autodidatismo. Para tal, é necessário que existam incentivos.

Segundo o GIASE (2001), é importante “que os formadores utilizem, eles próprios, as novas tecnologias e preparem os futuros professores para as usarem e para capacitarem os futuros alunos para essa utilização” (p. 52).

O titular da turma ao apresentar as várias formas de trabalhar os recursos interativos, com sucesso, está a demonstrar aos estagiários que as TIC têm um papel importante na sala de aula e que podem ser utilizadas para cativar e melhorar a compreensão, de certos conteúdos, por parte dos infantes.

Sexta-feira, 24 de junho de 2011

Neste dia não foram observadas aulas, pois os professores estavam em roulement.

Segunda-feira. 27 de junho de 2011

Apesar de este período ser de roulement foi lecionada uma aula pelo estagiário. Este iniciou a aula enquadrando os alunos quando ao tema da aula (D. Manuel II – 5 de outubro). Depois de terem surgido algumas dúvidas o estagiário aproveitou a intervenção de um aluno para iniciar o tema de Língua Portuguesa (retrato psicológico). Através de diapositivos de apresentação fez a distinção entre retrato físico e psicológico. Ao deparar-se com a dificuldade por parte de alguns alunos utilizou dois irmãos, gémeos, que fazem parte da turma. Ao colocá-los lado a lado explicou que fisicamente são semelhantes, porém, psicologicamente tem características diferentes. Este exemplo esclareceu os alunos e conseguiram realizar a proposta de trabalho sem dificuldade.

Posteriormente, foi realizado o ensaio para a festa de final de ano.

Inferências e Fundamentação teórica

A caracterização psicológica é um tema bastante abstrato. Enquanto planeava a aula o estagiário teve alguma dificuldade em adaptar o conteúdo para que os alunos conseguissem compreendê-lo. Pela dificuldade que os alunos tiveram em compreender o retrato físico no dia 31 de maio de 2011.

Porém, ao lembrar-se que existiam dois irmãos gémeos na turma aproveitou o exemplo para introduzir o conteúdo. A relação positiva que o estagiário tem com a turma permitiu que esta ação, segundo o docente titular, não o fizesse perder o controlo da turma. De facto, apesar de existir uma relação positiva é necessário que seja feita uma distinção hierárquica entre o aluno e o professor. De acordo com a definição do dicionário online Priberam, o aluno é aquele “que recebe de outrem educação e instrução”, sendo o professor uma “pessoa que ensina em escola, universidade ou noutro estabelecimento de ensino”. Tendo como suporte Montiel (2004) pode então afirmar-se que existe uma relação formal entre professor/aluno. Na verdade, Montiel (2004) define relação formal “como a relação de «um sujeito qualquer com outro qualquer», ambos «objectivados» e substituíveis, distantes, mas prontos para uma comunicação objectiva” (p. 29).

Em suma, o facto de o professor/educador ser, muitas vezes, o primeiro modelo fora do meio familiar pode levantar dúvidas sobre a interação estabelecida com os alunos, ou seja, essa interação pode ser confundida com uma relação de amizade. Mas, ainda que não exista uma relação de amizade entre professor/aluno é importante

que o professor apele aos sentimentos, dada a forte influência que as suas ações têm no desenvolvimento dos seus alunos.

Terça-feira, 28 de junho de 2011

Neste dia um estagiário apresentou a aula que tinha preparado. Este iniciou a aula por apresentar aos alunos o que se entendia por percentagem. Ao longo do tempo, que esteve a lecionar este conteúdo, foi respondendo a algumas questões que os alunos apresentavam. Porém, os alunos permaneceram com bastantes dúvidas quanto ao tema. O estagiário teve alguma dificuldade em tornar o conteúdo perceptível tendo em conta os conhecimentos dos alunos.

Após terminar a aula de Matemática introduziu o tema da voz passiva e voz ativa a Língua Portuguesa. Ao contrário da aula anterior o estagiário estava bem preparado para explicar o tema. No decorrer da aula realizou algumas atividades com os alunos e pediu que estes realizassem uma questão onde deveriam passar uma frase da voz ativa para a voz passiva e vice-versa. Estes, após a correção dos exercícios, mostraram ter compreendido bem o tema. Antes de finalizar a aula o docente titular chamou um aluno. Depois de o aluno falar com o professor, em segredo, volta ao seu lugar, deita a cabeça na mesa e fecha os olhos como se estivesse a dormir. Passado uns minutos o estagiário chama-o à atenção e este mantém-se direito. Porém, ao olhar para o professor, volta a deitar a cabeça na mesa. Ao ser repreendido, pela segunda vez, este levanta a cabeça e pergunta porque é que se chama voz ativa e voz passiva. Ao ouvir a questão, feita a pedido do professor, o estagiário não foi capaz de responder declarando que não sabia o porquê.

Realizada a correção dos exercícios os alunos tiveram, como está no horário, às terças-feiras, Clube de Ciências.

Sexta-feira, 1 de julho de 2011

Este foi o último dia de aulas do ano letivo e foram, novamente, os estagiários a apresentar a aula. O estagiário que iniciou a aula falou da 1.^a República Portuguesa através de um PowerPoint. Posteriormente, um outro estagiário realizou a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto. O último estagiário realizou alguns exercícios de passagem de números complexos para incomplexos.

Inferências

Por ser o último dia de aulas os alunos não aderiram às aulas apresentadas pelos estagiários. Na verdade, o último estagiário ao iniciar a resolução de exercícios compreendeu que não iria conseguir cativar a turma. Para grande parte dos alunos aquele seria o último dia que estariam na escola. Muitos destes alunos passaram o tempo a realizar desenhos para o docente e uns para os outros. De facto, o estagiário sentiu-se como um obstáculo entre os alunos e o docente neste último dia de aulas.

Esta aula foi bastante complicada de lecionar. Não pelo conteúdo de Matemática, mas por o estagiário tornar-se uma barreira de comunicação e partilha de afetos entre o docente e os alunos, alunos e docente e alunos e alunos.

Segunda-feira, 4 de julho de 2011

Apesar de ser o primeiro dia, oficial, de férias os estagiários apresentaram aulas. O primeiro estagiário apresentou História, nomeadamente, o tema do 25 de Abril com o auxílio de diapositivos de apresentação.

O segundo estagiário apresentou as três áreas. A História, apresentou o tema da União Europeia recorrendo ao Prezi um software on-line. Posteriormente, apresentou um texto aos alunos. Após a leitura do texto realizou questões de análise e interpretação do texto “O caranguejo em férias” de António Torrado.

Inferências e Fundamentação teórica

Depois de ter analisado a aula anterior o estagiário optou por tentar adaptar a forma como iria lecionar a aula. Para tal, tentou lecionar através do diálogo com os alunos. Na verdade, o diálogo permite envolver as crianças na aula e utilizar os seus conhecimentos. De facto, segundo Hohmann e Weikart (2003) os infantes “necessitam da oportunidade de partilhar as suas observações, por isso falar sobre o que pensam e sobre o que vêem torna-se um elemento normal nas suas vidas.” (p. 41).

Através do diálogo e de uma apresentação realizada num *software* que os alunos não conheciam, o estagiário conseguiu manter a turma atenta e interessada, no primeiro dia de férias.

Terça-feira, 5 de julho de 2011

Neste dia foi um estagiário a lecionar a aula. Este iniciou-a realizando alguns exercícios com percentagem. Posteriormente realizou uma atividade experimental denominada de “escrita invisível”

Sexta-feira, 8 de julho de 2011

Neste dia não foram observadas aulas, pois os professores estavam em roulement.

1.5. 5.ª Secção: 5.º B, 5.º C, 6.º B, 6.º E e 6.ºH.

1.5.1. Caraterização das turmas

Na verdade, não foram facultados, por parte dos diretores de turma, dados de nenhuma das turmas desta escola. Porém, através do momento de Prática Pedagógica foi possível adquirir algumas informações que serão expostas.

A turma do 5.º B é constituída por 19 alunos dos quais 9 são do género masculino e 10 do género feminino.

O 5.º C é uma turma constituída por 20 alunos dos quais 17 são do género masculino e 3 do género feminino.

Por sua vez, a turma do 6.º B é formada por 28 alunos em que 15 são do género feminino e 13 do género masculino.

O 6.º E é uma turma composta por 28 alunos destes 12 são rapazes e 16 são raparigas.

Por último, a turma do 6.º H é constituída por 28 alunos em que 12 são do género feminino e 16 do género masculino.

1.5.2. Caraterização dos espaços

Todas as salas têm um computador que é utilizado pelos docentes para escrever os sumários e utilizar nas suas aulas caso queiram. De facto, só os laboratórios e as salas onde são lecionadas as aulas de Ciências da Natureza é que não têm quadro interativo.

As salas têm, de um dos lados, várias janelas.

1.5.3. Rotinas

Os alunos começam as aulas, usualmente, às 9h00 e terminam as aulas às 16h15. As aulas têm uma duração de 45 minutos. Entre duas aulas de 45 minutos os alunos têm um intervalo de 15 minutos que podem utilizar para comer, conviver e dirigirem-se à sala da aula seguinte. Às 13h15 os alunos têm uma hora e trinta minutos para poderem almoçar.

Na verdade, o facto de terem sido observadas turmas diferentes e que cada aluno aproveita o tempo livre como preferir é complexo realizar uma rotina geral.

1.5.4. Rotinas

Na verdade, não foi possível ter acesso aos horários das turmas.

1.5.5. Relatos diários

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Não foi possível observar esta aula por não ter existido um aviso prévio que a Prática Pedagógica iria iniciar-se neste dia.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

O docente da disciplina iniciou a aula questionando os alunos sobre as características dos contos tradicionais. Depois de os alunos enumerarem vários exemplos o professor foi utilizando-os e explicando recorrendo a exemplos do quotidiano de forma a tornarem-se mais perceptíveis.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

No início da aula, nem 5 minutos após o toque de entrada, o docente pediu a um aluno que se retirasse da sala de aula. Durante a primeira parte da aula (45 minutos) o docente esteve, constantemente, a falar mal da turma sem que estes demonstrassem ter comportamentos inoportunos em sala de aula. No segundo momento foi realizada uma revisão dos conteúdos apresentados na aula anterior.

Inferências e Fundamentação teórica

No final da última aula, do dia, o docente explicou aos estagiários que estava bastante descontente com o ensino e que estes não deveriam ter seguido a carreira docente.

Na verdade, de acordo com Novoa (1991), “a crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação a curto prazo.” (p. 20). A insatisfação dos docentes face aos alunos, pais dos alunos, colegas, entre outros, é um dos aspetos que afeta a prestação profissional. Ao escolhermos uma carreira devemos estar cientes dos prós e contras que esta acarreta. Um grande número de professores, dos dias de hoje, escolheu a profissão docente como “escape”

ao desemprego. Como refere Nóvoa (1991) citando Costa “Se há falta deles; se até se ganha uns trocos (oh tempo! oh chances!) enquanto não se arranja outra coisa mais... enfim...; se até o desemprego diminui...” (p. 23)

Na verdade, de acordo com Nóvoa (1991) citando Esteves:

é útil questionar as regras de acesso às escolas de formação de professores e de recrutamento dos docentes, que são duplamente inadequadas: favorecem a entrada de indivíduos que jamais pensaram ser professores e que não se realizam nesta profissão (p. 22).

Em síntese, para que a qualidade do ensino melhore é necessário, em primeiro lugar, que os seus intervenientes estejam satisfeitos com a carreira que optaram por abraçar.

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Este dia foi iniciado na turma B do 5.º ano na disciplina de Matemática. O docente começou por realizar uma tabela no quadro, retirada do manual, com seis colunas. Na primeira coluna era apresentado um sólido geométrico, na segunda coluna os alunos teriam de apontar o número de faces desse mesmo sólido, numa terceira coluna o número de vértices, na quarta estes deveriam representar o número de faces mais o número de vértices, na quinta coluna o número arestas e, na última, o número de arestas mais dois. Ao realizar o exercício, com vários sólidos geométricos, os alunos concluíram que o número de faces mais o número de vértices era sempre igual ao número de arestas mais dois, o que levou o professor a apresentar o Teorema de Euler. De seguida distribuiu uma ficha de exercícios, sobre sólidos geométricos, que os alunos realizaram individualmente e corrigiram em turma.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na segunda aula presenciada, Estudo Acompanhado, pudemos constatar que era dirigida por dois docentes um de Língua Portuguesa e um de Matemática. Ao iniciar a aula o docente, de Língua Portuguesa, distribuiu uma ficha formativa em que se pretendia compreender qual o melhor método para estudar. Enquanto iam lendo os alunos e o professor debatiam sobre os diferentes pontos, assim como, quais se adaptavam melhor a cada um. Na segunda parte, apresentada pelo professor de Matemática, os alunos realizaram uma ficha sobre sólidos geométricos em conjunto.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Na aula da tarde, Ciências da Natureza, temos a oportunidade de observar uma turma que observamos durante a terça-feira, com docentes diferentes. Na verdade, o comportamento da turma era oposto ao que haviam tido com o outro docente. Os alunos andavam constantemente em pé, falavam uns com os outros e eram rudes com o docente. De toda a turma só alguns é que tentavam realizar as tarefas que o professor sugeria.

Inferências e Fundamentação teórica

O Estudo Acompanhado é uma área de estudo que pretende, segundo Cosme e Trindade (2001), “ensinar os alunos a aprender a aprender” (p. 11). Na verdade, estes períodos de aulas têm sido realizados para que os alunos consigam desenvolver as suas capacidades. Neste dia foi desenvolvida a memória que segundo os mesmos autores, não se deverá definir “pela quantidade de informação que permite a um ser humano reter e evocar, mas pela qualidade do processamento da informação que um sujeito pode realizar.” (p. 18).

Concluindo, esta área curricular pretende melhorar e acompanhar os alunos no processo de aprendizagem. Em que o docente deverá explorar diferentes estratégias de estudo para que os alunos as consigam adaptar à sua personalidade.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

A primeira aula do dia foi Matemática na turma H do 6.º ano. Ao iniciar a aula o docente fez uma breve revisão de conceitos que já haviam sido trabalhados. Nesta aula o docente iria demonstrar, aos alunos, como era calculada a área do triângulo. Para tal pediu-lhes que pintassem um retângulo e, dentro desse retângulo, de cor diferente, um triângulo em que o tamanho da base e altura fosse igual à do retângulo. Depois de desenhado e pintado pediu que o recortassem de modo a compreenderem o que tinham em comum. Depois de alguns alunos terem descoberto que a área pintada de uma cor era congruente com a área pintada da outra cor (correspondente à área do triângulo) explicou como era a área do triângulo e realizou vários exercícios de aplicação.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Na aula de Língua portuguesa, no 6.º B, o docente trabalhou conteúdos gramaticais através de um conto tradicional exposto no manual, nomeadamente as relações entre a grafia e a fonia. Para conseguir explicar a relação tentou encontrar palavras que faziam parte do léxico dos alunos comparando a palavra “Homossexual” e “Homógrafa” explicando que começavam da mesma forma (“Homo”) pois queria dizer igual e, depois, “grafa” que provem da palavra “grafia”, ou seja, grafia igual. Depois de pedir alguns exemplos, um aluno disse “Um molho de flores” e “O molho da comida” ao qual o professor explicou que eram palavras homógrafas, porque mantinham a grafia e não a fonia. Sendo que um aluno ficou confuso pois não compreendia como “um molho de flores” poderia ser uma palavra homógrafa de “Eu molho o cabelo”. Neste momento o professor ficou baralhado, pensou, parou a aula e pediu que fosse dada uma salva de palmas a esse aluno. Explicou, então, que dependendo da forma como a palavra é aplicada também a sua relação pode ser diferente.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Na última aula do dia, no 6.º E, na aula de História e Geografia de Portugal o professor esteve a apresentar conteúdos do 5.º ano do 2.º Ciclo. De facto, os alunos não haviam tido professor de História e Geografia de Portugal durante grande parte do ano letivo. Desta forma explicou como eram distribuídas as terras do reino pelas diferentes classes, assim como, o tipo de atividades que estas desenvolviam.

Inferências e Fundamentação teórica

A origem dos contos tradicionais ainda é um tema bastante debatido. Como refere Traça (1992) “A teoria indo-europeia defendida pelos Irmãos Grimm, desenvolvida por Max Müller, aplicada por Hyacinthe Husson aos contos de Perrault, a teoria indianista, criada por Theodor Benfey segundo a qual todos os contos provinham da Índia” (p. 17). A mesma autora refere também que:

Os membros da escola finlandesa eram partidários da monogénese: cada conto-tipo teria nascido num só lugar a partir do qual se teria difundido (...) de forma estável durante grandes períodos de tempo enquanto passassem de geração em geração na mesma região; a partir do momento em que mudavam para outras regiões, sofriam transformações para se adaptarem aos novos contextos culturais (p. 17.).

Ao contrário de nos dias correntes que “parecem ter renunciado a determinar a origem geográfica de um conto” (p. 17).

Desta forma, é complexo compreender a evolução dos mesmos sem entendermos o contexto sociocultural em que foram escritos. Como tal, Traça refere que estes “podem variar conforme as culturas e as formas de organização social” e, apesar dessas divergências, “[ensinam] sempre que certos perigos, problemas e situações podem ser ultrapassados se forem encarados com perseverança” (p. 29).

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Na primeira aula do dia, Matemática no 5.º B, os alunos realizaram uma proposta de trabalho, com o apoio dos estagiários, sobre as retas e a amplitude dos ângulos. Após os estagiários terem apoiado os alunos, foi possível constatar que estes não tinham compreendido o que o professor havia dito devido ao barulho constante na sala de aula

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na aula de Estudo Acompanhado, no 5.º C, os alunos elaboraram um teste de atenção. O docente explicou que só teriam 3 minutos para o realizar. Neste teste, os alunos deveriam ter muita atenção para que não cometessem lacunas. Visto que, grande parte dos alunos não realizou o que era pedido, o professor aproveitou para tirar conclusões, interagindo com os alunos sobre a importância de ler um documento, nomeadamente uma prova de avaliação antes de a realizar. Na segunda parte da aula realizaram uma proposta de trabalho sobre as retas e a amplitude dos ângulos em grande grupo.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Nesta aula é natural existir, como já foi relatado anteriormente, desrespeito para com o docente titular. Este tenta diferenciar as aulas para que os alunos fiquem cativados. Neste dia decidiu apresentar vários vídeos sobre o que deveríamos digerir para ter uma alimentação saudável. Porém, o docente não fez uma pesquisa prévia dos materiais que ira apresentar. Desta forma, durante os primeiros 45 minutos, os alunos ficaram bastante motivados e atentos aos mesmos. Já na segunda parte, os

alunos ficaram saturados de ver vídeos, em que não era possível compreender o que estava a ser falado, pois o volume estava baixo, e começaram a destabilizar a aula.

Inferências e Fundamentação teórica

A indisciplina em sala de aula é um fator nuclear do ato pedagógico. De facto, como tem sido referenciado ao longo deste relatório, a disciplina apresenta uma função bastante importante no que diz respeito às relações sociais, psicológicas, entre outras.

Como refere Amado e Freire (2002), o “«desvio às regras de trabalho na aula»” (p. 8) estão “ muito relacionados não só com as características pessoais do professor e o modo como este planifica e conduz as actividades pedagógicas mas também com as dinâmicas interaccionais que se desenvolvem na turma” (p. 50). Todavia, não é complicado *combater* estes incidentes, para tal é necessário que o professor consiga:

aprender a ver este tipo de indisciplina não como um problema mas como um sintoma que algo vai mal, ele encontrará respostas muito mais adequadas e eficazes (...) mais preventivas e geradoras de um bom clima relacional e de aprendizagem (...) é neste sentido que este tipo de indisciplina tem um carácter pedagógico e criativo (p. 50).

Porém, é importante lembrar que este docente não tem uma formação profissional na área da educação, mas sim na área de agronomia. Realça-se, mais uma vez, a importância da formação de professores que, neste caso, é inexistente.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

O docente começou por rever alguns conceitos sobre áreas e perímetros. Começou por corrigir os trabalhos de casa sobre conversões com medidas de comprimento e área. De seguida pediu para realizarem alguns exercícios individualmente. Depois pediu aos alunos que os fossem resolver ao quadro de outra forma que não havia sido apresentada.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

O docente iniciou a aula fazendo a leitura de um texto, em voz alta, para que pudesse avaliar a compreensão oral dos alunos. Depois de lido realizou várias questões que, os alunos não demonstraram dificuldade ao responderem. Enquanto realiza-

va as questões, foi fazendo a relação de vários pormenores, como o nome das personagens, com o tema do texto. Após realizada a interpretação do mesmo foi pedido que realizassem a leitura e, ao mesmo tempo, fossem identificando os recursos estilísticos.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Nesta aula o docente sugeriu que um dos estagiários ficasse à frente da turma para conseguirmos observar as suas expressões faciais. Neste dia o professor informou os estagiários que o Diretor da Escola havia estado presente, na sala de aula, devido a incidentes com a turma e que um dos alunos havia sido suspenso por ter tido um comportamento impróprio. Ao longo da primeira parte da aula o docente falou sobre estes incidentes e comparou os alunos, inferiorizando-os, com os de uma outra turma onde leciona. Na segunda parte realizou alguns exercícios no quadro interativo.

Inferências e Fundamentação teórica

Com base no Decreto de Lei 39/2010, que aborda o estatuto do aluno dos Ensinos Básico e Secundário, a suspensão dos alunos pode ser aplicada pelo diretor, após uma decisão da entidade que abriu o processo sobre o aluno. De facto, a suspensão pode ser aplicada quando:

A sua presença na escola se revelar gravemente perturbadora do normal funcionamento das atividades escolares; b) Tal seja necessário e adequado à garantia da paz pública e da tranquilidade na escola; ou c) A sua presença na escola prejudique a instrução do procedimento disciplinar. (Artigo 47.º, ponto 1, Capítulo V).

Porém, apesar de na lei estar estipulado que a suspensão deve ser aplicada, nos casos citados anteriormente, esta não prevê as consequências negativas que a suspensão pode provocar no aluno e como os alunos interpretam essa suspensão.

Na verdade, segundo Jesus (1999), “as suspensões são entendidas por muitos alunos indisciplinados como «uns dias de férias»” (p. 32). O autor apresenta como proposta a “substituição das suspensões por «castigos pedagógicos» em que o aluno deve realizar tarefas do tipo serviço cívico, como seja auxiliar os funcionários ou os professores” (p. 34).

Esta estratégia faz com que os alunos suspensos não encarem a suspensão como uma pausa adicional a meio do ano letivo e realizem trabalhos que podem ser úteis à escola. Por outro lado, estes podem relacionar o “castigo” ao trabalho, formando concepções negativas sobre os mesmos.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Neste dia, na primeira parte da aula, o professor distribuiu uma proposta de trabalho sobre os ângulos. Os alunos mostraram algumas dificuldades em distinguir os ângulos quando estes eram apresentados de uma forma diferente do habitual. Na segunda parte da aula realizaram uma mini avaliação sobre os sólidos geométricos.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na aula de Estudo Acompanhado os alunos começaram por realizar vários exercícios de memória. O professor distribuiu, por cada fila, uma lista que continha as mesmas palavras, mas organizadas de forma diferente. Depois de concluir os exercícios, compararam as diferentes listas e debateram sobre a forma mais fácil de decorar conteúdos. Foi também realizada uma ficha de trabalho sobre os sólidos geométricos e a apresentação de vários vídeos, cómicos, relacionados com Língua Portuguesa e Matemática.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Na aula da tarde o docente optou por trocar de sala de aula. Como o funcionário não havia sido avisado, pelo professor, marcou-lhe falta. Na tentativa de resolver esta situação, o docente foi falar com o funcionário. Neste momento ficaram dois estagiários com a turma na sala. Para tentar acalmar a confusão realizaram o “jogo da força”, em grupo, com os mesmos. Enquanto o jogo estava a ser realizado os alunos mantiveram-se calmos e bastante participativos.

Quando o professor chegou, ao ver a turma com um comportamento diferente do habitual, deixou continuar o jogo. Quando os estagiários pediram para o professor participar este cometeu um erro que gerou alguma confusão na turma. De modo a acalmar e fazer com que não existissem conflitos, os estagiários pediram aos dois grupos que estavam a ser prejudicados nos pontos para apresentarem os motivos pelo qual deveriam receber a pontuação e que, a fila que não estava a disputar os pontos, votasse que grupo deveria recebe-los tendo em conta os argumentos. Um dos alunos não aceitou a votação, levantou-se e tentou sair da aula. Um dos estagiários seguiu este aluno e conversou com ele, em privado.

Quando o jogo terminou os alunos resolveram uma proposta de trabalho sobre os seus hábitos alimentares.

Inferências

Durante a última aula, do dia, o docente ao deparar-se com o comportamento da turma tentou fazer com que fossem os estagiários a continuar a aula. De facto, o docente demonstra bastantes dificuldades em controlar o comportamento da turma. Nesta situação o docente teve oportunidade para voltar a “dominar” a turma visto que, quando começou a lecionar, os alunos mantiveram o bom comportamento.

O professor deveria ter sido cuidadoso ao colaborar com o jogo, visto que a falta de atenção provocou confusão e prejudicou a veracidade do mesmo. Estes alunos ao realizarem o jogo pretendem que haja vencedores e vencidos. Porém, para que os alunos aceitem a derrota é necessário que não existam situações de injustiça, como aconteceu.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

Na aula de Matemática o professor começou por corrigir o trabalho de casa com os alunos. De seguida distribuiu várias folhas com um resumo dos conteúdos e com alguns exercícios para desenvolverem em casa. Ao longo da aula, os alunos foram realizando exercícios sobre a Área do Circulo com o apoio dos estagiários e do docente. Um dos estagiários pediu para corrigir um problema no quadro, tal como havia sido sugerido pelo docente. Durante a correção o estagiário deu apoio, sem dificuldade, aos alunos e desenvolveu-o de modo a serem os alunos a pensar numa forma para o resolver.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Na aula de Língua Portuguesa, como os alunos estavam a realizar uma prova de avaliação, o docente pediu que realizássemos uma proposta de cotação para cada uma das questões para depois podermos comentar. Enquanto realizávamos essa atividade, fora da sala de aula, um docente, de uma das turmas onde estamos a realizar a Prática Pedagógica, informou-nos que os alunos haviam feito queixa aos pais dos estagiários e que o motivo para estes não estarem bem comportados nas diversas aulas, ao longo da semana, era culpa dos estagiários que não os deixavam concentrar.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Na aula da tarde, a História e Geografia de Portugal, o diretor de turma que haviam feito queixa entrou na sala de aula e pediu para falar, em privado, com os estagiários. Como tal, fomos com o docente conversar sobre estes incidentes. Ao conversar com o professor não nos foi possível compreender quais os motivos que haviam levado os alunos a fazer queixa dos estagiários. Porém, mesmo sem compreender a situação, o professor frisou que estávamos em Prática Pedagógica para, simplesmente, observar, e que não poderíamos ter contacto com os alunos, assim como, se algo voltasse a acontecer este tomaria medidas para terminar com a Prática Pedagógica, ou seja, reprovando-nos. De seguida voltámos para a aula onde o docente abordou o final da 1.ª Dinastia e o início da 2.ª Dinastia com o Mestre de Avis.

Inferências e Fundamentação teórica

O diretor de turma acompanha uma determinada turma ao longo de todo ano letivo. Este, segundo Marques (2001), “acompanha, apoia e coordena os processos de aprendizagem, de maturação, de orientação e de comunicação entre professores, alunos e pais” (p. 15). A orientação, segundo o mesmo autor, “consiste no processo de ajuda ao aluno, com o objectivo de lhe permitir ultrapassar os obstáculos à aprendizagem que vão surgindo ao longo do percurso escolar” (p. 18).

O diretor de turma tem a função de manter a comunicação entre a família e a escola. Na verdade, este deve comunicar com os encarregados de educação para que estes tenham noção do desenvolvimento do seu educando. Porém, este não deveria, somente, contactá-los quando as situações são mais desagradáveis, mas sim fazer o inverso, ou seja, contactar os encarregados de educação caso o seu filho esteja a conseguir atingir os objetivos propostos.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

Ao ser iniciada a Prática Pedagógica o docente começou por fazer a correção do trabalho de casa no quadro. Após a correção distribuiu uma ficha sobre a amplitude dos ângulos. Neste momento o docente pediu aos estagiários que fossem ajudando os alunos na realização dos exercícios. Enquanto isto foi possível compreender que os infantess não eram capazes de medir ângulos, porque não sabiam como utilizar um transferidor. Depois de se explicar como era utilizado, os alunos realizaram os exercí-

cios sem dificuldades e com alguma rapidez. Como faltava algum tempo, mas não o suficiente para realizar uma proposta de trabalho, os alunos jogaram ao “jogo do 24”.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na aula de Estudo Acompanhado o professor realizou um exercício intitulado de “Quem conta um conto acrescenta um ponto”. Para tal pediu a cinco alunos que saíssem da sala e contou o conto aos que ficaram dentro da sala. Depois, pediu a um dos alunos para voltar a entrar na sala e solicitou, a um dos que não tinha saído, para contar o conto ao que havia entrado recentemente. O aluno que tinha entrado em primeiro lugar, deveria contar o conto ao aluno que entrou em segundo lugar e assim sucessivamente até ao quinto aluno entrar. No final releu a história e os alunos ficaram estupefactos porque o resumo que tinham ouvido não correspondia, em quase nada, ao conto lido pelo professor. Para terminar a aula, como ainda havia tempo, o docente sugeriu que jogassem ao “jogo do 24”.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Há tarde, foi possível assistir à aula de Ciências da Natureza. Os alunos fizeram a apresentação de trabalhos de grupo. De seguida elaboraram várias atividades sobre o sistema digestivo.

Inferências e Fundamentação teórica

O professor usualmente pede para os alunos realizarem um trabalho de grupo para que consigam adquirir, por si só, as suas aprendizagens. De facto, como refere Pato (1995), os trabalhos de grupo “têm como pressuposto que o aluno é agente activo da sua própria aprendizagem.” (p. 9).

Os trabalhos de grupo podem ser bastante positivos quando realizados pelos alunos. Quando um dos grupos foi questionado sobre como é que tinham elaborado o trabalho, os alunos responderam que tinham copiado tudo de um site da Internet. A mesma autora refere ainda que “o professor vagueie por entre os grupos, disponível para se regozijar com o que, no seu funcionamento, se encaminha bem, e para atalhar quando é caso disso.” (p. 64). Ou seja, o docente quando pede que seja realizado um trabalho de grupo precisa de acompanhar os grupos para que, situações como a relatada, não aconteçam.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

Na aula de Matemática, grande parte dos alunos não teve presente pelo facto de ter sido organizada uma visita de estudo de Educação Moral neste dia. Deste modo, o professor optou por realizar vários jogos com os alunos no quadro interativo, entre os quais a construção de polígonos, figuras de área equivalente e sudoku.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Na primeira aula tiveram presentes menos alunos do que o habitual. Como tal, o docente planeou uma aula mais lúdica. Começou por realizar a leitura de um livro (*A menina que sorria a dormir* de Isabel Zambujal) e comentou, com os alunos, o tema do mesmo. Para que os estagiários começassem a interagir com a turma pediu-lhes que lessem alguns parágrafos. No final da aula, visto que alguns alunos desrespeitaram o docente, este pediu a dois alunos que se retirassem por não respeitarem as regras.

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

Durante o período da tarde foi possível observar a aula de História e Geografia de Portugal. Ao contrário das aulas anteriormente referidas, neste dia só faltaram quatro alunos e o docente optou por continuar as revisões para a ficha de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

O docente de Língua Portuguesa, quando iniciou a aula, afirmou que iria apresentar um livro porque este fazia parte do Plano Nacional de Leitura (PNL) e porque gostava muito. Segundo o site do PNL, este:

tem como objectivo central elevar os níveis de literacia dos portugueses (...) Destina-se a criar condições para que os portugueses possam alcançar níveis de leitura em que se sintam plenamente aptos a lidar com a palavra escrita, em qualquer circunstância da vida.

Para tal, é disponibilizada uma lista de livros adaptada a cada ano de ensino. De facto, o livro que foi lido neste dia faz parte do PNL.

Segundo o PNL, este livro deverá ser apresentado no 3.º ano do 1.º Ciclo e não no 6.º Ano do Ensino Básico. A lista de livros é realizada com base nas faixas etárias e conteúdos a desenvolver num determinado ano. Porém, o docente não considera que

os alunos tenham capacidade para ler os livros destinados ao 6.º ano e, por isso, não os apresenta à turma.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

O professor iniciou a aula projetando uma definição de polígonos, assim como, vários polígonos com a respetiva definição quanto ao número de lados. Após os alunos terem passado para os cadernos as instruções realizaram vários exercícios de consolidação. Enquanto isto, um dos alunos não se estava a sentir bem e acabou por vomitar. De facto, o aluno já teria pedido a um estagiário para ir à casa de banho, porém, tendo em conta que o estagiário não é o professor titular solicitou que este pedisse ao docente titular. O professor por não ouvir o aluno não o deixou ir. Este acabou por não conseguir aguentar e vomitou na sala de aula.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na aula de Estudo Acompanhado o docente de Língua Portuguesa leu um texto, adaptado à turma, de Agatha Christie. Neste texto as personagens da história tinham o nome dos alunos. Porém, alguns alunos não foram referidos no mesmo. A história retratava o roubo de um diamante e os alunos teriam de tentar compreender as pistas que eram dadas para resolverem o caso. Após todos os alunos terem dado a opinião sobre quem tinha roubado o diamante e o docente contou a versão final.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Na aula de Ciências da Natureza foi realizada uma Ficha de Avaliação sobre os conteúdos lecionados, ao longo do presente ano letivo, até à mesma data.

Inferências e Fundamentação teórica

O exercício realizado na aula de Área de Projeto estimulou e cativou os alunos. Os alunos ao verem o seu nome referido no texto sentiam-se importantes e levava-os a participar ativamente nas questões que o docente realizava. De facto, Rodari (2002) diz que, ao referir o nome de uma criança numa história “satisfaz o seu egocentrismo.” (p. 138). Porém, mesmo que na história não estivessem enunciados os nomes de alguns alunos, estes participaram e mostraram-se interessados no desfecho. Na verdade, o docente realizou o mesmo exercício que Rodari fazendo algumas adaptações

“dei às personagens os nomes das crianças que me ouviam, e mudei os nomes dos lugares para os adaptar aos que elas conheciam.” (p. 139). O autor refere que estas alterações de locais e nomes atuam “como um reforço do interesse e da atenção, precisamente porque constituía um reforço do mecanismo de identificação.” (p. 139). É possível afirmar que esta atividade despertou os alunos e desenvolveu as suas capacidades de argumentação e compreensão oral.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Neste dia, o docente reviu a classificação dos triângulos quanto ao número de lados e ao número de ângulos. Na segunda parte da aula distribuiu uma ficha de classificação de polígonos.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na disciplina de Estudo Acompanhado os docentes, a pedido dos alunos, repetiram a atividade elaborada na aula anterior. Porém, visto que a disciplina é lecionada por dois professores só desenvolveram a atividade nos primeiros 45 minutos. Na segunda parte do bloco foi distribuída uma ficha de Matemática sobre a classificação de polígonos quanto ao número de lados.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Em Ciências da Natureza, na aula da tarde, o professor introduziu o tipo de dentição. Para facilitar a compreensão do assunto, o docente mostrou alguns vídeos sobre o tema. Num dos vídeos era apresentada uma desvitalização, mas o docente não conseguiu explicar o que estava a ser apresentado. Um dos estagiários explicou aos alunos, sem dificuldade, o processo da desvitalização.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante um intervalo foi possível conversar com o professor que leciona as aulas assistidas às sextas-feiras. Na verdade, este confessou não estar preparado para receber estagiários e que não sabia como haveria de realizar esta tarefa. Apesar da Prática Pedagógica ser bastante importante para o desenvolvimento do futuro professor esta, segundo Jacinto (2003),

pressupõe, certamente, a necessidade de profissionais qualificados nas escolas, de forma a poderem possibilitar ao estagiário uma prática pedagógica orientada de qualidade e uma articulação entre a teoria e a prática, dando, assim, continuidade à formação já iniciada pela instituição de formação. (p. 28).

Os estagiários ao serem confrontados com um docente, que não está qualificado para os avaliar, coloca em causa a sua tarefa de cooperante. O professor cooperante pode, citando o mesmo autor, “pôr em risco o processo de formação do futuro professor.” (p. 28).

O orientador, em sala de aula, tem um papel fundamental na formação do futuro professor. Cabe, desta forma, ao estagiário realizar uma reflexão em que opte qual o modelo que deverá, ou não, seguir.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Ao longo desta aula os estagiários estiveram a auxiliar os alunos nos exercícios de consolidação da matéria, sendo que o conteúdo era a amplitude dos ângulos.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Durante esta aula, o professor pediu para que os estagiários elaborassem a correção de fichas de trabalho dos alunos na sala dos diretores de turma. Ao regressar à sala de aula o professor conversou com os estagiários sobre o Estágio Profissional e os conteúdos lecionados numa outra Unidade Curricular do Mestrado.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Neste momento o professor distribuiu as fichas de avaliação e desenvolveu a correção dos mesmos. Depois de ter ouvido conversas paralelas lembrou os alunos que os docentes, da turma em questão, tinham conversado e que não iria dar uma segunda oportunidade a quem tivesse um comportamento inoportuno. Após um aluno ter começado a responder mal ao professor várias vezes consecutivas, um outro aluno lembrou o que o professor havia dito anteriormente. O professor retorquiu expulsando o aluno, que havia advertido o docente, da sala de aula.

Inferências

Na segunda aula da manhã, de Língua Portuguesa, os estagiários não tiveram oportunidade de observar a aula lecionada pelo professor titular. É importante que o estagiário tenha possibilidade de realizar tarefas que, como professor, terá de estar à vontade. Porém, durante este momento o professor titular abordou o tema das orações coordenadas e teria sido uma experiência mais vantajosa, para os futuros professores, observá-la. Visto que nunca haviam tido essa oportunidade.

Sexta-feira, 11 de novembro 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Durante este momento foram realizados vários exercícios sobre a desigualdade triangular. Para comprovar este conteúdo o docente pediu para tentarem construir triângulos com palhinhas e colarem-nos no dossier. Ao longo dos exercícios os estagiários foram apoiando os alunos nas dúvidas que apresentavam.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Como continuação da aula anterior foi finalizada a história adaptada à turma. Na segunda parte da aula os alunos colocaram vários enigmas para que estes os conseguissem resolver.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Nesta aula foi distribuída uma ficha com um crucigrama sobre o sistema digestivo. Na segunda parte da aula foi apresentado um vídeo da coleção “Era uma vez a vida – O Fígado”.

Inferências e Fundamentação teórica

A aula de Matemática foi diferente do que se tem observado. Na verdade, o docente tentou introduzir um conteúdo utilizando materiais. Os alunos desta turma não demonstram gostar do conteúdo nem das aulas de Matemática. Meyer (2010) numa apresentação referiu que:

I teach high school math. I sell a product to a market that doesn't want it, but is forced by law to buy it. I mean, it's just a losing proposition. So there's a useful stereotype about students that I see

A Matemática nos dias que correm tem uma cotação muito negativa por parte dos alunos. Esta é vista como algo obrigatório e sem sentido. Cabe ao docente demonstrar que esta pode ser aprendida de forma lúdica e que pode ter uma utilização prática nas nossas vidas. O docente ao realizar esta atividade conseguiu motivar os alunos para a aprendizagem. Meyer (2010) diz ainda que é necessário encorajar os alunos a gostar de matemática, quer por meios materiais, quer por utilizar situações reais aos alunos.

Desta forma, o docente, ao alterar a sua estratégia habitual conseguiu cativar os alunos e desenvolver competências matemáticas que, até então, não tinha conseguido.

Terça-feira, 15 de novembro 2011

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

Ao iniciar a aula, o docente, corrigiu os trabalhos que havia enviado para casa. Realizou alguns exercícios de consolidação sobre ângulos e a construção de gráficos circulares. Este, em debate com os alunos, esclareceu as dúvidas expostas. Como faltava pouco tempo para a aula terminar realizou alguns exercícios de raciocínio matemático.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

O docente apresentou um livro à turma. Ao mostrar o livro explicou as várias características da capa, contracapa e no que consistia a sinopse. Posteriormente, distribuiu uma ficha que os alunos deveriam completar conforme a história fosse lida.

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

No desenrolar da aula o docente abordou a expansão marítima portuguesa, concluindo com a descoberta da Madeira e dos Açores.

Inferências e Fundamentação teórica

Nas aulas de Matemáticas do 6.º H é possível observar a boa relação entre o docente e os seus alunos. Na verdade, este consegue criar um bom ambiente em sala de aula: os alunos respeitam-se mutuamente, assim como, o docente respeita todos os alunos. É possível observar que grande parte da turma não tem dificuldades a Matemática e trabalha com prazer. Segundo Carvalho e Silvestre (2010), “o papel do

professor é fundamental no desenvolvimento do conhecimento matemático dos alunos e das capacidades transversais.” (p. 148).

O docente admitiu que nunca tinha pensado seguir a vertente do ensino e, muito menos, no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Porém, devido à sua vontade de aprender e fazer com que os seus alunos aprendam mais e melhor, pesquisou e realizou várias formações para conseguir melhorar o seu desempenho. Na verdade, segundo o Relatório mundial de educação (1998):

A nova geração está a dar entrada num mundo de mudança em todas as esferas: científica e tecnológica, política, económica, social e cultural. Os contornos da sociedade futura, «baseada no conhecimento», estão a formar-se. O estatuto da educação está a mudar (...). As percepções sobre a duração da educação estão também a mudar, à medida que as sociedades reconhecem que, no dizer da Comissão Internacional da Educação para o século XXI, «o tempo para aprender é agora a vida inteira», não apenas o período da infância e da juventude. (p. 13).

Em suma, um professor nunca deverá ficar *estagnado* no tempo. O facto de o mundo estar a evoluir faz com que o professor deva acompanhar o desenvolvimento da sociedade e consiga adaptar as suas aulas aos alunos presentes naquele momento.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Nesta aula os alunos realizaram exercícios sobre a construção dos triângulos. Um dos alunos, que tem mais dificuldades, realizou exercícios diferentes dos restantes sobre a adição e a multiplicação.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

No início da aula foi apresentado um concurso, “Missão Up”, da Galp. De forma a enquadrar a turma no concurso foram apresentadas as regras e os prémios do mesmo. Foi realizada, também, uma revisão sobre energias renováveis e a sua importância.

Na segunda parte da aula a Polícia de Segurança Pública, nomeadamente os agentes do departamento da Escola Segura, realizaram uma palestra sobre segurança na internet.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Ao entrar na sala um aluno tentou agredir, com pontapés, um colega. Para que esta situação não tivesse um fim mais trágico um estagiário interveio segurando o mesmo. O docente titular verificou se o aluno havia tomado a medicação e pediu que se sentasse.

Quando iniciou a aula explicou aos alunos como era realizada a digestão dos ruminantes e como é habitual distribuiu uma ficha de revisão de conhecimentos.

Inferências

Os concursos entre escolas pode ser uma experiência muito vantajosa para os alunos. De facto, as crianças mostraram-se motivadas com o tema. Caso seja realizado pelos alunos, poderá desenvolver a sua criatividade, capacidade e espírito de equipa. Porém, após a intervenção do docente foi possível concluir que os alunos não iriam interferir, diretamente, no trabalho que seria apresentado.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

O docente iniciou a aula realizando a correção do trabalho de casa. Posteriormente, um estagiário iniciou a sua aula. Com o apoio de um PowerPoint explicou como eram realizadas as somas, as subtrações, as multiplicações com base igual e base diferente com potências. Realizou alguns exercícios orais para compreender se os alunos haviam entendido o conteúdo.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Ao longo desta aula, o docente introduziu os pronomes reflexivos com apoio do manual escolar. Na verdade, os alunos não mostraram grande dificuldade em compreender o conteúdo. Porém, após a realização de exercícios, orais, poucos acertaram.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Como é habitual, o professor, de modo expositivo, abordou o tema do comércio em África. Optou por manter a luz desligada ao longo da aula e alguns alunos começaram a bocejar visto que não houve dinamismo.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

Nesta aula o docente diferenciou o círculo e a circunferência. Distribuiu uma ficha de trabalho de forma a consolidar o conteúdo.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

Ao iniciar a aula foi realizada uma proposta de trabalho em que os alunos teriam de organizar várias falas, numa ficha, enquanto ouviam uma gravação.

Os alunos tiveram, ainda, a oportunidade de observar vários vídeos das “brigadas” (nome dado aos grupos participantes no concurso “Missão Up”) referentes ao concurso em que a turma está a participar.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

No primeiro bloco de 45 minutos a Polícia de Segurança Pública realizou uma apresentação sobre delinquência juvenil.

No segundo bloco um estagiário abordou o tema da respiração. Ao iniciar a aula, com o auxílio de um PowerPoint, foi explicando o percurso do ar após entrar no sistema respiratório. Posteriormente distribuiu uma proposta de trabalho e mostrou, a toda a turma, os pulmões de um porco.

Terça-feira, 29 de novembro 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Ao iniciar a aula o docente começou por realizar a correção do teste de avaliação. No segundo tempo um estagiário lecionou a aula de revisões sobre as potências. Para dinamizar o tema realizou um jogo com os alunos por fila e distribuiu vários cartões com questões alusivas ao tema, depois de resolvidas os alunos entregavam os cartões aos colegas da carteira atrás. Após todos os grupos resolverem as questões fez a sua correção e esclareceu as dúvidas.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

No primeiro bloco de 45 minutos o professor levou os alunos à Feira do Livro que estava a decorrer na biblioteca. Durante a visita os alunos questionaram o docente e os estagiários sobre que livros deveriam comprar.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Neste dia o professor explicou aos alunos o modo como os portugueses realizaram a descoberta do caminho marítimo para a Índia, assim como, as dificuldades que haviam encontrado durante o percurso.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

Neste dia foi realizado o teste de avaliação. Antes de iniciar o teste, o docente, pediu aos estagiários que apoiassem os alunos com Necessidades Educativas Especiais. Estes alunos apresentaram bastantes dificuldades ao ler o enunciado e não conseguiram responder às questões sem que este lhes fosse lido em voz alta. Enquanto os alunos realizavam os testes o docente conversou com os estagiários sobre a sua carreira profissional.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

No primeiro momento, o docente de Matemática realizou revisões para o teste de avaliação.

No segundo momento, o professor de Língua Portuguesa projetou um texto no quadro sem pontuação que, em conjunto, os alunos teriam de pontuar.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

No início da aula o professor disponibilizou algum tempo para que os alunos revissem a matéria autonomamente. No segundo tempo os alunos realizaram o teste de avaliação, sendo que, alguns, terminaram-no em menos de 15 minutos.

Inferências e Fundamentação teórica

Quando o professor titular partilha com os estagiários a sua experiências estes conseguem desenvolver perspetivas sobre a carreira docente que optaram por seguir. Na verdade, segundo Loughran (2009), “uma experiência partilhada com outra pessoa que se estima proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática.” (p. 31).

De facto, esta partilha vai proporcionar, ao estagiário, novas realidades que, provavelmente, não havia imaginado. Segundo o mesmo autor, “o conhecimento adquirido através da partilha destas experiências (...) conduzem a uma aprendizagem

mais significativa do que aquela que acompanha o «dizer como ensinar».” (p. 31). Para além da consulta realizada durante a formação o estagiário deverá conversar com vários docentes sobre as diversas experiências vivenciadas para que, no futuro, possa aproveitar os ensinamentos que lhe foram transmitidos.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Neste dia foi realizada um mini teste de avaliação sobre potências. Após a realização da prova, um estagiário desenvolveu um jogo sobre potências, visto que não teve tempo de o finalizar na semana anterior.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Quando os estagiários entraram na sala de aula o docente informou que os alunos iam realizar um teste de avaliação. Como tal, enquanto os alunos realizavam o teste, o docente titular explicava como deveria ser elaborado um teste de avaliação ao 6.º ano de escolaridade e quais as questões pertinentes.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

No primeiro momento da aula os alunos realizaram o teste de avaliação. Após responder a duas questões, um dos alunos, não conseguiu responder a mais nenhuma questão e saiu da sala de aula.

No segundo momento um estagiário apresentou a aula. Este explicou aos alunos como havia sido feita a colonização dos arquipélagos da Madeira e Açores.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

No primeiro momento o docente escreveu no quadro as propriedades da adição. Após explicá-las realizou um resumo, oralmente, e desenvolveu alguns exercícios com os alunos.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

Nesta aula foi realizada a autoavaliação da turma relativa à disciplina. Em primeiro lugar, os docentes questionavam os alunos quanto à nota que mereciam e era pedido, aos mesmos, para a justificar. Como a disciplina é lecionada por dois profes-

sores, ambos deram a e chegaram a um consenso. Em alguns casos, os docentes não chegaram a acordo tendo, portanto, pedido aos estagiários que dessem a sua opinião.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Um estagiário lecionou a aula deste dia. Começou por apresentar um PowerPoint referente ao tema, problemas respiratórios. Ao longo da aula os alunos foram fazendo várias questões sobre o tema às quais o estagiário respondeu sem dificuldade. Quando este não sabia responder às questões o professor titular, respondia ou pedia aos outros estagiários, caso soubessem, que ajudassem.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

No início da aula, o docente começou por corrigir os trabalhos para casa. No segundo momento, desenvolveu alguns exercícios sobre estatística e análise de dados. Após terminarem os exercícios, o docente corrigia-os no quadro e esclarecia as dúvidas dos alunos.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Neste dia, dois estagiários apresentaram a sua aula. Nos primeiros 45 minutos, coube a um estagiário abordar a biografia. Desta forma, optou por apresentar a biografia do patrono do agrupamento escolar (Pe. Bartolomeu de Gusmão) e explicou quais características de um texto biográfico. Nos segundos 45 minutos, o outro estagiário apresentou a autobiografia. Distribuiu uma autobiografia de Sophia de Mello Breyner Anderson e depois de apresentar alguns livros da autora à turma explicou as particularidades de um texto autobiográfico.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

No primeiro momento desta aula o docente distribuiu e realizou a correção do teste de avaliação. De facto, um estagiário deveria apresentar a aula neste momento, mas tendo em conta que grande parte da turma tinha ido realizar um concerto de Natal, durante o primeiro tempo do bloco, o docente decidiu que este a apresentasse na segunda parte da aula. O estagiário falou da estadia dos portugueses em África com o apoio de um PowerPoint.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

Visto que este dia foi o último do 1.º período, o docente decidiu que não iria apresentar conteúdo se seriam realizados alguns jogos. Como não conseguiu ligar o quadro interativo deixou os alunos brincarem, livremente, na sala de aula, enquanto explicava aos estagiários a sua carreira docente.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

Neste bloco de 90 minutos foram realizadas as avaliações e autoavaliações dos alunos. Em alguns casos os docentes titulares tiveram dificuldades e pediram aos estagiários para partilharem a sua opinião, sendo que a classificação desses alunos foi atribuída por votação entre os três estagiários e os dois professores titulares.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Os alunos trouxeram prendas para realizar uma troca durante este último momento. Enquanto a professora organizava a atividade alguns alunos cantavam canções de Natal. Quando começaram a trocar as prendas um dos alunos foi agredido, por um colega, nos órgãos genitais. Este retribuiu-o com um murro na face do colega. Um estagiário teve de intervir para que estes não se envolvessem em confrontos maiores enquanto o professor titular observava a situação do fundo da sala sem fazer nem dizer nada!

Inferências e Fundamentação teórica

Na aula de Ciências da Natureza com o 6.º B é natural existirem desacatos dentro da sala de aula. Porém, até ao momento, não tinham sido observadas agressões com esta intensidade. Na verdade, segundo Cordeiro (1997), “sempre houve violência no mundo, e não consta que, em números absolutos, haja propriamente mais agora.” (p.89). De facto, os meios de comunicação facilitam a propagação destes acontecimentos nas escolas mundiais. O mesmo autor refere que “ a pobreza, o meio social desfavorecido,(...) a falta de princípios orientadores, a disfunção familiar” (p. 90) são algumas das causas para estes desacatos.

Estas situações iniciaram-se quando os alunos compreenderam que o docente não se impunha, ou seja, que não cumpria as regras estabelecidas, ou melhor, cumpria as regras só para alguns alunos. Segundo Estrela (1992), “se a regra não é consi-

derada como legítima, ela surge aos olhos do aluno como uma arbitrariedade do professor que só será respeitada coercivamente.” (p. 58).

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

Neste dia, por motivos de força maior, o professor titular não pode comparecer. Como tal, os estagiários tentaram realizar uma atividade com os alunos e optaram por mudar de estratégia. Apresentaram um vídeo sobre a história da matemática.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Na primeira aula deste ano o professor realizou uma breve revisão do conteúdo dado pelos estagiários na última aula do 1.º período. Posteriormente mostrou alguns vídeos de Charlin Chaplin e leu uma biografia, do manual, sobre o mesmo, finalizando com questões de interpretação e análise gramatical.

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

Sendo esta a primeira aula do 2.º período, o docente começou por conversar com os alunos sobre as avaliações do 1.º período. De facto, o docente aproveitou este momento para fazer comparações entre turmas diferentes. Os alunos reagiram mal e deixaram de prestar atenção ao que este ia dizendo. O docente se apercebeu referiu que, essa atitude, só fazia com que estes “fossem piores pessoas”.

De seguida reviu os conteúdos abordados por um estagiário no dia 13 de dezembro.

Inferências

É importante que o docente tenha consciência das avaliações dos seus alunos e que consiga auxiliá-los de forma a melhorar. Porém, a forma como os comentários foram feitos, na última aula do dia, fazem com que os alunos se desmotivem e não deem importância à avaliação.

Na verdade, um docente deverá utilizar a avaliação para compreender as dificuldades dos alunos e tentar, diversificando as estratégias, com que estes melhorem a sua avaliação e não realizar comparações, constantes, entre pessoas ou grupos.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Neste dia o docente faltou. Os estagiários realizaram algumas atividades com os alunos.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Como esta seria a primeira aula do 2.º Período os professores da disciplina optaram por falar com os alunos de modo a compreender como se sentiam face às classificações que haviam tido, um a um, em voz alta. Enquanto questionavam os alunos iam comentando, com a turma, o que é que era necessário para manter a classificação ou melhorá-la. Um destes alunos explicou que, com a ajuda da mãe, já tinha realizado um horário de estudo e que o tinha de cumprir. Outro aluno, repetente, disse que era agredido, em casa, quando as notas não eram satisfatórias, o que deixou os colegas atrapalhados, porque nunca tinham sido castigados com base nas classificações.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Nesta aula o docente tentou realizar uma revisão do sistema respiratório e abordou o tema da hematóse pulmonar. Porém, como é habitual, o comportamento da turma foi catastrófico. O professor não tentou minimizar a confusão na sala de aula prosseguindo com a mesma. Apresentou um vídeo sobre a hematóse pulmonar, que poucos alunos prestaram atenção. No decorrer da aula dois alunos tentaram distrair os estagiários faltando-lhes ao respeito. Os estagiários advertiram o professor para esta situação, porém, o docente duvidou dos estagiários e agiu como se este aluno tivesse razão.

Quase no final da aula, um estagiário teve de puxar esse mesmo aluno para o outro lado da sala para que este não pontapeasse um colega na face, dentro da sala. Ao ver a situação o docente não tomou nenhuma atitude e, posteriormente, outros dois alunos agrediram um colega e estes só terminaram quando o estagiário foi forçado a interferir.

Inferências e Fundamentação teórica

Os elementos que compõem a turma influenciam o comportamento da mesma no decorrer das aulas. Na verdade, segundo Amado e Freire (2002), “é sobretudo na

adolescência, com o desenvolvimento da capacidade de «pensar sobre o que os outros pensarão de si próprios», que se torna mais premente a necessidade de ser aceite pelo grupo” (p. 20). O comportamento dos alunos é influenciado pela ideia que os colegas formam do discente.

Em suma, os alunos referidos na última aula preferem perturbar a aula, se o professor permitir, e serem vistos como “engraçados”, perante os colegas, do que comportarem-se bem e ficarem indiferentes aos olhos dos outros.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

À semelhança da semana anterior, o docente não conseguiu estar presente. A situação foi informada por outro docente da escola que pediu para deixar os alunos sair mais cedo. Como tal, os estagiários falaram com os alunos sobre a disciplina de Matemática.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Nesta aula um estagiário apresentou a aula: a bibliografia de Beethoven e a vida do autor. Ao contrário do professor titular, realizou questões aos alunos que não participavam tantas vezes na sala de aula e que apresentavam mais dificuldades em Língua Portuguesa.

Quando terminou a aula o professor titular, de Língua Portuguesa, reuniu os estagiário e deu o seu parecer. Referiu que o estagiário tinha realizado perguntas muito fáceis. O estagiário respondeu dizendo que as tinha feito aos alunos que apresentam mais dificuldades na sala de aula e que raramente comunicam, o professor retorquiu que esse não deixava de ser um ponto negativo, porque tinha avisado, anteriormente, que não deviam dirigir perguntas a alguns alunos porque “(...) eles não sabem nada e só servem para perder tempo!”

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

Nos primeiros 60 minutos o docente falou sobre a Lisboa Quinhentista. Nos últimos 30 minutos um estagiário abordou a União Ibérica e apresentou uma proposta de trabalho sobre o mesmo tema que havia preparado para 45 minutos.

Depois de ter terminado a aula, o docente referiu que havia ficado satisfeito com a prestação do estagiário, assim como, os alunos que o respeitaram ao longo dos 45 minutos.

Inferências e Fundamentação teórica

Com base no primeiro ponto artigo 3 da Declaração Mundial sobre Educação para Todos da UNESCO (1990), podemos observar que “a educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens (...) [para isso] é necessário universalizá-la e melhorar a sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades.”. Durante esta aula o estagiário tentou, tal como refere o artigo anteriormente citado, minimizar as desigualdades e diferenças presentes, todos os dias, no ambiente escolar.

Como é referido no segundo ponto do mesmo documento “para que a educação básica se torne equitativa, é mister oferecer a todas as crianças, jovens (...) a oportunidade de alcançar e manter um padrão mínimo de qualidade de aprendizagem.”. Para que tal aconteça o professor deverá, sempre, tratar todos os alunos da mesma forma. De facto, é possível observar que os alunos *esquecidos* pelo professor titular não realizam, não prestam atenção à aula e o docente não se interessa em cativá-los, deixando esse trabalho para os professores de apoio e para os estagiários.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

No sumário desta aula, o docente escreveu que iria abordar a multiplicação e divisão. Porém, nenhum dos conteúdos foi abordado. Esta atitude deu-se pelo facto do mesmo não ter preparado a aula que havia pensado. Para colmatar esta falha entregou uma proposta de trabalho sobre a subtração e as suas propriedades. Devido à dificuldade de se impor, os alunos não realizaram a proposta e o docente, optou por realizar um jogo, na Internet, que pretendia desenvolver o léxico do jogador. Todavia, o comportamento dos alunos manteve-se incontrolado até ao final da aula.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

Esta aula começou com uma apresentação de uma dramatização por parte dos alunos. Entretanto, o docente de Língua Portuguesa apresentou vários excertos de um filme francês, *Entre les murs*, legendado em brasileiro. O professor abordou o comportamento em sala de aula e relacionou-o com o comportamento dos alunos da turma.

Posteriormente, o docente de Matemática distribuiu uma ficha de trabalho sobre as propriedades da subtração. Para finalizar, o docente de Língua Portuguesa distribuiu uma ficha formativa sobre palavras derivadas.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

A situação relatada na 1.ª aula deste dia repetiu-se: o docente voltou a escrever um sumário que não correspondeu ao que fora desenvolvido na aula por não ter planificado a aula que pensava lecionar. Apresentou várias fichas de trabalho sobre o sistema respiratório do ser humano e pediu para que estes as realizassem. No entanto, os alunos acabaram por não realizar as propostas de trabalho e alguns saíram da sala de aula para irem para o recreio.

Inferências e Fundamentação teórica

É importante que o docente antes de iniciar uma aula tenha a capacidade de a planear para que tudo se desenrole de uma forma mais organizada. Na verdade, segundo Januário (1996), a planificação permite “ uma estruturação e uma visualização prévia da intervenção, [reduz] a aleatoriedade e [tenta] prever os limites provocados pelos factores de contingência e, principalmente, ligam o pensamento e ação.” (p. 68).

O processo de planificar a aula torna-se bastante importante tendo em conta que é um momento em que o docente pode prevenir alguns percalços que possam suceder durante a aula.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Por motivos de saúde não foi possível observar esta aula.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Neste dia o docente distribuiu um livro, *Ulisses* de Maria Alberta Menéres, por cada dois alunos. Posteriormente pediu a vários alunos que o lessem em voz alta. Enquanto os alunos o faziam o professor foi interrompendo a leitura para realizar questões gramaticais. Quando terminaram a leitura os alunos preencheram a ficha síntese relacionada com o livro.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Ao entrar na sala de aula, o docente estava a comer. Começou a falar com os alunos, com a boca cheia de comida e a explicar os conteúdos que iria abordar naquele dia. Enquanto observava esta situação, um aluno questionou o professor se não era falta de educação comer na sala de aula e falar “com a boca cheia”. O professor respondeu abrindo a porta da sala e expulsando o aluno da mesma. Continuou a aula como se nada tivesse acontecido.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura em sala de aula foi realizada com o fim de compreender conteúdos gramaticais. Com base nas respostas dadas pelos alunos, ao longo da aula, observa-se que estes têm dificuldades em entender os conteúdos gramaticais. Tal como refere Magalhães (2009), citando Rocha “o desenvolvimento da literatura para crianças liga-se à escolaridade e aos seus objectivos” (p. 134). A forma como os conteúdos gramaticais, referentes à obra, foram abordados ao longo desta aula não foi, de todo, cativante. Conforme é referido pelo Ministério da Educação (s.d.) “as atividades para aprendizagem do funcionamento da língua devem ser desenvolvidas de forma a nunca afectar o prazer da leitura da obra completa” (p. 38).

De facto, os alunos perderam o interesse após se terem apercebido que iriam abordar conteúdos gramaticais e para o aluno, citando Diniz (1994), “a leitura perde todo o seu valor, se o que a criança ler não trazer nada à sua vida, se os [professores] não lhe transmitirem o que a «boa» leitura lhe pode dar” (p. 55).

Na verdade, as obras clássicas presentes nos programas escolares são essencialmente adaptações. Segundo Magalhães (2009), estas demonstram-se fundamentais no desenvolvimento infanto-juvenil (p.127). A mesma autora refere que o escritor “adapta/ reescreve obras providas quer do património oral, quer da tradição culta, anteriormente direccionadas ao público adulto” (p. 126) e que estas são escritas “de modo a torná-las acessíveis ao público” (p. 127). Porém, não são as únicas alterações feitas à obra. Os livros direccionados a estas idades, tal como *Ulisses* de Maria Alberta Menéres, segundo Magalhães (2009), são “ajustados a um leitor em fase de alfabetização” (p. 129).

Maciel (2003), refere que Maria Alberta Menéres, “professora, escritora, animadora cultural, e divulgadora do livro e da leitura” (p. 5), consegue, através da sua obra infanto-juvenil aproximar “o adulto da criança, o adulto da sua própria infância e a criança do mundo e dos grandes temas dos adultos. É um encontro de gerações, de

memórias e vivências, de afirmações e valores” (p. 5). O mesmo autor refere que se deve dar um “destaque especial a [um clássico] da bibliografia da Autora, que [é] *Ulisses* (...) uma fabulosa adaptação para jovens, da *Odisséia* de Homero” (p. 7). Na verdade, a sua escrita, com base em Riscado (2003), reflete uma “alma infantil, pura e capaz, como só as crianças o são, de olhar para o interior das coisas e de lá descobrir as vibrações íntimas e os sentidos ocultos que se desvendam apenas aos eleitos” (p. 8).

Em suma, sendo esta uma obra tão rica que cativante torna-se quase como uma leitura obrigatória no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

O docente distribuiu uma ficha sobre expressões numéricas aos alunos. Ainda que estes não tenham realizado a ficha de trabalho foi desenvolvida a correção no quadro, de modo que, grande parte dos alunos, copiou do quadro e afirmou ter realizado a proposta de trabalho.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

No correr desta aula, o professor de Matemática distribuiu uma ficha de trabalho, sobre expressões numéricas aos alunos. Enquanto isto o professor de Língua Portuguesa avaliou a organização dos *dossiers*. Após ter finalizado a avaliação explicou aos alunos o que deveria ser melhorado e quais os *dossiers* que melhor estavam organizados.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Neste dia dois estagiários realizaram uma aula avaliada por um docente da Escola Superior de Educação João de Deus. Estes desenvolveram o sistema circulatório através de um PowerPoint. Para finalizar a aula os estagiários permitiram que os alunos manuseassem um coração de porco que haviam trazido.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Esta aula foi desenvolvida por um estagiário e assistida por um docente da Escola Superior de Educação João de Deus. Na verdade, este deveria apresentar 45

minutos de aula. Ao longo deste tempo deveria de abordar: números primos e números compostos, decomposição de números em fatores primos, frações inferiores à unidade, frações iguais à unidade, frações superiores à unidade, frações superiores à unidade e que representem números inteiros e simplificar uma fração até à sua forma irredutível. O estagiário optou por apresentar um documento flipchart realizado pelo próprio. Como era aula de revisão dos conteúdos abordados no 5.º ano, o professor titular optou por pedir uma ficha formativa. Ao terminar a sua aula, no tempo previsto, o docente da sala pediu que o estagiário continuasse a dar aula acabando por apresentá-la em 80 minutos de aula.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Quando iniciou a aula o docente distribuiu uma proposta de trabalho sobre expressões idiomáticas e pediu aos alunos para a realizarem. Até que, um dos alunos advertiu o professor para o facto de este ter apresentado a ficha com as soluções. Deste modo o docente pediu aos alunos para realizarem uma cópia do manual.

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

No início da aula o estagiário distribuiu as propostas de trabalho, corrigidas, que os alunos haviam realizado anteriormente. Ao terminar o docente iniciou a aula. Um dos alunos estava desatento e, conseqüentemente, o docente expulsou-o da mesma, sem que este pudesse explicar que estava a apanhar um lápis que tinha caído no chão.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante a aula assistida, o estagiário utilizou o quadro interativo recorrendo ao *software* do mesmo. Para que os alunos compreendessem os conteúdos, optou por demonstrar, através de gravuras, o conteúdo que estava abordar e ir realizando, ao longo da apresentação, alguns exercícios.

De facto, segundo Abrantes et al. (1999), “a ausência de elementos de compreensão, raciocínio e resolução de problemas nas actividades dos alunos pode mesmo ser responsável por grande parte das dificuldades que muitos sentem em realizar procedimentos aparentemente simples.” (p. 25).

Ao desenvolver esta estratégia o estagiário conseguiu identificar algumas dificuldades dos alunos, no momento, e explicar como estas poderiam ser ultrapassadas sem que desenvolvessem ideias erradas do que fora abordado.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Ao iniciar a aula, o docente escreveu algumas expressões numéricas no quadro e pediu para os alunos as resolverem. Como é habitual, os alunos não estiveram atentos durante a aula toda copiando, no final, as respostas aos problemas.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Depois dos alunos terem pedido uma repetição da atividade realizada nas aulas dos dias 28 de outubro e 4 de novembro o docente acabou por realizá-la novamente, adaptando uma história de Agatha Christie à turma em questão.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Nesta aula um estagiário apresentou a aula sobre os cuidados e problemas cardíacos. Através de um PowerPoint e de vídeos explicou como eram provocadas algumas doenças do sistema circulatório e o que era necessário fazer para as prevenir. No final da aula, apresentou um vídeo onde um atleta de alta competição havia sofrido um ataque cardíaco, de forma a demonstrar que estes problemas poderiam acontecer mesmo realizando desporto.

Inferências e Fundamentação teórica

A aula desenvolvida pelo estagiário pretendia sensibilizar os alunos para os diversos problemas de saúde que podem ocorrer por falhas no sistema circulatório. Andrade (1995) refere que, antigamente:

a educação sanitária consistia, sobretudo, numa instrução sobre saúde, onde prevalecia a abordagem informativa e didáctica (...) Hoje, a promoção da saúde é considerada como um processo educativo, onde a dimensão participativa das pessoas envolvidas é primordial. (p. 8)

Na verdade, a escola ocupa um espaço bastante importante para a transmissão destes conhecimentos, onde o aluno poderá partilhar as suas experiências. De facto, o estagiário enquanto lecionou a aula tentou que todos os alunos participassem e dessem a sua opinião sobre de que forma se poderiam prevenir. Como afirma a mesma autora, a educação para a saúde “implica que o aluno depare com vivências que o incitem a colocar questões em relação à sua saúde e à dos outros, a construir

conhecimentos, atitudes e capacidades indispensáveis para fazer opções em plena liberdade.” (p. 9)

Enquanto leciona um tema relacionado com a saúde, o docente deve ter em atenção a opinião dos alunos e estar preparado para conseguir ouvir todas as opiniões e sugestões que possam ser feitas. De facto, um dos alunos frisou que fazer desporto poderia ajudar na sua saúde, mas não tinha paciência para tal. Neste momento, o estagiário teve de aceitar a sua opinião e a sua liberdade.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Turma: 6.º H; Área Curricular: Matemática

Ao iniciar a aula, o docente corrigiu o trabalho de casa. Em seguida, pediu para alguns alunos realizarem situações problemáticas sobre frações, no quadro, e explicarem o raciocínio lógico que haviam tido. Desta forma, conseguiu compreender algumas dúvidas, gerais, que estavam a dificultar a aprendizagem.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Língua Portuguesa

Quando iniciou a aula, o docente realizou algumas questões gramaticais sem qualquer documento. Ao deparar-se com o facto de que quase nenhum aluno conseguiu responder às questões realizadas, disse, aos mesmos, que no dia seguinte iriam ter uma prova de avaliação, marcada naquele momento, para que estes estudassem os conteúdos.

Turma: 6.º E; Área Curricular: História e Geografia de Portugal

Nesta última hora do dia, o professor distribuiu as provas de avaliação escrita. Pelo facto de grande parte dos alunos ter tido uma nota positiva este justificou o fenómeno com a facilidade da prova. Dizendo que tinha “baixado a fasquia” para que todos fossem capazes de o fazer. Um dos alunos, ao ter uma dúvida quanto à correção de um exercício, colocou o dedo no ar e esperou que o professor desse a palavra. Explicou, então, que um exercício deveria estar mal corrigido. O professor desprezou o aluno dizendo que ainda não tinham começado a correção e para se manter calado em seguida realizou a correção dos testes de avaliação oralmente.

Inferências e Fundamentação teórica

Amado e Freire (2002) com base em Estrela, referem que existem diferentes tipos de sensibilidade demonstrada pelos professores consoante os alunos que tem à sua frente. De facto, os mesmos autores, utilizando a tipologia de Brophy e Good, apresentam três tipos de professores (só será demonstrado o que melhor se adapta ao professor de História e Geografia de Portugal). Na verdade, Amado e Freire (2002), referem que “os professores sobreativos (overactive) «marcam» rápida e excessivamente os alunos e tratam-nos em função destas expectativas relativamente fixas, rígidas e estereotipadas.” (p. 23).

O docente, em conversa informal, já havia dito que não havia nada a fazer, pois o aluno já tinha reprovado uma vez. Estas atitudes têm uma grande influência no aluno e na sua participação ativa na sala de aula.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Durante este dia o docente propôs a realização de uma proposta de trabalho sobre expressões numéricas. Na verdade, durante a aula os alunos brincaram durante grande parte do tempo. De facto, alguns alunos “apoderaram-se” do computador existente em todas as salas de aula e visualizaram vídeos no Youtube. O docente ao deparar-se com esta situação não reagiu. Posteriormente, após dois alunos começarem a dançar, o professor marcou-lhes falta disciplinar.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Na primeira parte desta aula, lecionada pelo professor de Língua Portuguesa, os alunos realizaram a correção do teste de avaliação.

No segundo momento, o docente de Matemática distribuiu uma proposta de trabalho sobre expressões numéricas.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Neste dia foram os estagiários a lecionar a aula. O primeiro estagiário apresentou a sua aula sobre o sistema urinário durante 45 minutos. Após ter terminado outro estagiário apresentou a pele.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Durante esta aula o docente realizou exercícios de consolidação dos temas abordados ao longo do ano letivo.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Neste dia foi um professor da biblioteca a apresentar a aula. Tinha gravado a leitura de uma história e diapositivos de apresentação com imagens da história. Após apresentá-la à turma, o docente pôs algumas questões sobre o que estes haviam ouvido. Para terminar a aula foi distribuída uma proposta de trabalho.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Como já é habitual, o docente lecionou a aula sentado durante os 90 minutos. Na verdade, pediu a um estagiário para apagar a luz no início da aula. Ao iniciar o segundo tempo, parte dos alunos estavam deitados com a cabeça em cima da mesa.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, no decorrer da aula de Língua Portuguesa, o professor titular não deveria ter interferido com a apresentação. Para além de interromper o raciocínio do docente da biblioteca distraiu os alunos que estavam atentos e interessados na apresentação. Bastos (1999), afirma que a Biblioteca Escolar tem um papel importante para com “a aprendizagem da leitura, a literacia, a criação e o desenvolvimento de prazer e ler e a aquisição de hábitos de leitura” (p. 295). Desta forma, segundo Silva (2000), a Biblioteca Escolar pode “desenvolver actividades informativas/formativas, (...) promover o desenvolvimento do *espírito crítico*” (p. 91). Algo que se tentou desenvolver, mas fora interrompido pelo professor titular.

A Biblioteca Escolar deveria interagir, mais vezes, diretamente em sala de aula como foi realizado neste dia, pois, demonstra aos alunos que podem recorrer à mesma em qualquer altura. Contudo, a dificuldade dos professores em articular o número de aulas com os conteúdos propostos pelo Ministério da Educação e a preparação para os exames, não permite que estas atividades sejam desenvolvidas regularmente em sala de aula.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

O docente distribuiu uma proposta de trabalho. Para que não voltasse a acontecer o que se havia passado na semana anterior, o docente frisou que esta ficha ia ser avaliada e deveria ser feita individualmente.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Durante esta aula os alunos resolveram uma proposta de trabalho, semelhante à apresentada na hora anterior no 5.B.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Nesta aula os alunos realizaram uma prova de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

Habitualmente as aulas relatadas à sexta-feira costumam ser bastante agitadas e com pouco rendimento por grande parte das turmas. Na verdade, isto deve-se à forma como o docente titular gere o comportamento na sala de aula. Neste dia um aluno afirmou que a culpa do comportamento durante a aula, da tarde, era do professor e que este é que devia “impor respeito” porque “Em casa a minha mãe mete regras e eu obedeco. Aqui o *setor* não faz nada e eu porto-me mal”. De facto, segundo Maya (2000), “a permissividade do professor também é apresentada de modo negativo” (p. 128). Citando o mesmo autor, “os alunos preferem que o professor adopte um estilo autoritário para fazer face a comportamentos delinquentes” (p. 128).

Porém, é importante frisar que o estudo de Maya (2000) refere que, apesar dos alunos preferirem um professor autoritário, este “é caracterizado com mais adjectivos negativos do que o [permissivo] (...) isto talvez aconteça porque o professor permissivo cria uma relação mais próxima com eles, o que o torna mais simpático aos seus olhos” (p. 128).

Com isto é possível concluir que os alunos se adaptam ao tipo de professor que está à sua frente. As suas atitudes vão depender, simplesmente, da forma como o docente os aborda e reage às diversas situações.

Terça-feira, 6 de março de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Nesta aula o docente começou por corrigir o trabalho de casa. Posteriormente um estagiário apresentou a sua aula com o apoio de um PowerPoint. Em 45 minutos deveria abordar a razão e a proporcionalidade.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Durante a primeira parte da aula foram realizados exercícios de análise gramatical e interpretação de um texto do manual. O professor titular ao deparar-se com uma dúvida de um aluno referiu o seguinte “Tenho um elogio a fazer a um aluno meu... [Nicolau] és burro, és burro por não saberes explicar!” ao qual os colegas responderam rebaixando o colega.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Durante esta aula os alunos realizaram uma prova de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

A Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian (2001), definem “burro” como uma pessoa “que denota falta de inteligência” (p. 599). Na verdade, segundo Gardner (1999):

The ancient Greeks valued the person who displayed physical agility, rational judgment, and virtuous behavior. The Romans highlighted manly courage, and followers of Islam prized the holy soldier. Under the influence of Confucius, Chinese populations traditionally valued the person who was skilled in poetry, music, calligraphy, archery, and drawing (...) At the beginning of the twentieth century, the intelligent person was one who could be dispatched to the far corners of an empire and who could then execute orders competently. Such notions remain important to many people. (p. 1).

Ao longo dos séculos o “ser inteligente” é atribuído às pessoas que conseguem dar respostas às necessidades de uma área específica. Gardner (1999) define inteligência como “ a biopsychological potential to process information that can be activated in a cultural setting to solve problems or create products that are of value in a culture.” (p. 33). Ou seja, o autor mostrou que a inteligência não se resume à capacidade de resolver problemas, criar produtos, ao intelecto ou ao cognitivo. O conceito de inteligência foi perdendo a sua importância tornando-se num vasto leque de capacida-

des/habilidades que cada um dos seres humanos possui, como por exemplo: a relação do indivíduo com ele mesmo e com os outros.

Em suma, após toda a pesquisa em volta das Inteligências Múltiplas não é possível que alguém seja “burro”, pois, essa pessoa tem várias inteligências que, de certeza, algumas foram mais desenvolvidas que outras. Na verdade, o próprio sistema de ensino faz com que essa distinção esteja bem explícita.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

Ao longo desta aula os alunos realizaram vários exercícios sobre gráficos de barras e de linhas. Na verdade, o docente não explicou como é que eram realizados e quais as regras para a construção dos mesmos, pedindo, somente, para ler uma página do livro e realizarem o exercício que havia distribuído.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

Ao contrário do que é habitual o docente de Matemática iniciou esta aula distribuindo uma ficha de trabalho pelos alunos. Enquanto os alunos realizavam a ficha o docente de Língua Portuguesa, fez vários apontamentos sobre os alunos. Um dos alunos ficou curioso e foi ter com o professor para compreender o que estava a fazer. Ao começar a ler afastou-se e começou a dizer em voz alta “maluco, doido e deficiente és tu!”, apontando para o professor, agarrou na sua mochila e saiu da sala de aula.

Quando começou o segundo tempo o professor de Língua Portuguesa disse que tinha tirado alguns apontamentos e, conseqüentemente, havia chegado a uma conclusão sobre o futuro emprego de cada aluno da turma. Referiu que o aluno que saiu da aula não iria “passar de um guitarrista de metro.” e conferiu, lendo a sua folha, que o havia identificado como maluco, doido e deficiente. Aos restantes alunos foram atribuídas profissões como: político corrupto, manipulador, pedinte, electricista, dona de casa, entre outras. Alguns alunos demonstraram-se bastante revoltados com as inferências realizadas pelo docente.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Antes de iniciar a aula, o docente começou a escrever um apontamento, sobre as plantas no quadro. Conforme os alunos iam entrando pedia para que copiassem tudo para o seu caderno. Posteriormente distribuiu duas fichas de trabalho e realizou a sua correção. Ao longo da aula foi possível observar que alguns alunos gozavam, com

um colega, pelo facto de este ter cortado o buço. O professor ao deparar-se com esta situação, que acabaria por continuar ao longo de toda a aula, não teve nenhuma atitude que interrompesse estas atitudes.

Inferências e Fundamentação teórica

O professor deverá ser, sempre, um exemplo a seguir. Uma pessoa que demonstre aos seus alunos como devem tratar os outros de forma mais correta de acordo com a sociedade onde estão inseridos. Como tal, um professor que quer que os alunos o respeitem, precisa de os respeitar em primeiro lugar.

Na verdade, segundo Amado e Freire (2002), “o respeito é simultaneamente parte de uma competência cultural que se espera que o professor inculque nos seus alunos” (p. 10). Com base em Estrela (1995), “ao estabelecer um sistema de prescrições, permissões e interditos para si e para os seus alunos, o professor circunscreve direitos e deveres, determina papéis e funções, veicula mensagens valorativas.” (p. 71). Se o próprio professor não cumpre o que estipulou, é natural que o aluno ignore as regras anteriormente impostas.

Citando o mesmo autor, podemos concluir que:

a concepção do ensino como atividade moral em que os valores éticos, dominados pelo respeito, sobressaem em relação aos valores não éticos (...) se não se observam coincidências perfeitas entre as regras do professor, do aluno e valores e se se detecta alguma tendência para um maior conversadorismo das regras do aluno (p. 72).

Desta forma é possível concluir que para que exista bem-estar e harmonia na sala de aula as regras têm de estar bem definidas.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

Esta aula foi iniciada por um estagiário que introduziu a escala recorrendo a um PowerPoint. Finalizou a aula distribuindo uma ficha de trabalho. De seguida, o professor titular pediu para que os alunos realizassem exercícios do manual.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Um estagiário apresentou a aula recorrendo a um texto do manual. Abordou o mesmo realizando questões de interpretação e análise gramatical, reviu as orações coordenadas e subordinadas, finalizando com a realização de uma ficha de trabalho.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Antes de iniciar a aula o diretor de turma dirigiu-se à turma para distribuir a avaliação dos alunos.

Posteriormente, os estagiários apresentaram a aula de introdução à revolução francesa e invasões napoleónicas. Para desenvolver o tema construíram, em cartolina, chapéus bicóncavos e, cada um, representou o comandante das três invasões francesas a Portugal, finalizando com um vídeo com o resumo do que tinha sido abordado na aula e reconstituições das batalhas realizadas. No segundo momento, o docente distribuiu as fichas de avaliação e iniciou a sua correção.

Inferências e Fundamentação teórica

A última aula foi lecionada pelos três elementos do grupo de estágio. Nestas inferências e fundamentações teóricas só será abordada a aula lecionada pelo segundo estagiário a intervir, ou seja, o que representou o Marechal Soult.

O estagiário quando assumiu o comando da aula começou por colocar o chapéu e saudar os alunos em francês. Segundo Proença (1990), esta pequena representação, realizada pelo estagiário, “permite que o ensino da História se torne motivador e [estimula] o desenvolvimento de várias capacidades, particularmente no domínio da imaginação, criatividade.” (p. 135). Porém, só por si, a representação não faz com que o trabalho seja bem realizado, é importante que o docente consiga interagir utilizando a comunicação não-verbal. Com base na mesma autora:

comunicação não verbal implícita: os gestos, o vestuário, a voz, a segurança, a simpatia, o olhar são outras tantas mensagens que o aluno capta e que determinam muitas das suas atitudes na aula para com o professor. (p. 96).

Foi possível observar que os alunos se ficaram motivados por observar uma aula diferente. Apesar de, no início observarem com estranheza, no final foram ganhando coragem para colocar questões.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Turma: 5.º B; Área Curricular: Matemática

O docente introduziu a aula afirmando que iam aprender um conteúdo novo e, por isso, deveriam estar bastante atentos. Desta forma, iniciou a explicação do caule e folhas. O docente escreveu alguns algarismos no quadro, aleatoriamente, e explicou que podia agrupá-los num diagrama. Circundou os algarismos que representam o número dez e proferiu “Como vocês podem ver o um é o algarismo das unidades e o zero o algarismo das dezenas”. De seguida começou a preencher o diagrama colocou o algarismo das dezenas onde era o das unidades e vice-versa.

Depois de ter terminado a explicação pediu aos alunos para resolverem um exercício do manual. Como estes não estavam a conseguir fazê-lo o docente fê-lo no quadro com estes. Nesse momento um aluno refere que está errado, porque nas soluções do livro está diferente. Nesse momento o docente apaga o exercício e copia-o das soluções sem explicar aos alunos como deveria ser feito.

Turma: 5.º C; Área Curricular: Estudo Acompanhado

O docente de Língua Portuguesa iniciou a aula falando de um concurso que ia ser realizado na escola. Para os alunos participarem necessitavam de escrever um texto e entrega-lo, no próprio dia, ao professor. Como tal, durante a aula os alunos foram construindo o texto e mostrando ao professor. Um dos alunos saiu da sala depois de apresentar o texto ao docente, por este ter rasgado o seu trabalho.

Turma: 6.º B; Área Curricular: Ciências da Natureza

Durante esta aula a turma realizou um teste de avaliação.

Inferências e Fundamentação teórica

Neste dia os estagiários foram informados que um aluno do 6.º B não tinha comparecido em nenhuma das aulas do 2.º Período e que, após o Diretor de Turma, ter contactado o encarregado de educação, o aluno poderia não voltar às aulas durante este ano letivo.

O abandono escolar é uma realidade mundialmente existente e que afeta, ao longo da vida, os alunos. Na verdade, segundo Canavarro (2007):

são muitos e de diferentes proveniências os contributos que podemos encontrar para explicar, prever e intervir sobre o abandono escolar (...) O indivíduo; a família; a escola; e o meio ambiente, constituem os quatro grandes subsistemas para análise e compreensão do abandono escolar (p. 43).

Como foi referido anteriormente, existem quatro fatores principais, que contribuem para o abandono escolar como é possível observar de seguida.

Indivíduo – dificuldades nas disciplinas fundamentais; dificuldades de saúde; a inexistência de resiliência; entre outros.

Família – os problemas económicos; a etnia; religião; entre muitos outros.

Escola – a falta de preparação, dos docentes, para a deteção prematura destes casos; falta de diversificação nas ofertas educativas e formativas; incapacidade dos agentes educativos em atuarem como promotores da resiliência, entre outros.

Meio Envolve – a necessidade de mão-de-obra não qualificada; aparecimento de atividades mais atrativas que a escola; entre outras.

Terça-feira, 20 de março de 2012

Turma: 6.º H; **Área Curricular:** Matemática

O docente iniciou esta aula realizando a correção de um teste de avaliação, sendo que, durante a correção, focou-se nos alunos que demonstram ter mais dificuldade na compreensão do tema.

Nos segundos 45 minutos foi um estagiário a lecionar a aula. Fez uma breve revisão das figuras geométricas e introduziu o volume do cilindro.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Língua Portuguesa

Neste dia foi um estagiário a lecionar a aula. De facto, só estiveram presentes treze alunos da turma, visto que os restantes tinham ido a uma visita de estudo no âmbito de outra área curricular.

Por faltar mais de metade da turma foi pedido que o estagiário realizasse uma revisão dos pronomes e determinantes. Finalizou a aula com uma proposta de trabalho, a fim de aferir os conhecimentos dos alunos.

Turma: 6.º E; **Área Curricular:** História e Geografia de Portugal

Neste dia o docente realizou revisões para o teste de avaliação lendo o conteúdo do manual.

Inferências e Fundamentação teórica

Quando o estagiário terminou a sua aula de Língua Portuguesa, o professor titular referiu que a forma como este falava, os gestos que fazia enquanto falava, as expressões faciais que realizava eram desproporcionadas à profissão que este desejava seguir. Porém, segundo Duarte (1994), “a comunicação oral é inseparável de um conjunto de informações extra paralinguísticas que a explicitam e lhe clarificam os sentidos: identidade, (...) gestos, mímicas, olhares, hesitações, retomas, pausas, (...) variação da velocidade” (p, 81). Os aspetos citados anteriormente fazem com que os alunos se mantenham atentos ao professor e que compreendam, através dos gestos e movimento, o que foi dito de forma mais clara.

Como havia feito na última aula, voltou a criticar o estagiário por este tentar colocar questões aos alunos com mais dificuldades. Na verdade, o artigo 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo (2005) é referido que o sistema educativo está realizado de forma a “assegurar o direito à diferença mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas ”.

Desta forma um professor nunca poderá desvalorizar um aluno e muito menos ignorá-lo independentemente das suas dificuldades ou cultura. O docente deve procurar responder às necessidades do aluno de forma a que este consiga compreender a importância dos conteúdos e as desenvolva ao seu próprio ritmo. É impensável, num modelo curricular inclusivo, fazer distinção entre os “bons” e os “maus” alunos.

Em tempos passados tentava-se gerir estas diferenças. Porém, como referem Grave-Resendes e Soares (2002), “ através das estratégias implementadas, acentuavam-se ainda mais as diferenças, aprofundando a discriminação.” (p. 12). O docente ao sugerir o estagiário que não realizasse questões aos alunos com dificuldade só iria fazer com que estes fossem ignorados e que salientasse as diferenças entre alunos.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Turma: 5.º B; **Área Curricular:** Matemática

Como era o ultimo dia de aulas, do 2.º período, os alunos pediram ao docente para realizarem vários jogos. O docente acabou por aceitar a proposta.

Turma: 5.º C; **Área Curricular:** Estudo Acompanhado

Nesta aula foram realizadas as avaliações e autoavaliações da disciplina curricular em questão.

Turma: 6.º B; **Área Curricular:** Ciências da Natureza

Neste dia um estagiário apresentou a sua aula sobre as plantas. Este referiu os constituintes da planta e distribuiu uma planta por cada mesa de trabalho. Para finalizar a aula distribuiu uma proposta de trabalho sobre os conteúdos lecionados.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante esta aula o estagiário distribuiu as plantas para que os alunos conseguissem compreender melhor o assunto que estava a ser abordado. De facto, como referem Hohmann e Weikart (2003), a aprendizagem pode depender da manipulação de materiais “naturais, de desperdício, objectos de casa, brinquedos e ferramentas. Este tipo de aprendizagem começa quando as crianças manipulam os objectos e usam (...) os seus sentidos para descobrir coisas sobre esses objectos. (p. 22).

Os alunos ao manipularem as plantas conseguiram discutir texturas, cheiros e outras características. Os mesmos autores afirmam que “Através deste tipo de experiências «concretas» com materiais e pessoas, as crianças começam gradualmente a formar conceitos” (p. 22). As novas tecnologias ainda têm algumas limitações e não permitem este tipo de contacto com os materiais.

1.6. 6.ª Secção: 4.º B

1.6.1. Caraterização da turma

Esta turma é formada por 11 alunos do sexo masculino e 15 alunos do sexo feminino, sendo no total 26 alunos. Os alunos têm idades compreendidas entre os 9 e 10 anos.

Segundo o professor cooperante, a turma é bastante interessada, participativa e empenhada nas aulas. Quatro elementos da turma apresentam algumas dificuldades de aprendizagem continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior, segundo as informações fornecidas pelo docente.

1.6.2. Caraterização do espaço

A sala está situada no 1.º piso do Jardim-Escola. Esta dispõe de um quadro interativo e de um quadro verde. Do lado direito do quadro verde, está um lavatório e um armário onde o docente arruma alguns materiais.

Em duas das paredes da sala existem janelas que permitem a entrada de luz solar que incide diretamente no quadro interativo. Ao lado do quadro interativo existe uma estante onde o docente expõe vários livros de autores portugueses. A secretária do docente está situada ao lado do quadro interativo.

1.6.3. Rotinas

Na verdade, as rotinas são semelhantes ao retratado na 1.ª, 2.ª, 3ª e 4ª secção. Com a exceção de que os alunos, antes de iniciarem as aulas, juntam-se na roda, nomeadamente, no salão do Jardim-Escola.

1.6.4. Horário

De seguida será apresentado o horário da turma:

Quadro 8 – Horário do 4.º ano turma B

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00	Leitura				
9h 30 – 10h50	Matemática	L. Portu- guesa	Matemática	L. Portu- guesa	Matemática
11h30 – 13h00	L. Portu- guesa	Matemática	L. Portu- guesa	Matemática	L. Portu- guesa
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Hora do conto (14h30 – 14h55)	Estudo do Meio História	Educação Musical	Educação Física	Estudo do Meio História
15h20 – 16h10	Expressão Artística		Estudo do Meio	Formação Pessoal e Social	
16h10 – 17h00	Inglês	Estudo do Meio (Clube de Ciên- cias)	Formação Pessoal e Social	Bibliote- ca/Informáti ca	
17h00 – 17h15	Lanche/Saída				

1.6.5. Relatos diários

Terça-feira, 10 de abril de 2012

Neste primeiro dia os estagiários foram apresentados à turma e vice-versa. Posteriormente, um dos estagiários iniciou a repetição de uma aula que havia lecionado no final do 2.º período. Abordou os modos do particípio passado e o gerúndio. Após ter explicado à turma com diversos exemplos apresentou um PowerPoint onde sintetizava os conteúdos abordados e propôs a realização e correção de uma ficha de trabalho.

Depois do intervalo da manhã o docente distribuiu uma proposta de trabalho com “exercícios tipo” das provas de aferição. A sua correção foi realizada por um outro estagiário recorrendo ao quadro interativo.

Já no período da tarde o professor titular começou a aula trocando o lugar dos alunos e ajustando a sala ao último período de aulas.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Neste dia foram realizadas aulas assistidas pelos professores de Prática Pedagógica. Durante uma hora o estagiário deveria apresentar três temas: a poluição atmosférica, a relação de palavras e divisores de três e nove. Após terminar a aula foi realizada a reunião sobre as avaliações efetuadas.

Durante a tarde os alunos realizaram um trabalho de grupo sob os principais rios de Portugal. O professor explicou que enquanto os alunos não demonstrassem que conseguiam trabalhar em grupo não teriam hipótese de escolher os parceiros. Ao iniciarem o trabalho de grupo os estagiários orientaram os alunos na realização do mesmo.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

Neste dia foi um estagiário a lecionar a aula. Começou por apresentar D. João V e alguns dos seus feitos. Posteriormente apresentou, na área de Língua Portuguesa, os tempos verbais compostos, realizando o seguimento de uma aula de outro estagiário. Finalizou a sua aula efetuando uma proposta de trabalho, com os alunos, sobre a construção de gráficos, moda, média e mediana.

No período da tarde foi feita uma apresentação, no ginásio da escola, sobre os Açores. Quando acabou o professor levou os alunos para a sala e conversou sobre o comportamento que estes haviam tido, fazendo-os refletir sobre a imagem que tinham transmitido, da escola, às pessoas que haviam apresentado o tema.

De seguida, foi realizado o Clube de Ciências, onde o docente utilizou o microscópio para visualizar protozoários.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Esta aula foi lecionada por um estagiário. Iniciou-a abordando, em Estudo do Meio, o reinado de D. José I. Posteriormente, abordou os tempos compostos, em Língua Portuguesa, e o gráfico de linhas, em Matemática.

No período da tarde, um estagiário realizou uma aula assistida em Estudo do Meio, nomeadamente, no domínio da História.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Neste dia deveria ter sido realizada a aula de um estagiário. Como este faltou, outro estagiário iniciou a aula realizando a leitura de um livro. Posteriormente, um estagiário realizou, em interação com os alunos, os exercícios de uma prova de aferição, assim como, a sua correção.

Após o intervalo o docente pediu para que os alunos realizassem o caderno dois da prova de aferição. Alguns dos alunos precisaram de auxílio na organização do texto e o docente pediu aos estagiários para apoiarem algumas destas crianças.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Durante esta manhã um estagiário, que iria lecionar a aula, faltou. Como tal, o docente pediu a outros três estagiários, dos cinco presentes, que lecionassem uma aula surpresa de forma a melhorar a sua avaliação.

O primeiro apresentou o tema das frações. O segundo apresentou as subclasses dos verbos. O último estagiário realizou uma proposta de trabalho sobre classificação morfossintática.

No período da tarde um estagiário apresentou a sua aula, por não ter estado presente no dia 24 de abril, sobre a poluição sonora.

De seguida, o docente, com o auxílio dos estagiários, organizaram os alunos de forma a distribuir os trabalhos e arrumar os dossiers de cada um dos discentes.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Durante a manhã um estagiário realizou a sua aula assistida. Esta seria avaliada pelo titular da turma e por um professor da Prática Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus. Numa hora deveria apresentar as frações impróprias, as palavras onomatopaicas e realizar uma experiência com som.

Para que tal fosse possível o estagiário alterou a disposição da sala de aula. Iniciou a aula com a apresentação de um PowerPoint em que foi explicando o que eram frações impróprias. Enquanto as animações apareciam surgiam sons. Através destes sons questionou os alunos sobre o nome que se dava às palavras que expressavam ruídos ou sons da natureza, de objetos, entre outros. Rapidamente os alunos compreenderam que eram onomatopeias e começou por apresentar o tema. Posteriormente, explicou que as onomatopeias eram sons e como é que era possível ouvir

os sons fazendo a passagem para o Estudo do Meio. Como a sala é pequena e dificultava a reunião de todos os alunos juntos do quadro de forma a observar a experiência, o estagiário ligou uma câmara de vídeo ao quadro interativo e projetou a experiência no quadro. Desta forma, todos os alunos observaram a mesma.

No período da tarde os alunos realizaram um caderno da prova de aferição de Matemática e a sua correção. Para que os infantês tivessem consciência dos erros que haviam realizado, o docente pediu-lhes que fizessem a cotação das questões.

Inferências e Fundamentação teórica

Durante a reunião da aula assistida os docentes, que supervisionaram o momento, referiram que o estagiário estava bastante motivado e que se notava, no seu olhar, a felicidade. Na verdade, Alves (2003) afirma que o olhar do professor “produz alterações no corpo da criança.” (p. 15). A postura, os movimentos, o tom de voz, o olhar, entre outros, adotados por um professor na sala de aula influencia, inteiramente, o modo como os infantês vão desenvolver as suas capacidades.

O mesmo autor pede aos professores que “[cuidem] dos seus olhos...” (p. 16). Porque “O olhar de um professor tem o poder de fazer a inteligência de uma criança florescer ou murchar.” (p. 15).

O olhar do professor transmite o seu estado de espírito e nível de confiança e a partir deste, as crianças tiram as suas conclusões e adaptam-se ao momento.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Neste dia foi possível observar uma aula assistida no 4.º ano de escolaridade lecionada por um estagiário. Abordou os divisores de dois e de seis, as palavras parónimas e a poluição sonora. Posteriormente, foi realizada a reunião sobre a mesma aula.

Como os alunos iriam fazer a prova de aferição no dia seguinte o professor optou por realizar uma prova de aferição, de um ano anterior, cumprindo os horários e as regras da mesma.

No período da tarde os alunos elaboraram o caderno dois da prova de aferição e escolheram os grupos para apresentarem uma experiência no Clube de Ciências.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Neste dia, pelo facto de ser realizada a prova de aferição de Matemática, não foi possível estar presente durante a prova na sala do 4.º ano. Desta forma, os estagiários foram observar as aulas do 3.º ano de escolaridade. O docente realizou uma proposta de trabalho sobre a relação de palavras, em Língua Portuguesa e em Matemática, um ditado de lateralidade.

No período da tarde, visto que a prova de aferição já havia terminado, os estagiários dirigiram-se à sala do 4.º ano. Nesta sala um outro estagiário apresentou a sua aula, por ter faltado no dia 27 de abril. Iniciou-a apresentando a voz ativa e a voz passiva (Língua Portuguesa) e números complexos e incomplexos (Matemática).

Terça-feira, 15 de maio de 2012

À semelhança do que tem sido relatado nestes dias, também, foi apresentada uma aula por um estagiário. Este iniciou-a abordando as potências de base 10 em Matemática. Na área de Língua Portuguesa apresentou o esquema rimático. Ao longo da apresentação os alunos foram lendo vários poemas. No final apresentou um poema de Fernando Pessoa, *O Mostrengo*, de forma a tornar o momento lúdico distribuiu uma maraca, uma pandeireta, um reco-reco e clavas a quatro elementos da turma. Estes deveriam tocar o instrumento no momento em que fosse realizada uma rima, conforme um aluno ia lendo o poema o estagiário, que tinha organizado a aula, ia acompanhando com uma guitarra.

Para que fosse feita uma passagem “subtil “ de Língua Portuguesa para o Estudo do Meio, o estagiário apresentou um poema de D. Pedro IV. Após o intervalo introduziu D. Pedro IV, no domínio da História, começando por realizar um resumo do conteúdo dado no dia anterior por outro estagiário.

Na parte da tarde foi elaborada a organização dos dossiers individuais e foi possível observar o Clube de Ciências.

Inferências e Fundamentação teórica

O estagiário quando lecionou esta aula sentia-se motivado e confiante. Após falar com o docente titular compreendeu que tinha corrido bem, conforme tinha pensado. Na verdade, Behrens (2006) afirma que o facto de docente ter consciência que é importante no processo educativo dos alunos faz com que o docente provoque “um

processo educativo produtivo e prazeroso.” (p. 83). Por sua vez, o mesmo autor, citando Cunha (1996), afirma que para que seja realizado um ensino eficaz é necessário perceber “o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontes de relação entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em conformidade com os objetivos académicos” (pp. 86-87).

Desta forma, o estagiário ao utilizar dois conhecimentos interdisciplinares, de Expressão Musical e Língua Portuguesa proporcionou aos alunos uma melhor compreensão do tema com bastante eficácia.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

Durante a manhã deste dia um estagiário apresentou a sua aula abordando as três áreas curriculares. Iniciou a aula abordando a estrofe de um poema a Língua Portuguesa. Na área de Matemática abordou a propriedade distributiva da multiplicação e finalizou a aula apresentando, na área de Estudo do Meio, nomeadamente História, o rei D. Miguel.

No período da tarde, um estagiário, que já havia finalizado o seu momento de estágio nesta sala, regressou para concluir uma atividade que não havia sido esclarecida.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

Neste dia foi um estagiário a lecionar a aula. Começou por abordar as orações coordenadas copulativas e adversativas através de uma apresentação de diapositivos. De modo a verificar se os alunos tinham compreendido o conteúdo realizou uma proposta de trabalho. Na área de Matemática abordou as frações equivalentes. Iniciou a aula realizando duas situações problemáticas e fez múltiplos exercícios com os alunos. Posteriormente, abordou a Indústria, na área curricular de Estudo do Meio, apresentando vários vídeos para uma melhor compreensão do tema. O docente teve de se ausentar dez minutos antes do final da aula. Desta forma, o estagiário terminou a sua aula antes do previsto.

No período da tarde o estagiário continuou a realização de uma proposta de trabalho que não havia tido tempo de finalizar no período da manhã.

De seguida, os estagiários falaram da visita de estudo que se iria realizar no dia seguinte ao Museu de Marinha.

No final do momento de estágio foi realizado o Clube de Ciências em que o docente responsável realizou uma experiência.

Inferências e Fundamentação teórica

O docente titular quando comentou a aula do estagiário referiu que a relação que o estagiário tinha com os alunos permitiu com que os alunos não tivessem perturbado a aula. De facto, o estagiário tem uma boa relação afetiva com os alunos. Em contexto de sala de aula, é desejável que exista uma prática positiva da afetividade. O que, de acordo com Maya (2000),:

pode criar um clima positivo de sala de aula, o qual favorece o sucesso em termos académicos, promove a autoestima de cada jovem e possibilita o desenvolvimento de formas de relacionamento saudável entre pares e para com o professor. A melhoria das relações pessoais do professor com os seus alunos, ao proporcionar um clima de confiança, permite reduzir as tensões, as angústias e os problemas disciplinares dos jovens (p. 20).

Porém, a afetividade não pode ser confundida com amizade. Segundo Costa (1998), “A amizade é baseada na reciprocidade, do dar e receber, no investimento, no compromisso entre indivíduos que se reconhecem como iguais ou similares, numa relação simétrica” (p.30). Montiel (2004), traduz as relações entre pessoas em duas categorias: Relação Pessoal e Relação Formal. Sendo que a amizade está inserida na relação pessoal, pois “a relação pessoal [é uma] relação próxima «Eu-Tu», de sujeitos insubstituíveis” (p. 29) e é necessário que estes elementos, «Eu-Tu», se aproximem, simultaneamente, como iguais, o que não se observa na relação professor/aluno e aluno/professor.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Neste dia foi possível observar a aula de um estagiário, na sala do 3.º ano, assistida pelo grupo de Prática Pedagógica da Escola Superior de Educação. O estagiário começou a aula apresentado, em Estudo do Meio, a agricultura e os seus vários tipos. Posteriormente, abordou os múltiplos de um número na área de Matemática, finalizando com a leitura, interpretação e análise gramatical de um texto a Língua Portuguesa.

No período da tarde os alunos realizaram um ditado sobre o museu que haviam visitado durante essa semana.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Neste dia foi realizada uma aula assistida por um professor da equipa de Prática Pedagógica. Os temas apresentados foram: a receita (Língua Portuguesa), arredondamentos (Matemática) e uma experiência (Estudo do Meio).

Durante a tarde, os alunos prepararam os trabalhos de grupo para apresentar no Clube de Ciências.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Neste dia realizaram-se várias atividades lúdicas com os alunos, por ser dia da criança.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Durante a manhã um estagiário apresentou a sua aula. Abordou as frações irreduzíveis, a passagem da voz ativa para a voz passiva e o comércio.

No período da tarde os alunos apresentaram várias experiências no Clube de Ciências.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Neste dia realizaram-se várias atividades lúdicas com os alunos, por ser roulement.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

Neste dia não foi possível observar as aulas do 4.º ano pelo facto dos alunos estarem a realizar a viagem de finalistas. Desta forma, os estagiários foram assistir à aula de um colega no 3.º ano.

Durante a tarde foram realizadas apresentações no Clube de Ciências.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

O docente começou a aula realizando a leitura de um conto tradicional que estava no manual. Após todos os alunos lerem o texto, realizou algumas questões de interpretação e um exercício caligráfico.

Durante o período da tarde foram realizados dois textos lacunares sobre o reinado de D. Maria I e D. João VI como forma de revisão para o momento de avaliação de História.

Inferências e Fundamentação teórica

A leitura dos contos tradicionais, segundo Traça (1992), são muito importantes nos dias de hoje, os contos “são um elemento importante duma literatura mundial para as crianças, um património comum de crianças de todos os países” (p. 29).

Ao longo dos anos a importância dos contos tem sido alvo de vários estudos, como refere Bastos (1999), em diferentes “áreas disciplinares diversificadas, a partir igualmente de diferentes propostas de abordagem (...) O seu papel na formação da personalidade da criança, dimensão recentemente explorada, tem igualmente vindo a merecer atenção de variados sectores” (p. 68).

De facto, o conto tem um papel fulcral na formação do indivíduo. Interagindo com o seu inconsciente. Como refere Bettelheim (2002),

Na criança ou no adulto, o inconsciente é um poderoso determinante do comportamento. Quando o inconsciente é reprimido e ao seu conteúdo é negada a consciencialização, então o espírito consciente da pessoa acabará finalmente por ficar em parte esmagado pelos derivativos destes elementos inconscientes, ou então, ela será forçada a manter um controle tão rígido e compulsivo sobre os mesmos que a sua personalidade poderá vir a ser gravemente afectada. (p.14).

O mesmo autor refere que por isso:

É característico dos contos de fadas expor um dilema existencial, concisa e directamente. Isto permite que a criança enfrente logo o problema na sua forma mais essencial (...) [pois], O conto de fadas, pelo contrário, confronta a criança sem rodeios com as exigências básicas do homem (p. 16).

Deste modo, é necessário que, a criança, desde cedo, obtenha sugestões de como poderá ultrapassar os obstáculos que surgirão ao longo da sua vida. Porém,

Diniz (1994) afirma que os contos não explicam, especificamente. A sociedade em que se vive:

Mas, através deles, ela pode aprender mais sobre os problemas interiores do ser humano, do que com outros contos aparentemente mais actuais (...) Falam-lhe dos seus conflitos interiores e sugerem-lhe exemplos de soluções, quer temporárias quer permanentes. Mostram à criança que a luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, mas que é possível ultrapassá-las (p. 56).

Em suma, é importante contar contos tradicionais às crianças durante a formação da sua personalidade. Porém, este tema nunca foi visualizado durante toda a Prática Pedagógica, à exceção deste dia.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

Os alunos iniciaram a manhã realizando uma prova de avaliação de Estudo do Meio. De seguida, fizeram o ensaio para a festa de final de ano.

Durante a tarde os alunos realizaram uma atividade do livro “Portugal para crianças for children pous les efants für kinder”.

No período da tarde foi realizada a apresentação de alguns trabalhos de grupo no Clube de Ciências.

Inferências e Fundamentação teórica

Na verdade, umas das capacidades que deve ser trabalhada nos infantes é a capacidade de trabalhar em grupo. Com estes trabalhos o aluno aprende que cada pessoa tem a sua forma de trabalhar e aprende a adaptar o seu modo de trabalhar às pessoas que fazem parte do grupo. Morgado (1999) afirma que:

O funcionamento dos grupos contribui de forma significativa para o funcionamento de cada um dos seus elementos. Assim, a observação e conhecimento da dinâmica de relacionamento interpessoal do grupo turma e o estatuto e papel de cada aluno constituir-se-ão como elementos importantes.” (p. 22).

Este modo de trabalho permite atingir competências que na vida futura dos alunos serão bastante necessárias. De facto, não se pode ver os trabalhos de grupo como um modo de desenvolver, somente, conteúdos. Estes permitem desenvolver as inteligências interpessoais e intrapessoais que muitas vezes são esquecidas.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Neste dia ia ser realizada a festa dos finalistas do 4.º ano. Desta forma, foram realizados os preparativos, para a mesma, durante todo o momento de estágio.

1.7. 7.ª Secção: Semanas de contato com a realidade educativa

1.7.1 Caraterização das turmas

De seguida serão apresentadas as caracterizações das turmas onde foram realizados os Seminários de Contacto com a Realidade Educativa.

Caracterização da turma do 4.º ano

A turma do 4.º ano é constituída por 15 alunos, dos quais 6 são rapazes e 9 são raparigas. Estes entraram no Jardim-Escola no 2.º ano de escolaridade, bibe verde. Desta forma não têm as mesmas competências, letivas, que são possíveis observar noutros Jardim-Escola. O facto da preparação de cada aluno ser muito diferente, vieram de escolas diferentes, ainda é possível observar algumas discrepâncias.

Caracterização da turma do 3.º ano

A turma do 3.º ano é formada por 27 alunos. Destes 13 são do sexo masculino e 12 são do sexo feminino. Segundo o que foi possível observar, a turma tem um bom ritmo de trabalho. De facto, o docente da sala advertiu-nos para o facto de existir um aluno na turma que estava, pela primeira vez, no ensino português. Era de nacionalidade espanhola. Depois de observar os dossiers do aluno foi possível concluir que estava a adaptar-se bastante bem, sendo que nos exercícios escritos consegue ter uma avaliação superior à da grande parte da turma.

1.7.1. Caraterização dos espaços

Caracterização do espaço do 4.º ano

Esta sala tem um quadro de giz. De frente para este, as cadeiras estão dispostas em três filas. Ao lado destas existe uma mesa que redonda que o docente utiliza para esclarecer dúvidas, individualmente.

Num dos armários, à entrada da sala, tem vários materiais que o professor costuma utilizar nas suas aulas.

Caracterização do espaço do 3.º ano

Um dos lados desta sala é composto por janelas que permitem a entrada de luz solar durante todo o dia. As mesas, dos alunos, estão dispostas em três filas. De frente existe um quadro de giz.

Existe também uma mesa redonda que o professor utiliza para auxiliar os alunos individualmente. Ao pé desta mesa existe um lavatório que os alunos utilizam para beber água.

1.7.2. Rotinas

As rotinas de ambas as turmas são similares às representadas no Jardim-Escola da Estrela, 6.ª secção.

1.7.3. Horários

De seguida serão apresentados os horários dos dois Seminários de Contacto com a Realidade Educativa.

Horário do 4.º ano, 1.º Seminário de Contacto com a realidade Educativa

Quadro 9 – Horário do 4.º ano

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00	Leitura				
9h 30 – 11h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h30 – 13h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	Expressão e Educação Físico-Motora	Inglês	Expressão e Educação Musical	Biblioteca	Expressão e Educação Dramática
15h30 – 16h30	Estudo do Meio (Ensino Experimental das ciências)	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio (história)	Expressão e Educação Plástica	Estudo do Meio /Área de Projeto
16h30 – 17h00		Estudo do Meio	Estudo do Meio		
17h00 – 17h15	Lanche/Saída				

Horário do 3.º ano, 2.º Seminário de Contacto com a Realidade Educativa

Quadro 10 – Horário do 3.º ano

	2.ª Feira	3.ª Feira	4.ª Feira	5.ª Feira	6.ª Feira
9h00	Leitura				
9h 30 – 11h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h30 – 13h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h30	Biblioteca	Estudo do Meio (Ensino Experimental das ciências)	História	Inglês	Estudo do Meio
15h30 – 16h30	Expressão e Educação Plástica		Exp. e Ed. Musical Exp. e Ed Dramática	Estudo do Meio	Expressão e Educação Físico-Motora
16h30 – 17h00			Estudo do Meio		Formação pessoal e social
17h00 – 17h15	Lanche/Saída				

1.7.4. Relatos diários

Relatos diários da primeira semana de contacto com a realidade educativa

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 2011

Quando os estagiários chegaram ao Jardim-Escola foram recebidos pelos diretores. Foi explicada a forma como a escola estava organizada e partilhadas algumas experiências enquanto docentes. Ao chegar à sala onde iria ser realizado o estágio, o docente permitiu que os estagiários observassem os dossiers dos alunos e as grelhas de avaliação que são realizadas periodicamente.

Durante a manhã o docente pediu que os estagiários o ajudassem a acompanhar os exercícios que os alunos iam realizando.

No período da tarde foi realizada a aula de Educação Físico-Motora.

Terça-feira, 1 de março de 2011

Neste dia os alunos do 4.º ano juntaram-se na roda.

Ao chegar à sala de aula os alunos realizaram alguns exercícios de Língua Portuguesa. Após o intervalo foram feitos alguns exercícios de Matemática.

No período da tarde foi possível observar a aula de Inglês em que o docente abordou o sistema solar.

O dia terminou com um debate, em que o professor fez de mediador, sobre o tema de Estudo do Meio.

Quarta-feira, 2 de março de 2011

Depois da roda o docente entregou uma notícia e pediu que os alunos a lessem e interpretassem. Esta abordava uma festa que iria haver na região do Jardim-Escola. O professor aproveitou este facto para realizar algumas questões de localização geográfica.

No período da tarde os alunos tiveram aula de Expressão Musical, onde alguns tocaram violino e outros flauta.

Posteriormente, seguiu-se a aula de História onde os alunos elaboraram um Bilhete de Identidade de D. Maria I.

Quinta-feira, 3 de março de 2011

No início da manhã o docente escreveu um texto no quadro, sem pontuação, e pediu que os alunos, no caderno, colocassem a pontuação correta. Posteriormente, o docente explicou o que era uma balança decimal e como funcionava.

No período da tarde os alunos foram para a biblioteca onde um docente lhes leu uma história. Ao regressar à sala de aula os alunos construíram um carro alegórico, na aula de Expressão Plástica.

Sexta-feira, 4 de março de 2011

Neste dia foi realizado o desfile de carnaval no Jardim-Escola. No período da tarde os alunos elaboraram um desenho para os estagiários, visto ser o último dia em que iriam estar presentes.

Inferências e Fundamentação teórica da primeira semana de contacto com a realidade educativa

A semana de contacto com a realidade educativa permite que o futuro professor acompanhe a turma durante toda a semana em todas as atividades que os infantes realizam. De facto, a Prática Pedagógica é bastante limitada neste sentido, visto que só é possível observar as aulas durante algumas horas por semana. Por sua vez, a semana de contacto com a realidade educativa permite ao estagiário escolher o sítio onde quer estagiar e o ano. De facto, Alonso e Roldão (2005) referem que “é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de reflectir sobre essa realidade” (p.36).

Esta possibilidade permite conhecer uma realidade social, níveis socioeconómicos e mentalidades diferentes das observadas durante o estágio em Lisboa. De facto, os docentes, os funcionários da escola, os alunos e os pais dos alunos ao abordarem os estagiários na escola acolhem-nos de forma bastante diferente da observada na Prática Pedagógica, o que proporciona uma proximidade maior entre todos os elementos da comunidade educativa.

Por vezes, a relação que se estabelece entre os professores e alunos pode ser confundida com uma relação de amizade devido à troca de informações, sentimentos e experiências, também presente nas relações de amizade, que existe entre estes intervenientes. Porém, é importante dar a conhecer aos discentes que cada pessoa, na sala de aula, tem o seu dever e que este o professor é um orientador com as suas responsabilidades.

Bento (1994) indica que, a relação pedagógica é limitada no seu tempo, ao contrário das relações íntimas de amizade ou de amor, pois estas podem ser relações sem limite temporal. Esta desvantagem é para o autor, mais uma das impossibilidades de existir uma relação de amizade entre professor/aluno.

Em suma, podemos afirmar que a relação professor/aluno não poderá ser vista como uma relação de amizade. Conforme diz Bento (1994) “ «amor» e amizade, por serem categorias privadas, são desapropriadas para caracterizar a relação pedagógica profissional.” (p. 9). Contudo, numa amizade, os elementos do relacionamento desenvolvem uma aproximação sem objectivos, ao invés do que acontece entre professor/aluno, tal como refere o mesmo autor, “A relação pedagógica é «particular», querendo com isto significar que ela serve um fim” (p. 9). Deste modo, citando o mesmo autor, “Em vez de «amor» e ou «amizade» parece ser mais apropriada para a profissionalidade pedagógica a relação de parceiro” (p. 9).

Relatos diários da segunda semana de contacto com a realidade educativa

Segunda-feira, 27 de fevereiro de 2012

À semelhança de no ano anterior, os estagiários foram recebidos pelos diretores do Jardim-Escola.

Quando os estagiários chegaram à sala o docente apresentou-os à turma e vice-versa.

Posteriormente iniciaram a revisão de alguns conteúdos gramaticais, nomeadamente a análise sintática e a análise morfossintática. Depois do intervalo, o docente realizou situações problemáticas com 10, 100 e 1000.

No período da tarde, os alunos foram à biblioteca ouvir uma história. Ao terminar voltaram para a sala e realizaram uma atividade na área curricular de Expressão Plástica.

Terça-feira, 28 de fevereiro de 2012

Neste dia o docente iniciou a aula realizando algumas situações problemáticas. A seguir ao intervalo, o docente realizou, em conjunto com os alunos, a correção de uma prova de aferição.

Durante a tarde o docente apresentou a diferença entre folhas caducas e folhas persistentes na área de Estudo do Meio.

Quarta-feira, 29 de fevereiro de 2012

Este dia começou com a leitura de uma notícia que o docente havia trazido. O professor realizou algumas questões de interpretação do texto.

Depois do intervalo um estagiário lecionou uma aula de Matemática utilizando o 5.º Dom. Realizou a construção do poço e, através deste, propôs situações problemáticas.

No período da tarde o mesmo estagiário abordou um tema de História. Nomeadamente, o Condado Portucalense. De seguida, iniciou-se a aula de Expressão Musical.

Quinta-feira, 1 de março de 2012

No início da manhã o docente não conseguiu estar presente. Como tal, o diretor da escola pediu que os estagiários fizessem alguma atividade com os alunos. Estes contaram algumas histórias de António Torrado e um conto tradicional. Posteriormente entregaram uma atividade que o docente tinha deixado preparada.

Depois do intervalo um estagiário apresentou uma aula onde abordou os origamis. A partir dos origamis que apresentou, calculou o perímetro e a área dos mesmos.

Sexta-feira, 2 de março de 2012

Neste dia o docente iniciou a aula entregando os exercícios de escrita dos alunos. Estes corrigiram os erros e passaram-na a limpo. Posteriormente foi distribuída um modelo da prova de aferição que os alunos resolveram individualmente.

Depois do recreio os alunos realizaram algumas operações para que o professor pudesse realizar a avaliação.

À tarde os alunos tiveram aula de Expressão Físico-Motora.

Inferências e Fundamentação teórica da segunda semana de contacto com a realidade educativa

No dia em que os estagiários ficaram com a turma foram lidos alguns contos tradicionais. Os contos tradicionais são deveras importantes na formação da entidade dos infantes.

No início, alguns contos não estavam destinados a crianças. De facto, conforme refere Traça (1992) “o público era vasto e indiferenciado. Os contos não estavam confinados a um público infantil” (p. 29). E não representam “nenhum género propriamente infantil, mas de uma forma ou outra [têm] sido sempre [postos] em relação com a educação” (p. 61).

Estes começaram a ser contados/lidos, às crianças, por serem importantes transmissores de conhecimentos e valores que não deverão deixar de ser transmitidos de geração em geração. Na verdade, o conto aborda questões sob “aspectos da vida social e do comportamento humano, com etapas fundamentais da vida como o nascimento, o namoro, o casamento, a velhice e a morte” (p.28) em que o ouvinte/ leitor depara-se com “personagens e situações bem reais com que se defrontam no seu dia-

a-dia” (p.28). No que diz respeito ao espaço sentimental “fazem parte o amor e o ódio, a desconfiança, a alegria, a perseguição, a felicidade, a rivalidade, a amizade” é importante frisar que o:

conto refere-se a estes fenómenos em pares contrastes: o bem contra o mal, o êxito contra o fracasso, a benevolência contra a malevolência, a pobreza contra a riqueza, a fortuna contra a desgraça, a vitória contra a derrota, a modéstia contra a vaidade (p. 28).

De facto, Bettelheim (2002) refere que “As personagens dos contos de fadas não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo (...) Estas personagens polarizadas permitem (...) compreender facilmente a diferença entre ambos os pólos” (p.17). Representados, por vezes, de acordo com Diniz (1994), com factos reais do mundo “que segundo os pontos de vista do adulto são demasiado cruéis” (p. 57) sempre com um final de acordo com os sentimentos e problemas apresentados. “Alguns adultos, sobretudo do meio urbano, dizem que não se deve contar às crianças os contos de tradição oral porque falam de assuntos desagradáveis que as assustam.” (p. 57). Esta opinião, errada, “resulta da falta de percepção do mundo da fantasia infantil” (p. 57).

Diniz (1994) afirma que a criança, desde cedo, precisa de encontrar um sentido na vida. Precisa de responder a certas questões que, dificilmente, se adquirem de forma autónoma ao longo da infância. “O conto dá aos medos da criança, que são confusos e mal delimitados, uma representação precisa e circunscrita. Dá-lhes um nome. Ensina-lhe a maneira de lidar com eles” (p. 58). Quando esta resiliência não é desenvolvida, corretamente, muito dificilmente é alcançada na idade adulta (p. 55).

Para que estas aprendizagens sejam realizadas como desejadas os adultos, que estão com a criança, ocupam um papel importante na aprendizagem da mesma.

A mesma autora diz que a presença do adulto, o tom de voz utilizado, o estado de espírito, a forma como desenvolve os contos são fatores que condicionam a forma como a criança virá a reagir ao mesmo. Na verdade, “Pacificam a criança e fazem-lhe sentir as fantasias, sentimentos e angústias que a assaltam não são tão assustadoras como isso” (p. 57). Ao ler o conto, o adulto, demonstra que tolera as realidades expostas, ainda não suportadas pela criança, e demonstra que os problemas podem ser resolvidos. “É como se ela acordasse de um mau sonho e verificasse que tudo estava como antes de adormecer” (p. 57).

Enquanto ouve o conto “aprenderá assim a enfrentar os problemas que lhe vão surgindo, se os seus recursos interiores lho permitirem” (p. 56). O conto tradicional

permite ainda “encontrar possíveis soluções que a ajudam a elaborar a angústia. Ajudam-na a fazer «experiências», sem correr demasiados riscos” (p. 57).

Com isto é possível concluir que os contos têm um papel fulcral no progresso da personalidade dos indivíduos. Bettelheim, (2002) afirma que por estes terem “um valor ímpar, porque oferecem à imaginação das crianças novas dimensões que seria [difícil] descobrir por si só” (p. 14). Assim como, “enriquecem a vida da criança e apresentam-se com uma qualidade de encantamento” (p. 29). Fazendo dos contos “obras de arte; caso contrário, não poderiam ter o impacto psicológico que têm na criança” (p. 21).

Deste modo é importante que sejam lidos contos tradicionais às crianças. O docente poderá realizá-lo em sala de aula que, infelizmente, ainda não houve oportunidade de ser observado.

Capítulo 2 – Planificações

2.1. Descrição do Capítulo

Neste capítulo vai ser apresentada uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar, por que motivo se planifica, para quem é que se planifica, como planificar e quando se planifica.

Seguidamente vão apresentadas várias planificações realizadas durante os diferentes momentos de Estágio Profissional. Sendo que, duas corresponderão ao 1.º Ciclo de Ensino (Língua Portuguesa e Matemática) e quatro ao 2.º Ciclo de Ensino (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal).

2.2. Fundamentação teórica

Na verdade, é necessário que um docente tenha a capacidade de planificar as suas aulas e atividades realizadas durante o período escolar. De facto, planificar, segundo Zabalza (2000) citando Escudero (1982):

[trata-se] de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47 - 48).

A elaboração da planificação, quando realizada pelo docente que a vai aplicar, poderá permitir que este se sinta seguro e confiante das tarefas que vai abordar. Na verdade, Clark e Peterson, citados por Zabalza (2000), referem que as planificações são uma forma de se aproximar de um “propósito, fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir;” (p. 48). Como afirma Arends (1995) “ a planificação e a tomada de decisões são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor ” (p. 44). Para tal, é necessário o professor ter como base os programas destinados ao ano em questão e transformá-los de forma a conseguir adaptá-los às dificuldades e interesses da turma.

Com base no que foi referido anteriormente é possível prever que a planificação é importante para o docente. Porém, a planificação também é importante para os alunos. Pois, como é referido pelo Ministério da Educação (1997), o ato de planificar é uma das condições “para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas para uma maior igualdade de oportunidades ” (p. 26). Deste modo, enquanto planifica, o docente deverá

realizar uma introspeção sobre a melhor forma de abordar um tema, de modo a que os objetivos sejam compreendidos pela turma de forma elementar para que, assim, o professor consiga fazer com que os alunos atinjam os objetivos propostos.

É possível planificar tendo em conta vários modelos de planificações. Neste relatório só será abordado o Modelo T realizado por Martiniano Pérez e Eloísa López. O Modelo T tem esta designação devido à sua forma. Segundo Pérez (s.d.) “(...) um T de meios (conteúdos/procedimentos) e outro T de objectivos (capacidades – destrezas e valores – atitudes).” (p. 40), como é possível observar no quadro seguinte:

Quadro 11 – Exemplo do Modelo T de aprendizagem

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades – Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes	

Arends (1995) refere que o passo principal de planificar “é [colocado] nas metas e nos objectivos como os primeiros passos de um processo sequencial. Só depois é que são seleccionados os modos de acção e as actividades específicas tendo em vista alcançar as finalidades predeterminadas.” (p. 44). Desta forma serão explicados, em primeiro lugar, os objetivos. Com base em Pérez (s.d.), as capacidades – destrezas “(...) Indicam os objectivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver”; os valores – atitudes “(...) Mostram os objectivos fundamentais afectivos (...) que pretendemos desenvolver.” (p. 40). Enquanto os objetivos pretendem desenvolver capacidades pessoais e sociais, nos alunos, os conteúdos pretendem apresentar os temas que serão abordados e os procedimentos a forma como os objetivos serão alcançados.

Porém, os relatórios que serão apresentados, posteriormente, não foram realizados desta forma. Visto que as competências a atingir, nas aulas lecionadas, eram os conteúdos requeridos pelo professor da sala.

Concluindo, Segundo Zabalza (2000), a planificação é uma “previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimento que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar” (p. 48). Como futuro docente é imprescindível compreender a importância da planificação. O aluno consegue aperceber-se se o docente tem a capacidade de organização e, conseqüentemente, poderá adquirir este hábito de organização.

2.3. Planificações fundamentadas

As planificações que se seguem foram realizadas durante vários momentos de Prática Pedagógica. Estas vão estar dispostas em quadros. Como já foi referido anteriormente, serão apresentadas duas planificações do 1.º Ciclo do Ensino Básico e quatro planificações do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

2.3.1. Planificação da área curricular de Matemática no 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A planificação que se segue destinou-se a uma aula de Matemática no 1.º momento de estágio. Nomeadamente, no 1.º ano B do Jardim-Escola de Alvalade.

Quadro 12 – Planificação da área curricular de Matemática no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> Matemática: <ul style="list-style-type: none"> Numeração romana até X. 		<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula referindo que existem vários tipos de numeração; Explicar, através de diapositivos de apresentação, a numeração romana; Realizar uma proposta de trabalho recorrendo a uma técnica de expressão plástica. 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
Participar: <ul style="list-style-type: none"> Saber escutar; Curiosidade. Compreender: <ul style="list-style-type: none"> Identificar Relacionar 		Criatividade: <ul style="list-style-type: none"> Explorar Representar Rigor: <ul style="list-style-type: none"> Precisão Curiosidade 	
Material: Diapositivo de apresentação; proposta de trabalho, tintas de cores variadas.			

A aula apresentada anteriormente teve a duração de 60 minutos. Esta foi a última aula da manhã, ou seja, a terceira. Teve começo às 12h00 e decorreu até, aproximadamente, às 13h00.

Para o conteúdo da aula era importante referir que existem vários sistemas de números. Efetivamente, podemos definir sistema de números, segundo Ponte e Serrazina (2000), como “um conjunto de símbolos e de regras de combinação desses símbolos que nos permitem representar todos os números” (p. 140). Desta forma, torna-se imprescindível referir as regras para que os alunos consigam representar e utilizar os sistemas de números. Na verdade, os alunos reconheciam os algarismos indo-árabes, utilizados com maior frequência na sala de aula. Contudo, desconheciam outros sistemas de numeração.

Quando o estagiário tentou ligar a apresentação de diapositivos constatou que o data show não estava a funcionar. Este tentou reiniciar os equipamentos, que estava

a utilizar, mas sem efeito. Desta forma teve de adaptar a sua aula aos materiais que dispunha. Sendo estes o quadro e giz de várias cores.

Ainda que o estagiário não tivesse pronto, para este imprevisto, tentou lecionar a aula da melhor forma. Tal como refere Ponte e Serrazina (2000), “O professor tem de realizar (...) um adequado planeamento do seu trabalho. Mas para que esse planeamento possa dar os frutos pretendidos é preciso que se verifiquem certas condições” (p. 15). Apesar de a aula estar bem planificada não existiram condições necessárias para o plano realizado. Como refere Zabalza (2000) “A planificação prévia feita (...) antes do começo de cada [aula] corre o risco de «ficar pelo papel» quando o professor começa a implementá-la.” (p. 55). De facto, o docente deverá estar sempre pronto para qualquer eventualidade que possa surgir durante a aula.

Enquanto leciona a aula o docente deve conhecer, bem, o conteúdo que vai apresentar. Para que se sinta à vontade com o conteúdo. Como referem Ponte e Serrazina (2000), “O professor precisa de se sentir à vontade na Matemática que ensina.” (p. 15). Ao sentir-se preparado não terá dificuldade em adaptar a sua aula.

O estagiário optou por apresentar a aula utilizando as suas mãos. Este levantou o dedo indicador e questionou que vogal é que aquele dedo fazia lembrar. Os alunos responderam que fazia lembrar a letra “i”. Posteriormente pediu a um aluno para demonstrar, utilizando as mãos, quantos professores estavam dentro daquela sala de aula. Este levantou o dedo indicador. Desta forma, o estagiário introduziu o tema da numeração romana. Desta forma os alunos conseguiram, facilmente, compreender como seria representado o número dois e três em numeração romana.

Depois de apresentar o tema numerou alguns exemplos onde a numeração romana é utilizada, no quotidiano. Na verdade, segundo Vale e Pimentel (2004) “A grande finalidade da matemática é desenvolver nos alunos capacidades para usar a matemática eficazmente na sua vida diária” (p. 7). Por isso, a importância que existe em apresentar exemplos aos alunos. Desta forma, os alunos compreendem que um dia vão precisar de utilizar aqueles recursos e envolvem-se com o tema.

Neste momento, o estagiário explicou que na numeração romana as letras não se podiam repetir mais de três vezes, consecutivas, e, em cooperação com os alunos, fê-los compreender como eram representados os números em numeração romana até dez.

O professor é a pedra angular em todo o processo de aprendizagem do aluno. Na verdade, é importante o docente conseguir cativar os seus alunos através de estratégias criativas e apresentar exercícios diversificados, como o caso da atividade pro-

posta. Esta atividade pretendia que os alunos demonstrassem, em numeração romana, a representação da sua idade e o nove.

Na verdade, a representação através da pintura com os dedos é uma experiência que permite estimular vários sentidos. A realização desta tarefa, no âmbito da expressão plástica, permite que a criança encontre um equilíbrio sensorial e intelectual. De facto, a Expressão e Educação Plástica torna-se uma área curricular importante no desenvolvimento pessoal do infante. Como é referido pelo Ministério da Educação (2004) “A manipulação e experiências com os materiais, com as formas e com as cores, permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo e de representar a realidade.” (p. 89).

Em suma, é importante que o docente conheça o conteúdo que apresenta nas suas aulas. Pois, apesar de a aula ser planificada, é importante que este tenha um plano para os imprevisto que poderão, eventualmente, acontecer. Desta forma, conseguirá superar, os inconvenientes, de um jeito consistente.

2.3.2 Planificação da área curricular de Língua Portuguesa no 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A planificação que se segue destinou-se a uma aula de Língua Portuguesa no 4.º ano B do Jardim-Escola da Estrela.

Quadro 13 – Planificação da área curricular de Língua Portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Língua Portuguesa: <ul style="list-style-type: none"> • Esquema Rimático. 		<ul style="list-style-type: none"> • Definir, através dos conhecimentos dos alunos, poema; • Diferenciar diferentes tipos de rima utilizando instrumentos musicais; • Realizar leitura partilhada de um poema de Fernando Pessoa; 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar • Classificar • Relacionar <ul style="list-style-type: none"> • Associar • Dialogar 		<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Esforço • Atenção • Participação <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Colaborar 	
Material			
Instrumentos musicais.			

A poesia no 1.º Ciclo, segundo Bastos (1999), pretende desenvolver a linguagem de forma lúdica e atrativa (p. 177). De facto, a poesia ao ser trabalhada em sala de aula acaba por desenvolver capacidades de leitura, escrita e criatividade.

Quem aborda este tema, em sala de aula, deve ter em conta, segundo Jean (2000), que a poesia estava “destinada mais à memória do que à leitura (...) ainda, hoje, a poesia só adquire sentido e função (em particular na escola) ao ser memorizada.” (p. 158). Visto o supradito, o estagiário optou por realizar uma leitura em voz alta

de todos os poemas apresentados durante a aula. O mesmo autor refere que esta estratégia “é uma preparação para a dicção memorizada.” (p. 158).

Como o plano demonstrado anteriormente indica, o estagiário utilizou diferentes instrumentos musicais para que os infantes compreendessem os diferentes tipos de rima. Para tal, este projetou várias quadras e, no fim de cada verso, marcava uma rima com uma cor diferente (cor-de-laranja e verde). Posteriormente distribuiu tarefas por três alunos. Um dos alunos iria ler o poema, outra criança ficava com um reco-reco e o terceiro com uma pandeireta. O aluno com o reco-reco deveria tocar o instrumento após o colega ter finalizado a rima a cor-de-laranja. Enquanto o aluno que tinha a pandeireta deveria tocá-la depois do colega ler a rima que estava a verde.

Desta forma os alunos conseguiram compreender que o som dos instrumentos ia soando de forma cruzada, emparelhada ou interpolada. Na verdade, o estagiário foi auxiliando os alunos na leitura do poema, porque, como refere Jean (2000), “ler um texto documentário, ler uma ficção, ler um poema implica «atitudes vocais» diferentes.” (p. 123). E enquanto se trabalha poesia, segundo Bastos (2000), “quer no trabalho de iniciação à poesia (...) quer em ocasiões mais adiantadas do percurso escolar (...) trabalhar o som e o ritmo (...) constituem alguns pontos de referência para qualquer educador.” (p. 162).

Depois de abordar os tipos de rima, e de se certificar que os alunos tinham compreendido, o conteúdo, o estagiário projetou um poema da obra “Mensagem” de Fernando Pessoa. Nomeadamente, o poema em que o Mostrengo aborda o homem do leme. Desta forma, foram abordados conteúdos de outra área curricular e valores culturais que raramente houve oportunidade de observar, durante o Estágio Profissional no 1.º Ciclo.

A leitura em sala de aula pode ser realizada com vários intuitos. De facto, apesar de ser uma capacidade complexa e de maioritariamente ser utilizada para melhorar a capacidade de descodificação de grafemas esta poderá ter um fim lúdico. Como refere Antão (1997), a leitura pretende formar, também, “intelectualmente e moralmente o indivíduo, desenvolve a imaginação do leitor, amplia a capacidade crítica, favorece a aquisição de cultura, a autonomia pessoal e a relação social.” (p. 13).

Por ser um modo de desenvolver tantas competências o estagiário utilizou uma guitarra para acompanhar a leitura dos alunos e fazer com que estes entoassem os versos com o som e ritmo corretos.

2.3.3 Planificação da área curricular de Ciências da Natureza no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico

A planificação que se segue destinou-se a uma aula de Ciências da Natureza no 6.º ano turma B na Escola Secundária Josefa de Óbidos.

Quadro 14 – Planificação da área curricular de Ciências da Natureza no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Ciências da Natureza: <ul style="list-style-type: none"> • Problemas cardíacos. 		<ul style="list-style-type: none"> • Expor alguns problemas cardíacos através de vídeos: <ul style="list-style-type: none"> • Angina Peitoral; • Arritmia Cardíaca; • Paragem cardíaca; • Enfarte mio cárdico; • Acidentes vasculares cerebrais; 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar; • Relacionar; • Participar: <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar; • Curiosidade. 		<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade; <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação; • Tolerância: <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar 	
<p>Material: PowerPoint – Doenças cardíacas; Vídeos exemplificativos dos problemas circulatórios a abordar.</p>			

Na verdade, este tema não está enquadrado nas Orientações Curriculares e Programas do 2.º ciclo. O docente pediu ao estagiário realizar uma aula de sensibili-

zação para as doenças cardíacas. De facto, o docente quando leciona um tema relacionado com Educação Para a Saúde em meio escolar, citando Andrade (1995), deverá estar preparado para “ responder a questões que não terão forçosamente uma ligação explícita com a razão e que dirão respeito, por exemplo, a fenómenos como a angústia ou o medo.” (pp. 9-10). Por ser um tema com bastantes pormenores científicos era importante demonstrar o que estava a ser apresentado.

Existem meios que permitem a melhor compreensão de um tema. Desta forma o estagiário optou por utilizar meios audiovisuais que, por sua vez, são bastante importante para aquisição de conhecimentos. Proença (1990), refere que estes “durante a 2.^a Guerra Mundial, vieram a demonstrar a [sua] eficácia (...) e alertar os professores para as possibilidades da sua utilização didáctica.” (p. 105). Cabe ao professor conseguir conciliar estes com os conteúdos que pretende transmitir. A mesma autora refere ainda que os audiovisuais “Despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno (...) Mudam as relações entre o professor e o aluno (...) Obtêm uma melhor eficácia pedagógica” (p. 107).

Porém, o docente não poderá, simplesmente, projetar o material audiovisual, porque, citando a mesma autora “Os meios audiovisuais, só por si, de nada servem. Sem a correcta intervenção do professor, os meios audiovisuais podem até acentuar os defeitos em vez de os minimizar.” (p. 107). Desta forma é necessário que o docente consiga explorar os vídeos que está a apresentar interagindo com todos os alunos.

Durante a visualização dos vídeos os alunos foram realizando algumas questões e deram o exemplo de várias situações que conheciam. O docente deverá aproveitar os conhecimentos dos alunos, previamente adquiridos. Porém, parte das questões realizadas eram bastante pessoais. Ao aperceber-se deste facto o professor, como refere Andrade (1995), deverá “Estar atento e escutar o aluno, ao mesmo tempo que vai guardando a distância necessária para não se envolver pessoalmente ” (p. 10). Nestas ocasiões foi, por vezes, necessário conduzir a conversa, visto que, segundo a mesma autora, o pretendido era “incorporar conhecimentos, atitudes e procedimentos que capacitem [os alunos] para a gestão da saúde” (p. 11) e não a invasão da vida pessoal dos alunos.

2.3.4 Planificação da área curricular de Matemática no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico

A planificação foi realizada tendo em como fim uma aula de Matemática no 5.º momento de estágio. Nomeadamente, no 6.º ano turma H da Escola Secundária Josefa de Óbidos.

Quadro 15 – Planificação da área curricular de Matemática no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Matemática: • Revisão dos conceitos essenciais às frações; 		<ul style="list-style-type: none"> • Detetar as conceções alternativas dos alunos; • Discutir a definição de número primo; • Pedir aos alunos que descubram, utilizando um flipchart, frações maiores, menores, iguais à unidade e frações impróprias que representam números inteiros; • Realizar uma proposta de trabalho sobre o tema da aula. 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar: <ul style="list-style-type: none"> • Associar; • Distinguir; • Raciocínio lógico; • Resolver problemas. 		<ul style="list-style-type: none"> • Convivência: <ul style="list-style-type: none"> • Participação; • Colaboração; • Tolerância; • Saber escutar; • Ceder. 	
Material: Computador, Quadro interativo, documento flipchart, Proposta de trabalho.			

A aula apresentada, anteriormente, foi programada para 45 minutos. Porém, no decorrer da mesma o docente titular da turma pediu que continuasse. Com efeito, a aula durou, aproximadamente 85 minutos. A aula teve começo às 10h00 e terminou às 11h25.

Esta aula pretendia rever os conteúdos adquiridos durante o 5.º ano de escolaridade. Desta forma, é pertinente realizar a deteção das conceções alternativas dos alunos. Na verdade, segundo Martins (2007) citando Cachapuz (1995), as conceções alternativas são “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas” (p. 28)

Estas concepções surgem devido à aprendizagem que os alunos adquirem ao visualizar um acontecimento. Como refere Charters (2005), citando Vygotsky (1991) “a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar” (p. 107). De facto, estes, por vezes, poderão estar corretos ou, simplesmente, incompletos por ser um conhecimento desenvolvido por via intuitiva do que por via académica, ou formado através do senso comum. Porque, segundo Charters (2005) “os indivíduos pensam e constroem concepções acerca dos fenómenos que vivenciam, concepções essas que lhes permitem responder às exigências em dados momentos das suas vidas.” (p. 106).

Depois de o estagiário ter realizado a mudança conceptual, alteração das ideias previamente adquiridas, este moderou uma pequena discussão, com os alunos, com o objetivo de descobrir os números primos até 50. Na verdade, enquanto ensina um conteúdo, o docente deve, sempre, envolver os alunos na aprendizagem utilizando situações diferentes. De facto, segundo Ponte e Serrazina (2000), os alunos “Perante uma situação nova, envolvem-se rapidamente nela, discutem-na com os colegas (...) As concepções dos alunos sobre a Matemática resultam, em larga medida, das experiências matemáticas que lhes são proporcionadas na escola” (pp. 101-102).

Na verdade, com o uso de um flipchart o estagiário conseguiu demonstrar e fazer-se entender de forma simples e visual. Como refere Medina (2009), o uso das tecnologias permitem ao professor a “Elección del estilo de enseñanza.” (p. 38) conceber “Servicios y materiales de enseñanza personalizados.” (p. 38). As novas tecnologias possibilitam, desta forma, adaptar o conteúdo aos alunos de forma personalizada. Através de uma busca na Internet e motivação pessoal o docente pode aprender a realizar aplicativos para utilizar nas suas aulas. De facto, o acesso à Internet facilita o “Acceso interactivo a recursos didácticos.” (p. 38) que acaba por ser uma mais valia das novas tecnologias. Para conseguir tirar proveito das novas tecnologias o docente precisa de ser criativo, ter capacidade para motivar a turma, envolvendo-os com o tema, e conseguir interligar as novas tecnologias com o conteúdo que apresenta. O que aconteceu nesta aula.

Como já foi referido neste relatório, quando se ensina Matemática é necessário tornar conceitos abstratos em conceitos concretos que os alunos consigam visualizar e compreender o assunto que se está a tratar. Caso o docente tenha conhecimentos, para realizar este material, com recurso às novas tecnologias, poderá fazê-lo de forma mais eficaz e correta com o *software* que se pretende utilizar.

Desta forma, durante este momento da aula os alunos adquiriram o conhecimento por si próprios. De facto, Pinto (2002) afirma que este método, em que o aluno constrói o seu conhecimento, denomina-se de modelo construtivista. A autora “vê a

aprendizagem não como modelo em que alguém dá e recebe, mas como um modelo em que todos colaboram num processo autêntico e conjunto” (p. 293). Sendo que este modelo, como refere a mesma autora, “identifica o sujeito da aprendizagem como sujeito activo, gerador do seu próprio conhecimento” (p. 294). O estagiário ao utilizar esta estratégia teve de conduzir os alunos à aprendizagem e cativá-los a adquiri-la.

2.3.5 Planificação da área de Língua Portuguesa no 6.º ano do 2.º

Ciclo do Ensino Básico

A planificação foi realizada tendo em como fim uma aula de Língua Portuguesa no 5.º momento de estágio. Nomeadamente, no 6.º ano turma B da Escola Secundária Josefa de Óbidos.

Quadro 16 – Planificação da área de Língua Portuguesa no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> Leitura e interpretação do texto do manual “Mozart” 		<ul style="list-style-type: none"> Iniciar a aula colocando algumas músicas de Mozart como som de fundo; Realizar a leitura, em voz alta, do texto do manual “Mozart”; Realizar algumas questões de compreensão oral; Apresentar um excerto da ópera “Flauta Mágica”. 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> Compreensão <ul style="list-style-type: none"> Interpretar Analisar Comunicar <ul style="list-style-type: none"> Saber escutar Dialogar 	<ul style="list-style-type: none"> Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> Realiza bem as tarefas Atenção Participação <ul style="list-style-type: none"> Escutar Colaborar 		
Material: Músicas de Mozart, Computador, Colunas, PowerPoint, Manual.			

Esta aula foi iniciada com a apresentação de músicas de Mozart. Na verdade, Sousa (2003) refere que “A Música na Educação propriamente dita, objectiva-se para o campo da cultura musical, centrando-se essencialmente na audição de música.” (p. 22). Para apresentar um artista, como era o caso, é necessário, conhecer as suas obras. Ao apresentar o 1.º andamento da sinfonia n.º 40, de Mozart, criou-se um ambiente calmo e sereno dentro da sala de aula. Como foi possível observar na 5.ª secção do capítulo anterior, os alunos da turma em questão, por vezes, têm comportamentos inoportunos dentro da sala de aula. Começando a aula por apresentar música clássica os alunos acalmaram e prestaram atenção a tudo o que ia sendo referido. Na verdade, citando o mesmo autor, “Poder-se-á dizer que a música dá prazer, que modifica os estados emocionais” (p. 15).

De seguida, o estagiário realizou a leitura do texto. Quando terminou de ler realizou algumas questões, essenciais, para a compreensão do texto que havia sido apresentado. De facto, citando Sim-Sim et al. (1997):

na perspectiva da educação básica, é função da escola ensinar os alunos a saber ouvir – i.e., a prestar atenção ao interlocutor –, a identificar com clareza o essencial da mensagem, a apreender o fio condutor de uma exposição (p. 26).

Tendo em conta que alguns elementos da turma aparentam ter mais dificuldades na compreensão oral, o estagiário realizou algumas questões, mais acessíveis, a esses alunos., segundo os mesmos autores, “Para que este nível de mestria seja atingido na compreensão do oral, é necessário que a escola exponha os alunos a discursos orais” (p. 27) em que todos tenham oportunidade de participar de encontro com as suas capacidades.

De seguida, foi pedido que os alunos lessem em voz alta de forma a conseguir diagnosticar os possíveis erros que os alunos apresentam na leitura. Com base em Antão (1997), este processo “pode ser utilizado como processo de diagnóstico, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura” (p.46).

Conforme os alunos iam apresentando dificuldades o estagiário auxiliava na leitura fazendo-o repetir a frase de forma correta.

Visto que o texto era extenso o estagiário pediu para que cada aluno lê-se um parágrafo. Desta forma, estimulou a leitura coletiva. A leitura coletiva pode ser utilizada, citando o mesmo autor, “quando se quiser pôr em destaque determinada(s) parte(s) de um texto, fazendo participar um número elevado de intervenientes, e ajudar a

quebrar a monotonia.” (p.46). Sendo que muitos alunos apresentam dificuldades o estagiário pedia aos alunos, melhor preparados, para ler os parágrafos mais extensos. Enquanto os alunos com mais dificuldades liam os parágrafos mais curtos. Desta forma, os alunos que não costumam ler, por demorarem muito tempo a descodificar os grafemas, tiveram a oportunidade de realizar a leitura sem cometerem erros. O que facilitou a sua motivação e interesse durante o resto da aula.

Ao apresentar um excerto da ópera o estagiário está a demonstrar um tema abordado na leitura do texto. Na verdade, este foi apresentado, no final da aula, a pedido do docente titular da turma. A apresentação do vídeo, mais do que demonstrar algo que foi falado, apresenta uma realidade cultural desconhecida da maioria dos infantes presentes na sala de aula. A ópera é uma arte dramática desempenhada através do canto e acompanhada de música. Para tal, foi necessário realizar um enquadramento para que os alunos compreendessem o sentido. O visionamento do filme permitiu abordar as emoções humanas. Visto que um dos alunos comentou que a forma como a atora cantava demonstrava tristeza e dor.

De facto, Bernstein (s.d.) afirma que “As emoções humanas básicas são ampliadas e detalhadas de tal modo que não podem passar despercebidas (...) A música recorre a toda a gama de sentimentos humanos, desde os murmúrios mais íntimos...” (p. 275). Realmente, esta arte permite sentir as várias emoções humanas. O estagiário, ao deparar-se com o comentário do aluno adaptou a sua planificação e pediu, a alguns alunos, que se, no seu lugar, demonstrassem um sentimento específico cantando.

2.3.6 Planificação na área de História e Geografia de Portugal no 6.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico

A planificação foi realizada tendo em como fim uma aula de Língua Portuguesa no 5.º momento de estágio. Nomeadamente, no 6.º ano turma E da Escola Secundária Josefa de Óbidos.

Quadro 17 – Planificação da área de História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos/Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • História e Geografia de Portugal <ul style="list-style-type: none"> • A União Ibérica 		<ul style="list-style-type: none"> • Rever os herdeiros de D. Manuel I; • Explicar os motivos que levaram D. Catarina e o Cardeal D. Henrique a regerem o reino; • Falar do reinado de D. Sebastião e da sua personalidade; • Ler um documento sobre a União Ibérica. 	
Capacidades/Destreza	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar • Analisar • Comunicar <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar • Dialogar 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> • Realiza bem as tarefas • Atenção • Participação <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Colaborar 		
Material: PowerPoint.			

A área curricular de História e Geografia de Portugal que pretende o desenvolver a capacidade de compreensão com o mundo atual com base no passado.

Como é possível observar no plano de aula, os verbos utilizados nos procedimentos (rever, explicar, falar e referir) o aluno não tem, diretamente, interação com a aula. De facto, esta aula foi realizada através do diálogo entre o estagiário e os alunos. A comunicação em sala de aula sempre teve um papel importante. Segundo Proença (1990), o diálogo na sala de aula é “considerado como uma importante estratégia de ensino, não só porque permite corrigir a expressão verbal dos alunos (...) mas também porque a relação educativa apoiada no diálogo tem uma interacção psicossocial.” (p. 93).

A mesma autora refere que existem algumas formas para promover o diálogo em sala de aula, para que seja aproveitado da melhor forma. Na verdade, uma das características refere que o docente “Deve ser vivo e entusiasta” (p. 93). Desta forma é mais fácil envolver os alunos na dinâmica da aula. O estagiário durante a aula foi

aproveitando as questões que os alunos realizavam para conseguir transmitir o conteúdo que era suposto.

Num dos diapositivos de apresentação, foi apresentado um documento sobre a União Ibérica. Como refere a mesma autora, é importante trabalhar a leitura de documentos em sala de aula e levar os “alunos a analisar documentos históricos, já que, sem eles, não poderemos falar de História.” (pp. 97-101)

No final da aula foi distribuída uma proposta de trabalho com o objetivo de aferir os conhecimentos adquiridos, pelos alunos, durante esta aula. As propostas de trabalho permitem compreender os conhecimentos que os alunos adquiriram de um tema específico.

Capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do Capítulo

Ao longo deste capítulo serão apresentados os dispositivos de avaliação realizados durante o período de prática pedagógica. Após a descrição do capítulo vai ser desenvolvida uma fundamentação teórica referente à avaliação. Nesse ponto serão abordados alguns tópicos de modo a esclarecer o conceito de avaliação, quais os objetivos da avaliação e os diferentes tipos de avaliação.

Numa terceira secção, que estará dividida em duas partes, estão apresentados os dispositivos de avaliação realizados ao longo do período de estágio.

Na primeira parte serão expostos os dispositivos, referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvidos no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Estes são alusivos à área de Matemática, Estudo do Meio (domínio da História) e Língua Portuguesa. Em cada um destes pontos será feito um enquadramento da atividade, para que seja compreendido o contexto em que surgiu; será, também, apresentada uma grelha, referente à atividade em causa, com uma descrição dos diferentes parâmetros de avaliação; a grelha de resultados e a sua representação da classificação, em gráficos circulares, onde serão analisados os dados.

A segunda parte, do terceiro ponto, será dedicada aos dispositivos de avaliação realizados no 2.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Secundária Joséfa de Óbidos. Estes estarão dirigidos para as áreas curriculares que o mestrado permite lecionar, de acordo com o Decreto-Lei n.º 43/2007, no 2.º Ciclo. Sendo estas: Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia de Portugal e Ciências da Natureza. Tal como na primeira parte, desta secção, será apresentado um enquadramento da proposta de trabalho; uma grelha com os parâmetros de avaliação; uma grelha de resultados e a sua representação em gráficos circulares para cada dispositivo de avaliação realizado.

3.2. Fundamentação teórica

Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010 “A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.”. (Anexo, ponto 1) Na verdade, a avaliação, faz parte da educação como um instrumento de recolha dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, que se torna crucial no acompanhamento das aprendizagens desenvolvidas pelos mesmos. Segundo o site do Ministério da Educação, a avaliação, tem diversos objetivos como:

Apoiar o processo educativo, de modo a promover o sucesso dos alunos, através da selecção de metodologias e de recursos adequados às suas necessidades educativas;

Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa, interna e externa;

Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento.

Bartolomeis (1999), diz que o objetivo de avaliar é fazer um levantamento dos conhecimentos adquiridos, pelos alunos, neste caso, a avaliação pretende determinar a qualidade das aprendizagens adquiridas atribuindo-lhes um grau (p. 29).

Leite e Fernandes (2002), citando Bartolomeis (1999), definem avaliação como uma forma de analisar a “quantidade de conhecimento adquirido” (p. 20). Esta deverá ser elaborada segundo regras e critérios previamente definidos, tendo de ser regulares e homogéneos para todos os alunos “como se todos fossem iguais” (p.20).

Porém, segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010, existem exceções. Na verdade, existem “Alunos abrangidos pela modalidade de educação especial” (Anexo, ponto 4). Estes deverão ter um plano educativo individual, diferenciado, que automaticamente, terá um plano de avaliação específico para cada caso.

A avaliação, ao longo do Ensino Básico, é um processo em que existem vários intervenientes, pela seguinte ordem, de acordo com o Despacho Normativo n.º 6/2010:

- a) O professor;
- b) O aluno;
- c) O conselho de docentes, no 1.º Ciclo, ou o conselho de turma, nos 2.º e 3.º ciclos;
- d) Os órgãos de gestão da escola ou do agrupamento de escolas;
- e) O encarregado de educação;
- f) O docente de educação especial e outros profissionais que acompanham o desenvolvimento do processo educativo do aluno;
- g) A administração educativa. (Ponto 1)

Ao abrigo do mesmo Despacho Normativo a responsabilidade da avaliação, apesar de existirem vários intervenientes, será, maioritariamente, da responsabilidade do docente que acompanha o aluno, do conselho de docentes (no caso do 1.º Ciclo), do conselho de turma (2.º Ciclo), dos órgãos de gestão da escola ou agrupamento escolar e da administração educativa. (Anexo, ponto 7)

Méndez (2002) afirma que “ a avaliação tem a ver com actividades de qualificar, medir, corrigir, classificar, certificar, examinar” (p. 15). Esta deverá estar, sempre, de acordo com o programa e currículo ao ano de ensino em que é praticada (p. 40).

Através de Ribeiro e Ribeiro (1990) e Ferreira (2007) a avaliação subdivide-se em vários tipos de avaliação. Esta pode ser diagnóstica, formativa ou sumativa.

Segundo Despacho Normativo n.º 6/2010, antes destes tipos de avaliação serem impostos cabe, ao conselho pedagógico, do agrupamento escolar ou da escola, no início do ano letivo, de acordo com as orientações curriculares, “definir quais os critérios de avaliação para cada ciclo e ano de escolaridade, sob proposta, no 1.º ciclo, dos conselhos de docentes e, nos 2.º e 3.º ciclos, dos departamentos curriculares e conselho de directores de turma “(Anexo, ponto 2).

De seguida, serão descritos os diversos tipos de avaliação:

A avaliação diagnóstica, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), pretende avaliar os conhecimentos e capacidades dos alunos que deverá ser realizada, preferencialmente, antes de se iniciar as novas aprendizagens. (p. 342). Seguindo o Despacho Normativo n.º 6/2010 podemos observar que a avaliação diagnóstica poderá ser realizada em qualquer altura do ano letivo, desde que, esta esteja articulada com a avaliação formativa. Esta pretende contribuir para a elaboração de estratégias diferenciadas. (Anexo, ponto 18), Ribeiro e Ribeiro (1990), referem que “Esta análise vai permitir ao professor fazer um «diagnóstico» da situação presente e «prescreve» as medidas que se afiguram adequadas face aos objectivos em vista.” (p. 342).

A avaliação formativa, como apresentou pela primeira vez Scriven (1964), citado por Leite e Fernandes (2002), tem como fim regular, reforçar e remediar. Estes pontos vão permitir identificar quais as dificuldades dos alunos, assim como, as estratégias mais adequadas para superar as dificuldades dos alunos. Desta forma, a avaliação formativa (p. 41). Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010 “assume carácter contínuo e sistemático” (Anexo, ponto 19) sendo desenvolvida periodicamente. Tendo em conta o mesmo Despacho Normativo podemos observar que esta é a modalidade principal ao longo do ensino básico.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990):

A avaliação Formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso das tarefas que realizam. (p. 348)

Ao abrigo do Despacho Normativo n.º 6/2010, este tipo de avaliação, que está centrado no professor, permite aos intervenientes da avaliação, referidos anteriormente, ter informação sobre o desenvolvimento do aluno. De modo a melhorar os processos de trabalho. Caso seja detetado algum caso em que existam necessidades, por parte dos alunos, o professor titular deverá entrar em contacto com o conselho pedagógico para que este possa acompanhar o processo desse mesmo aluno. Este tipo de

avaliação, com base em Ribeiro e Ribeiro (1990), desempenha um papel de parceria com a avaliação diagnóstica.

Para que o professor consiga organizar-se melhor, no desenrolar desta avaliação, poderá ser elaborada uma escala de classificação. Estas, com base em Neves (1994), podem ser numéricas, gráficas ou gráficas descritivas. As escalas permitem “a construção das descrições ultrapassando-se, deste modo, muitas dificuldades que essa tarefa encerra.” (B/12).

Por último, a avaliação sumativa, que segundo Leite e Fernandes (2002), com base em Lucie (1990), dizem que, “corresponde, pois, a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares” (p. 26).

Com base em Leite e Fernandes (2002), a avaliação sumativa é uma “súmula, isto é, a síntese que uma visão de conjunto permite construir.” (p. 26). Esta avaliação permite verificar se os objetivos iniciais foram atingidos.

Perante o Despacho Normativo n.º 6/2010 esta avaliação pretende formar uma ideia, global, dos conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo de cada período letivo e em cada uma das áreas curriculares. (Anexo, ponto 24) Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) esta deve ser utilizada a longo prazo, num período que justifique a época que se pretende avaliar. (p. 359) Pois, segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010, vai implicar que, no final do 3.º período, seja elaborada uma apreciação global dos conteúdos e competências desenvolvidas pelo discente ao longo desse ano letivo que, por sua vez, definirá a sua transição. (Anexo, ponto 53)

De acordo com o mesmo despacho a avaliação fica a cargo do professor titular de turma, no caso do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em conjugação com o respetivo conselho de docentes, ou no conselho de turma, no 2.º Ciclo do Ensino Básico (Anexo, ponto 27). Esta pretende, como a avaliação formativa, informar o discente e os encarregados de educação sobre o seu desenvolvimento nas diferentes áreas, bem como, tomar decisões sobre o percurso escolar (Anexo, ponto 29).

Para Ribeiro e Ribeiro (1990) esta avaliação termina o ciclo de avaliação iniciado na avaliação diagnóstica e, posteriormente, formativa (p. 359). É necessário que não se desenvolva uma avaliação com base numa só área, numa só técnica, numa só situação ou numa única avaliação sumativa. Pois, assim, estaria representada uma avaliação fragilizada.

Para avaliar os resultados obtidos, nos diferentes tipos de avaliação, podem ser utilizados dois tipos de classificação, quantitativa e qualitativa. Segundo Fernandes (1991), a classificação quantitativa “está relacionada com a generalização dos seus

resultados” (p. 65). Por outro lado, a classificação qualitativa, pretende avaliar a qualidade, na verdade, “fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter.” (p. 66)

O quadro seguinte pretende demonstrar o valor qualitativo e quantitativo que irá ser atribuído, às propostas de trabalho, de acordo com a correção elaborada. Se o aluno tiver uma cotação entre os 0 valores e os 4,9 o seu desempenho será avaliado como “Fraco”. Caso este tenha uma avaliação compreendida entre os 5 valores e os 9,9 valores será atribuída uma nota, qualitativa de insuficiente. Caso a realização esteja, de acordo com os parâmetros de avaliação, entre os 10 e os 13,9 valores será atribuída uma avaliação de satisfaz. Se a avaliação, quantitativa, estiver compreendida entre os 14 e os 17,9 valores terá uma avaliação de bom. Por último, se o aluno tiver uma avaliação compreendida entre os 18 valores e os 20 valores será atribuída uma avaliação de Muito Bom.

Esta escala de avaliação será utilizada nos restantes dispositivos de avaliação.

Quadro 18 – Escala de avaliação

Quantitativa	Qualitativa
0 – 4,9	Fraco (F)
5 – 9,9	Não Satisfaz (NS)
10 – 13,9	Satisfaz (S)
14 – 17,9	Bom (B)
18 – 20	Muito Bom (MB)

3.3. Avaliação das atividades

3.3.1. Avaliação da atividade n.º 1

Contextualização da atividade n.º 1

Durante o primeiro momento de estágio, realizado na sala do 1.º ano turma B no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, foi realizada uma proposta de trabalho na área de Matemática (Anexo 1). Esta atividade foi pedida após ter sido introduzido um novo tema, numeração romana. Durante a aula foi explicado quais as regras da numeração romana até ao número 10. Para que fosse possível aferir os conhecimentos adquiridos foi distribuída uma ficha de trabalho, por cada aluno, e um recipiente com tinta. Os alunos teriam de escrever, utilizando os dedos e a tinta, dois números em numeração romana, O primeiro número iria corresponder à idade de cada um e o segundo ao número 9 (IX).

Ao longo da atividade foram esclarecidas algumas dúvidas, na oralidade, aos alunos que mostraram ter mais dificuldades em compreender o exercício. No dia em que esta proposta da proposta de trabalho foi realizada faltaram dois alunos da turma. Na verdade, a realização da atividade durou, aproximadamente, 20 minutos.

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 1

Para esta atividade foi elaborada uma grelha que contém os parâmetros, critérios e cotações para a proposta de trabalho. Esta grelha pretende averiguar se os objetivos da aula foram concretizados.

Visto que foi dado algum apoio durante a elaboração da atividade, pois era a primeira vez que o tema era abordado, os critérios foram realizados tendo em conta o apoio. Se a resposta estivesse correta e, os alunos, não apresentassem dificuldade em responder, ou seja, não pedissem apoio, seria dada a cotação máxima. Caso estes tivessem dificuldades, em compreender o tema que tinha sido revisto previamente, seria descontado. Este teria uma cotação de zero valores caso não realizasse a atividade ou a resposta tivesse errada.

Quadro 19 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 1.ª Atividade

Questões	Parâmetros	CrITÉrios	Cotação	Cotação total
1.	Desenhar, em numeração romana, o símbolo correspondente à idade.	Representa corretamente	10	10
		Apresenta dificuldades em concretizar a atividade	5	
		Não faz a representação	0	
		Apresenta a resposta errada		
2.	Desenha, em numeração romana, o número 9.	Representa corretamente	10	10
		Apresenta dificuldades em responder	5	
		Não faz a representação	0	
		Apresenta a resposta errada		

Quadro 20 – Grelha de correção da 1.^a atividade

		1	2	TOTAL	
Nr	Nome	10,0	10,0	20,0	Nota qualitativa
1	AA	10,0	5,0	15,0	B
2	AB	10,0	5,0	15,0	B
3	AC	10,0	5,0	15,0	B
4	AD	10,0	5,0	15,0	B
5	AE	10,0	10,0	20,0	MB
6	AF	10,0	10,0	20,0	MB
7	AG	10,0	10,0	20,0	MB
8	AH	10,0	10,0	20,0	MB
9	AI	10,0	10,0	20,0	MB
10	AJ	10,0	10,0	20,0	MB
11	AK	10,0	10,0	20,0	MB
12	AL	10,0	5,0	15,0	B
13	AM	10,0	5,0	15,0	B
14	AN	10,0	10,0	20,0	MB
15	AO	10,0	10,0	20,0	MB
16	AP	10,0	5,0	15,0	B
17	AQ	10,0	10,0	20,0	MB
18	AR	10,0	10,0	20,0	MB
19	AM	10,0	10,0	20,0	MB
20	AN	10,0	10,0	20,0	MB
21	AO	10,0	10,0	20,0	MB
22	AP	10,0	10,0	20,0	MB
23	AQ	10,0	10,0	20,0	MB
24	AR	10,0	10,0	20,0	MB
Média		10,0	8,1	18,1	MB

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 1

Ao analisar a grelha de avaliação pode concluir-se que todos os alunos conseguiram realizar a tarefa, que foi pedida, com sucesso. Visto que a média da turma foi de 18,1 valores. No primeiro exercício, escrever o número correspondente à sua idade, todos os alunos obtiveram a pontuação máxima, como se pode observar, na média da cotação desta questão, que foi dez valores. Já no segundo exercício houve alguns alunos que mostraram dificuldades ao realizar o número nove em numeração romana.

Na verdade, dos seis alunos que não conseguiram desenhar o número nove, em numeração romana, só dois é que mostraram mais dificuldades em responder ao

exercício. Sendo que, com os restantes, só foi preciso lembrar como se deve proceder, na oralidade, para que respondessem corretamente. Motivo pelo qual obtiveram metade da cotação com base nos parâmetros de avaliação. Neste exercício a média da turma permanece positiva. Sendo que a média do exercício foi de 8,1 valores em 10. Os restantes alunos, dezassete, obtiveram a pontuação máxima sem revelar qualquer dúvida sobre o tema.

Gráfico de avaliação da atividade n.º 1

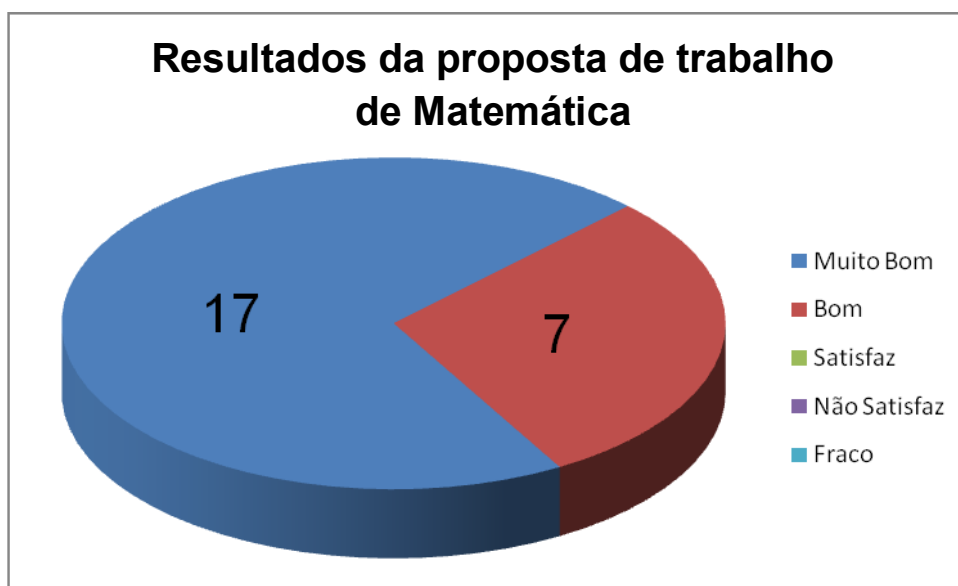


Figura 2 – Gráfico de resultados da 1.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 1

Quando se observa o gráfico apresentado torna-se mais perceptível os resultados dos alunos nesta atividade. No gráfico, para o valor apresentado, será utilizada uma estatística descritiva simples na qual os valores são absolutos. Grande parte da turma conseguiu, em pleno, concretizar os objetivos da atividade. Como se pode observar, nenhum aluno obteve uma avaliação negativa. Somente sete alunos não tiveram a cotação máxima na atividade.

3.3.2. Avaliação da atividade n.º 2

Contextualização da atividade n.º 2

Esta avaliação foi desenvolvida no terceiro momento de estágio na turma do 3.º ano B do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade na área curricular de Estudo do Meio no domínio da História (Anexo 2). Antes de iniciar a aula foi distribuído um cartão do cidadão para os alunos preencherem durante a apresentação. Os infantes deveriam preencher o cartão do cidadão de acordo com os dados apresentados. Ao longo da aula foram apresentados vários diapositivos de apresentação sobre o reinado de D. Dinis com a informação necessária. Porém, ao longo da mesma iam sendo esclarecidas dúvidas que os alunos pudessem ter.

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 2

Para esta atividade, tal como para as restantes atividades aqui apresentadas, foi elaborada uma grelha que contém os parâmetros, critérios e cotações para a proposta de trabalho. Esta grelha pretende descrever os parâmetros, critérios desenvolvidos, assim como, as cotações atribuídas perante cada possibilidade de resposta à atividade.

Esta atividade é composta por seis questões sendo que a sexta questão tem oito pontos. As primeiras duas questões, pelo facto de não ser a primeira vez que o tema é abordado e a turma ter facilidade em identificar qual o rei e o seu cognome, foi atribuída uma cotação mais baixa em relação às outras questões.

Nas questões 3, 4 e 5 foi atribuída uma cotação igual, tendo em conta que eram dados que estavam explícitos no diapositivo.

Nas restantes questões foi inculcida uma cotação mais alta, pois para responder a estas questões era necessário que os alunos estivessem bastante atentos e conseguissem decifrar o diálogo.

Tal como foi referido, anteriormente, a escala de pontuação, para esta atividade, será a mesma que foi utilizada na atividade anterior.

Quadro 21 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 2.ª atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	Identificar o nome do Rei	Identifica o rei corretamente	0,5	0,5
		Esquece-se do título	0,25	
		Apresenta a resposta errada	0	
		Não responde		
2.	Identificar um cognome do Rei	Apresenta a resposta correta	0,5	0,5
		Não refere nenhum dos cognomes	0	
		Não responde		
3.	Reconhecer o período do reinado de D. Dinis	Reconhece as datas em que D. Dinis reinou	1	1
		Reconhece o ano em que iniciou o reinado e não refere o ano em que terminou	0,5	
		Não reconhece o ano em que foi iniciado, mas refere o ano em que D. Dinis terminou o reinado	0,5	
		Não responde à questão	0	
		Responde errado		
4.	Representar a data em que D. Dinis nasceu	Responde corretamente	1	1
		Não refere um dos dados da data	0,5	
		Não refere dois dos dados da data	0,25	
		Não responde	0	
		Responde incorretamente		
5.	Representar a data em que D. Dinis morreu	Responde corretamente	1	1
		Não refere um dos dados da data	0,5	
		Não refere dois dos dados da data	0,25	
		Não responde	0	
		Responde incorretamente		

6.	6.1. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis na Educação	Responde criação dos Estudos Gerais	2	2
		Não apresenta a resposta correta	0	
	6.2. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis a respeito às leis	Apresenta uma das seguintes medidas	2	2
		Refere, de forma incompleta, uma das medidas desenvolvidas por D. Dinis	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
	6.3. Apresentar uma medida aplicada por D. Dinis na Defesa do Reino	Apresenta a resposta correta	2	2
		Apresenta, de forma incompleta, a medida do Rei	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
	6.4. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis na Agricultura	Apresenta a medida correta	2	2
		Apresenta, de forma incompleta, a medida tomada	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
	6.5. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis no comércio	Apresenta a medida tomada corretamente	2	2
		Apresenta, de forma incompleta, a medida tomada	1	
Não apresenta a resposta correta		0		
Não responde				
6.6. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis na Marinha	Apresenta, corretamente, uma das medidas tomadas	2	2	

		Apresenta, de forma incompleta, uma das medidas tomadas	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
	6.7. Apresentar uma medida tomada por D. Dinis na Pesca	Apresenta a resposta correta	2	2
		Apresenta, de forma incompleta, a medida tomada	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
	6.8 Apresentar uma medida tomada por D. Dinis na Extração Mineira	Apresenta, corretamente, medida tomada	2	2
		Apresenta, de forma incompleta, a medida tomada	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		

Quadro 22 – Grelha de correção da 2.ª atividade

Nr	Nom	6													TOTAL	Nota qualitativa
		1	2	3	4	5	6.1.	6.2.	6.3.	6.4.	6.5.	6.6.	6.7.	6.8.		
		0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	20,0	
1	AA	0,5	0,5	1,0	0,5	1,0	2,0	2,0	2,0	1,0	2,0	2,0	1,0	2,0	17,5	B
2	AB	0,5	0,5	0,0	0,5	1,0	1,0	2,0	1,0	2,0	1,0	1,0	1,0	1,0	12,5	S
3	AC	0,5	0,5	0,5	0,5	1,0	2,0	2,0	1,0	2,0	1,0	1,0	1,0	1,0	14,0	B
4	AD	0,5	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	1,0	1,0	2,0	16,0	B
5	AE	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	1,0	2,0	2,0	18,5	MB
6	AF	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	0,0	2,0	1,0	2,0	2,0	16,5	B
7	AG	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	1,0	1,0	2,0	1,0	2,0	17,0	B
8	AH	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	20,0	MB
9	AI	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	1,0	1,0	1,0	17,5	B
10	AJ	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	0,0	2,0	0,0	2,0	0,0	2,0	2,0	0,0	12,0	S
11	AK	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	2,0	2,0	1,0	1,0	2,0	0,0	2,0	0,0	13,5	S
12	AL	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	20,0	MB
13	AM	0,5	0,5	0,5	0,5	1,0	0,0	2,0	2,0	0,0	2,0	2,0	1,0	2,0	14,0	B
14	AN	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	1,0	2,0	2,0	19,0	MB
15	AO	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	2,0	1,0	2,0	2,0	2,0	1,0	18,0	MB
16	AP	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	2,0	1,0	2,0	2,0	1,0	1,0	1,0	14,5	B
17	AQ	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	2,0	2,0	1,0	2,0	1,0	14,5	B
18	AR	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	16,0	B
Média		0,5	0,5	0,7	0,9	1,0	1,5	1,8	1,6	1,6	1,7	1,4	1,6	1,4	16,2	B

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 2

Como é possível observar, na tabela anteriormente apresentada, a média da turma foi positiva. De facto, a turma teve uma média de 16,2 valores, sendo que as classificações dos alunos variaram entre o 12 valores (Satisfaz) e os 20 valores (Muito Bom). Ao analisar as questões, uma a uma, podemos concluir que os alunos não apresentaram dificuldades em responder às primeiras cinco questões.

Por outro lado, na questão 6 vários alunos tiveram zero na cotação por responderem, de forma errada, à questão que lhes fora apresentada. Desta questão os alunos mostraram mais dificuldades em responder aos pontos 6 e 8.

Gráfico de resultados da atividade n.º 2

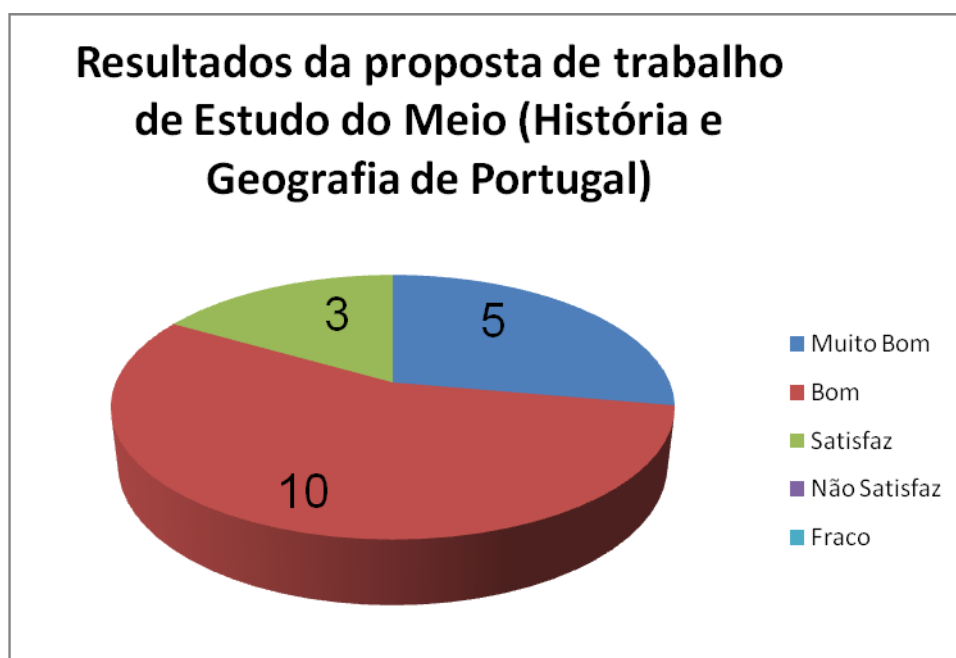


Figura 3 – Gráfico de resultados da 2.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 2

Tal como foi apresentado, na atividade anterior, os valores também vão ser apresentado através de uma estatística descritiva simples, sendo estes valores absolutos.

Na verdade, somente três alunos tiveram uma classificação qualitativa de Satisfaz, sendo que um deles não obteve uma classificação superior por quatro décimas.

Por outro lado o aluno AJ demonstra dificuldades, mesmo durante outras atividades realizadas em sala de aula, em manter-se concentrado durante um período de tempo superior a 10 minutos. Já o aluno AB apresenta algumas dificuldades de aprendizagem o que poderá ter influenciado a sua classificação neste momento.

Como podemos observar dez dos alunos tiveram uma classificação de Bom e outros seis Muito Bom dos quais dois, AL e AH, obtiveram a cotação máxima nesta atividade. Tendo em conta que não houve resultados negativos a média da turma foi positiva e, desta forma, podemos considerar que os objetivos foram cumpridos.

3.3.3. Avaliação da atividade n.º 3

Contextualização da atividade n.º 3

Esta avaliação foi realizada durante uma aula de Língua Portuguesa na turma A do 4.º ano de escolaridade no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade. Após ter sido lembrado o que era o retrato físico foi abordado, pela primeira vez, o retrato psicológico. Foi elaborada uma ficha informativa para que os alunos utilizassem como apoio antes de realizarem a atividade. Após ter sido desenvolvido o tema foi distribuído, por cada aluno, uma ficha de trabalho contendo uma questão com dois pontos (Anexo 3). Esta atividade pretendia que cada aluno escrevesse cinco características, psicológicas e físicas respetivamente, de modo a caracterizar um colega que, após terem terminado, teriam de adivinhar quem era. Esta atividade teve uma duração, aproximada, de 30 minutos.

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 3

Como já foi abordado, anteriormente, será apresentada uma grelha com os diversos parâmetros e critérios utilizados, tal como, as cotações correspondentes a cada resposta possível por parte dos alunos

Esta atividade tem, somente, uma questão com dois pontos. Num primeiro ponto é pedido, ao aluno, para que caracterize psicologicamente um colega, de acordo com um código que lhe fora atribuído. Neste ponto o aluno deveria, para ter a cotação máxima, utilizar cinco adjetivos que caracterizassem psicologicamente o seu colega de turma. Caso os alunos não utilizassem as cinco características a cotação seria diferente para cada uma das hipóteses. No segundo ponto, é pedido aos alunos que caracterizem fisicamente o mesmo colega. O sistema de cotação utilizado é semelhante ao do primeiro ponto. Porém, é feito com base em características físicas e não psicológicas. A única característica comum, aos dois pontos, baseia-se no facto de o aluno confun-

dir características psicológicas e físicas que será atribuída uma cotação baixa mas cotada se estas estiverem na caracterização física ou psicológica.

A escala utilizada é igual à escala utilizada anteriormente nas atividades anteriores.

Quadro 23 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 3.ª atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	1.1. Realizar o retrato psicológico de um colega	Utiliza 5 ou mais características psicológicas	10	10
		Utiliza 4 características psicológicas	8	
		Utiliza 3 características psicológicas	6	
		Utiliza 2 características psicológicas	4	
		Utiliza uma característica psicológica	2	
		Confunde características psicológicas com características físicas mas distingue-as	1	
		Não realiza o exercício	0	
		Apresenta a resposta errada		
	1.2. Realizar o retrato físico de um colega	Utiliza 5 ou mais características físicas	10	10
		Utiliza 4 características físicas	8	
		Utiliza 3 características físicas	6	
		Utiliza 2 características físicas	4	
		Utiliza uma característica física	2	
		Confunde características físicas com características psicológicas mas distingue-as	1	
Não realiza o exercício		0		
Apresenta a resposta errada				

Quadro 24 – Grelha de correção da 3.^a atividade

Nr	Nome	1.		TOTAL	Nota qualitativa
		1.1.	1.2.		
		10,0	10,0	20,0	
1	AA	6,0	8,0	14,0	B
2	AB	10,0	10,0	20,0	MB
3	AC	10,0	10,0	20,0	MB
4	AD	8,0	10,0	18,0	MB
5	AE	8,0	10,0	18,0	MB
6	AF	8,0	10,0	18,0	MB
7	AG	1,0	1,0	2,0	F
8	AH	4,0	10,0	14,0	B
9	AI	10,0	10,0	20,0	MB
10	AJ	10,0	8,0	18,0	MB
11	AK	6,0	10,0	16,0	B
12	AL	8,0	8,0	16,0	B
13	AM	10,0	10,0	20,0	MB
14	AN	10,0	10,0	20,0	MB
15	AO	10,0	10,0	20,0	MB
16	AP	10,0	4,0	14,0	B
17	AQ	8,0	10,0	18,0	MB
18	AR	10,0	10,0	20,0	MB
19	AO	10,0	8,0	18,0	MB
20	AP	10,0	10,0	20,0	MB
21	AQ	10,0	10,0	20,0	MB
22	AR	6,0	10,0	16,0	B
23	AQ	10,0	6,0	16,0	B
24	AR	8,0	8,0	16,0	B
Média		8,4	9,0	17,2	B

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 3

Ao analisar a tabela reparamos que somente um aluno, AG, teve a classificação negativa. Na verdade, o AG trocou a ordem das questões. Sendo que na questão 1.1. escreveu a resposta à questão 1.2. e na questão 1.2. respondeu à pergunta 1.1. Após deparar com o erro, enquanto o aluno lia as características, para os seus colegas adivinharem sob quem este escrevera, o aluno foi questionado sobre o que era a caracterização psicológica e caracterização física e este respondeu corretamente. Sendo que o erro deve ter sido feito por distração ou pelo facto de não ter lido o enunciado.

Este exercício teve uma média bastante positiva. Na verdade, com uma classificação de 17,2 valores em 20. Dos 24 alunos, que realizaram a atividade, oito tiveram uma classificação de Bom e outros 15 de Muito Bom. Destes 15 alunos, nove alunos tiveram a pontuação máxima, 20 valores. Tal como nas atividades anteriormente avaliadas podemos aferir que esta atividade teve uma avaliação positiva e que não apresentou grande dificuldade para os alunos.

Gráfico de resultados da atividade n.º 3



Figura 4 – Gráfico de resultados da 3.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 3

Como foi apresentado, nas atividades anteriores, o valor será apresentado através de uma estatística descritiva simples na qual os valores serão absolutos.

Dos vinte e quatro alunos que realizaram a atividade somente um teve uma classificação, qualitativa, de Fraco, enquanto oito tiveram Bom e mais de metade da turma, quinze alunos, tiveram Muito Bom. Na turma em que foi realizada esta atividade existem vários alunos com Necessidades Educativas Especiais. Antes da avaliação ser realizada eram esperados resultados mais baixos. Não só pelo facto de alguns alunos terem dificuldades mas, também, porque o tema tinha sido introduzido nessa mesma aula e, por ser um tema abstrato, os alunos poderiam apresentar maiores dificuldades em compreender.

3.3.4. Avaliação da atividade n.º 4

Contextualização da atividade n.º 4

A atividade que será apresentada de seguida foi realizada no 5.º momento de estágio. Nomeadamente, no 6.º ano turma E. Na verdade, esta foi realizada numa aula de História e Geografia de Portugal no 6.º ano de escolaridade na Escola Secundária Josefa de Óbidos.

A aula foi iniciada com uma breve revisão dos conteúdos abordados na aula anterior. Para tal foi necessário abordar a morte de D. Manuel I e os possíveis herdeiros ao trono. Posteriormente, foi introduzido o conteúdo. O objetivo era explicar o motivo pelo qual o reino de Portugal se juntou ao reino de Espanha, ou seja, o causa da União Ibérica.

De forma a consolidar os conhecimentos adquiridos na aula anterior e, consequentemente, nesta aula foi realizada uma proposta de trabalho num período de 10 minutos.

É importante frisar que a proposta de trabalho foi corrigida pelo docente da sala e adapta à turma com o auxílio do mesmo (Anexo 4).

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 4

A atividade que se segue é constituída por três questões. Na primeira questão é necessário que o aluno recorra aos conhecimentos adquiridos na aula anterior revisito no início desta. Tendo de dizer quem ficou responsável pela regência do reino de Portugal após a morte de D. João III, lembrando que o herdeiro ao trono era muito novo para governar. O aluno teria a cotação completa caso respondesse D. Catarina. Caso a resposta não fosse esta ou não respondesse teria zero valores.

Na segunda questão é pedido que os alunos identificassem quem substituiu D. Catarina na regência do reino até D. Sebastião ter idade para reinar. Se o aluno respondesse Cardeal D. Henrique teria a cotação completa, quatro valores, caso não respondesse ou respondesse de forma erra teria zero valores.

Na terceira questão é solicitado que o aluno reconheça quem eram os herdeiros ao trono, após a morte de D. Sebastião, e quais os grupos sociais que os apoiavam. Para tal, era necessário preencherem a tabela apresentada de forma correta.

Quadro 25 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 4.^a atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	Identificar quem rege o reino após o falecimento de D. João III	Responde D. Catarina	4	4
		Apresenta a resposta errada	0	
		Não responde		
2.	Identificar quem substitui D. Catarina na regência do reino	Escreve Cardeal D. Henrique	4	4
		Não refere nenhum dos cognomes	0	
		Não responde		
3.	Reconhecer os diferentes herdeiros ao trono e os grupos sociais que os apoiam	Preenche corretamente 7 espaços	12	12
		Preenche corretamente 6 espaços	10	
		Preenche corretamente 5 espaços	8	
		Preenche corretamente 4 ou 3 espaços	6	
		Preenche corretamente 1 ou dois espaços	3,5	
		Não preenche nenhum espaço	0	
		Não responde		

Quadro 26 – Grelha de correção da 4.^a atividade

		1	2	3	TOTAL	
Nr	Nome	4	4	12	20	Nota qualitativa
1	AA	0	4	12	16	B
2	AB	0	4	4	8	NS
3	AC	4	4	8	16	B
4	AD	4	4	10	18	MB
5	AE	0	0	12	12	S
6	AF	4	4	12	20	MB
7	AG	4	4	12	20	MB
8	AH	0	4	10	14	B
9	AI	4	4	8	16	B
10	AJ	0	4	10	14	B
11	AK	4	4	12	20	MB
12	AL	0	0	6	6	NS
13	AM	4	4	8	16	B
14	AN	0	4	12	16	B
15	AO	0	4	10	14	B
16	AP	0	4	10	14	B
17	AQ	0	0	6	6	NS
18	AR	4	0	12	16	B
19	AM	4	0	6	10	S
20	AN	0	4	12	16	B
21	AO	0	4	10	14	B
22	AP	4	4	10	18	MB
23	AQ	0	4	10	14	B
24	AR	0	4	10	14	B
25	AS	0	4	10	14	B
26	AT	0	4	6	10	S
27	AU	0	0	0	0	F
Média		1,5	3,1	9,2	13,8	B

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 4

Como se pode observar, na tabela anteriormente apresentada, a média da turma corresponde a 13,8 valores. Desta forma é claro que grande parte da turma compreendeu os conteúdos apresentados durante a aula. Porém, é possível observar que o aluno AU não realizou a proposta de trabalho. Após questionar o motivo pelo qual não estava a realizar a atividade. Este respondeu que o professor titular da turma lhe tinha dito que já não ia conseguir melhorar a avaliação e que ia acabar por reprovar o

ano, novamente por isso era desnecessário. Ao qual o docente titular respondeu afirmativamente e que não deveria tentar estimular o aluno a participar.

É possível observar que a questão que demonstrou ser mais complicada, para os alunos, foi a 1.^a. De facto, por ter sido um conteúdo apresentado numa aula anterior demonstra que os alunos não compreenderam bem o tema. Sendo que só dez alunos, de vinte e sete, conseguiram responder acertadamente à questão. Na verdade, após realizar a correção da proposta de trabalho foi possível observar que os alunos respondiam Cardeal Dom Henrique. Por sua vez, a 2.^a questão obteve mais respostas corretas. Sendo que nove alunos não responderam corretamente e um não respondeu. Que apresenta uma média positiva, tendo em conta a cotação da questão.

Por último, na terceira questão só os alunos que demonstram maior desinteresse pela disciplina é que tiveram maior dificuldade na sua concretização. Sendo que maior parte da turma conseguiu responder. Conseguindo preencher, corretamente, pelo menos seis lacunas.

Gráfico de resultados da atividade n.º 4



Figura 5 – Gráfico dos resultados da 4.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da 4.ª atividade

Como é possível observar, só quatro alunos é que tiveram uma classificação negativa. Sendo que um deles optou por não realizar a proposta de trabalho, como foi referido anteriormente. Dos três alunos que tiveram Satisfaz, dois tiveram 10 valores

em 20, ou seja, responderam corretamente a 50%. Maior parte da turma teve um resultado de Bom. De facto, estes dados demonstram que maior parte da turma compreendeu os assuntos que foram abordados na proposta de trabalho. Sendo que cinco desses mesmos alunos tiveram Bom e três responderam corretamente a todas as questões da atividade.

3.3.5. Avaliação da atividade n.º 5

Contextualização da atividade n.º 5

Esta atividade foi realizada numa aula assistida por um professor da equipa de Prática Pedagógica. Foi realizada numa turma do 6.º ano de escolaridade na turma H da Escola Secundária Josefa de Óbidos na área curricular de Matemática.

A aula pretendia ser uma breve revisão de alguns conteúdos do 5.º ano de escolaridade, essenciais para o 6.º ano. A abordagem aos conteúdos foi realizada através de um ficheiro flipchart. Este tinha vários exercícios interativos que pretendiam relembrar alguns conceitos chave.

Os alunos tiveram, aproximadamente, dez minutos para responder às questões (Anexo 5).

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 5

A proposta de trabalho é constituída por quatro questões. Estas estão pela ordem que os conteúdos foram abordados na aula. A primeira questão apresenta uma tabela com vários algarismos. Os alunos deverão riscar os números compostos que se encontram na tabela. Caso o aluno riscasse onze números compostos teria a cotação completa, 3,3 valores.

O fim da segunda questão era aferir se os alunos conseguiam decompor um número utilizando fatores primos. No primeiro ponto desta questão, o aluno deveria decompor um número par. No segundo ponto, o aluno deveria decompor um número ímpar utilizando fatores primos. Caso o fizesse corretamente teria uma cotação de 2,6 valores. Por outro lado, se realizasse a decomposição sem utilizar fatores primos seria cotado com um valor.

Na terceira questão eram apresentadas cinco frações. O aluno teria compreender, observando a fração, se esta era inferior, maior ou igual à unidade.

Na última questão os alunos deveriam encontrar a forma irredutível das frações apresentadas.

Quadro 27 – Quadro de parâmetros e critérios de avaliação da 5.ª atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	Identificar os números compostos	Identifica onze números compostos na tabela	3,3	3,3
		Identifica dez números compostos	3	
		Identifica nove números compostos	2,7	
		Identifica oito números compostos	2,4	
		Identifica sete números compostos	2,1	
		Identifica seis números compostos	1,8	
		Identifica cinco números compostos	1,5	
		Identifica quatro números compostos	1,2	
		Identifica três números compostos	0,9	
		Identifica dois números compostos	0,6	
		Identifica um número composto	0,3	
		Apresenta a resposta errada	0	
		Não responde		
		2.	2.1 Decompõe um número par utilizando, somente, números primos	
Consegue decompor o número 130, mas não utilizou, somente, fatores primos.	1			
Não apresenta a resposta correta	0			
Não responde				
2.2 Decompõe um número ímpar utilizando, somente,	Consegue decompor o número 115, corretamente, utilizando fatores primos		2,6	2,6

	fatores primos	Consegue decompor o número 115, corretamente, utilizando fatores primos	1	
		Não apresenta a resposta correta	0	
		Não responde		
3.	Reconhece as frações maiores, iguais e menores que a unidade	Faz a correspondência, correta, de cinco frações	4,5	4,5
		Corresponde, corretamente, quatro frações.	3,6	
		Corresponde, corretamente, três frações	2,7	
		Realiza a correspondência correta de duas frações	1,8	
		Faz a correspondência, correta, de uma fração	0,9	
		Não realiza a correspondência, correta, de nenhuma fração	0	
		Não responde		
4.	Descobre a fração na sua forma irredutível	Simplifica as duas frações apresentadas de forma correta	7	7
		Apresenta uma fração na sua forma irredutível corretamente	3,5	
		Não realiza o exercício corretamente	0	
		Não realiza o exercício		

Quadro 28 – Grelha de correção da 5.^a atividade

Nr	Nome	2					TOTAL	Nota qualitativa
		1	2.1	2.2	3	4		
		3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	
1	AA	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
2	AB	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
3	AC	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
4	AD	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
5	AE	3,0	1,0	2,6	4,5	3,5	14,6	B
6	AF	3,3	2,6	1,0	4,5	3,5	14,9	B
7	AG	2,7	2,6	2,6	4,5	3,5	15,9	B
8	AH	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
9	AI	3,3	2,6	1,0	4,5	7,0	18,4	MB
10	AJ	3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	MB
11	AK	3,0	2,6	2,6	4,5	7,0	19,7	MB
12	AL	3,0	1,0	2,6	4,5	3,5	14,6	B
13	AM	3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	MB
14	AN	3,0	2,6	1,0	4,5	7,0	18,1	MB
15	AO	2,7	1,0	2,6	4,5	3,5	14,3	B
16	AP	1,8	2,6	2,6	4,5	7,0	18,5	MB
17	AQ	3,0	1,0	2,6	4,5	7,0	18,1	MB
18	AR	3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	MB
19	AM	3,3	1,0	2,6	4,5	7,0	18,4	MB
20	AN	3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	MB
21	AO	3,3	2,6	2,6	4,5	7,0	20,0	MB
22	AP	2,7	2,6	2,6	4,5	7,0	19,4	MB
23	AQ	2,7	1,0	1,0	4,5	3,5	12,7	S
24	AR	1,8	1,0	2,6	4,5	3,5	13,4	S
25	AS	2,7	2,6	2,6	4,5	7,0	19,4	MB
26	AT	3,3	2,6	2,6	4,5	3,5	16,5	B
27	AU	3,0	2,6	1,0	4,5	3,5	14,6	B
28	AV	2,1	2,6	2,6	4,5	3,5	15,3	B
Média		2,9	2,2	2,3	4,5	5,8	17,7	B

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 5

Após observar a grelha de avaliação é possível compreender que os alunos estavam preparados para a realizar aa atividade sem dificuldades. Na verdade, não houve nenhuma classificação negativa. Porém, os alunos tiveram alguma dificuldade em tornar a fração irredutível, na questão 4, quando se tratava de um número ímpar.

É possível observar que a média da turma é de 17,7 valores. A turma teve uma nota qualitativa de Muito Bom. Sendo que quatro alunos tiveram a proposta de trabalho completamente correta.

Gráfico de resultados da atividade n.º 5

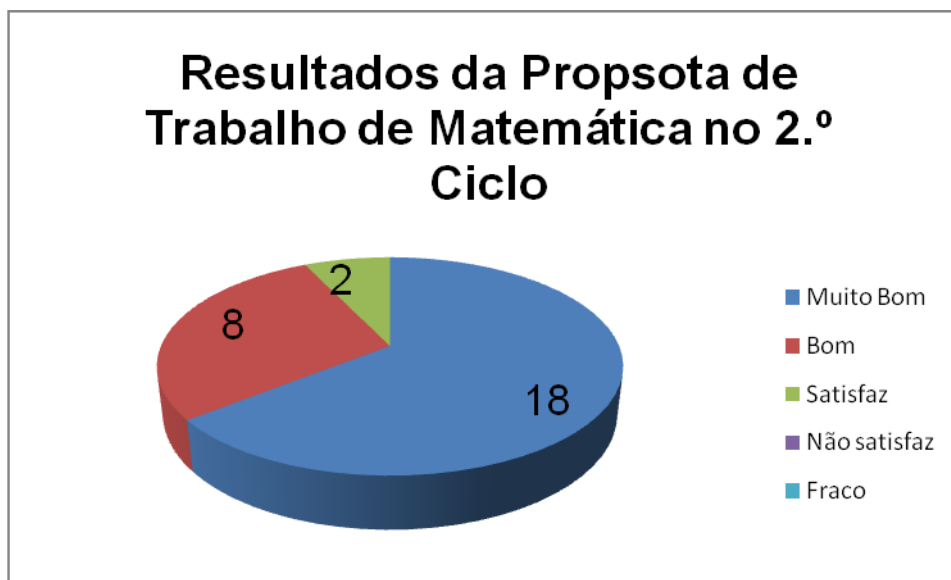


Figura 6 – Gráfico de avaliação da 5.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 5

Como é possível observar, só um aluno é que teve um resultado Satisfaz. Sendo que nove tiveram um resultado de Bom e os restantes de Muito Bom.

Este gráfico permite visualizar que os alunos compreenderam bem os conteúdos relembrados do 5.º ano de escolaridade.

3.3.6. Avaliação da atividade n.º 6

Contextualização da atividade n.º 6

Após ter sido marcada a aula, na área curricular de Língua Portuguesa, foi necessário alterar o tema e o propósito da mesma, visto que só estariam presentes 13 alunos da turma. Os restantes iriam a uma visita de estudo no âmbito da disciplina Religião Moral e Religiosa.

De forma a não apresentar um conteúdo novo o docente pediu que fosse lecionada uma aula sobre determinantes e pronomes, como forma de revisão. Depois de revistos, os conteúdos, foi realizada a proposta de trabalho para aferir os conhecimentos dos alunos. Estes tiveram, aproximadamente, dez minutos para realizar a proposta de trabalho individualmente. Seguidamente foi pedido, oralmente, que os alunos identificassem, no segundo exercício, as subclasses dos determinantes e pronomes referidos (Anexo 6).

É importante frisar que a proposta de trabalho foi supervisionada pelo professor titular da disciplina.

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 6

A proposta de trabalho é constituída por duas questões. A primeira questão está dividida em três pontos. Cada ponto corresponde a uma frase. Os alunos deveriam sublinhar os pronomes e circundar os determinantes das três frases. Por cada pronome/determinante circundado corretamente seria atribuída uma cotação de 0,8 valores. Desta forma o ponto a) e c) teriam uma cotação máxima de 3,2 valores e o ponto b) de 2,4 valores.

Na segunda questão os alunos deveriam completar, corretamente, os provérbios. Este exercício permite que os alunos compreendam que os pronomes/determinantes são utilizados durante o nosso dia-a-dia. Para que fosse possível conferir se conseguiam distinguir os pronomes de provérbios teriam de utilizar tinta de caneta diferente. Ou seja, quando escrevessem um pronome deveriam escrever com caneta preta. Caso fosse um determinante deveriam escrever com caneta azul.

Por cada lacuna que completasse, corretamente, seria atribuída uma cotação de 0.8 valores.

Quadro 29 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 6.ª atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	a) Identifica e distingue pronomes de determinantes	Identifica e difere, corretamente, todos os determinantes e pronomes presentes na frase	3,2	9,6
		Identifica/distingue, corretamente, três determinantes ou pronomes	2,4	
		Identifica/distingue, corretamente, dois determinantes ou pronomes	1,6	
		Identifica/distingue, corretamente, um determinante ou pronome	0,8	
		Não identifica nem distingue nenhum pronome/determinante	0	
		Não realiza a tarefa		
	b) Identifica e distingue pronomes de determinantes	Identifica e difere, corretamente, todos os determinantes e pronomes presentes na frase	2,4	
		Identifica/distingue, corretamente, dois determinantes ou pronomes	1,6	
		Identifica/distingue, corretamente, determinantes de pronomes	0,8	
		Não identifica nem distingue nenhum pronome/determinante	0	
		Não realiza a tarefa		
	c) Identifica e distingue pronomes de determinantes	Identifica e difere, corretamente, todos os determinantes e pronomes presentes na frase	3,2	
		Identifica/distingue, corretamente, três determinantes ou pronomes	2,4	
		Identifica/distingue, corretamente, dois determinantes ou pronomes	1,6	

		Identifica/distingue, corretamente, um determinante ou pronome	0,8	
		Não identifica nem distingue nenhum pronome/determinante	0	
2.	Utiliza determinantes e pronomes para completar provérbios	Coloca os determinantes/pronomes todos nos provérbios corretamente	10,4	10,4
		Completa doze lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	9,6	
		Completa onze lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	8,8	
		Completa dez lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	8	
		Completa nove lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	7,2	
		Completa oito lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	6,4	
		Completa sete lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	5,6	
		Completa seis lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	4,8	
		Completa cinco lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	4	
		Completa quatro lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	3,2	
		Completa três lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	2,4	

		Completa duas lacunas, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	1,6	
		Completa uma lacuna, corretamente, identificando se é determinante ou pronome	0,8	
		Não completa nenhuma lacuna corretamente	0	
		Não realiza a tarefa proposta		

Quadro 30 – Grelha de correção da 6.^a atividade

Nr	Nome	1			2	TOTAL	Nota qualitativa
		a)	b)	c)			
		3,2	2,4	3,2	10,4	20,0	
1	AA	2,4	1,6	3,2	6,4	13,6	S
2	AB	1,6	1,6	3,2	5,6	12,0	S
3	AC	1,6	1,6	3,2	7,2	13,6	S
4	AD	1,6	0,8	2,4	4,0	8,8	NS
5	AE	1,6	1,6	3,2	6,4	12,8	S
6	AF	2,4	2,4	3,2	10,4	18,4	MB
7	AG	3,2	2,4	1,6	6,4	13,6	S
8	AH	0,8	0,8	1,6	7,2	10,4	S
9	AI	1,6	0,8	2,4	4,8	9,6	NS
10	AJ	2,4	1,6	0,8	4,0	8,8	NS
11	AK	2,4	2,4	1,6	8,8	15,2	B
12	AL	2,4	1,6	3,2	8,8	16,0	B
13	AM	3,2	2,4	1,6	10,4	17,6	B
Média		2,1	1,7	2,4	7,0	13,1	S

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 6

A grelha de avaliação demonstra que os alunos, que estavam presentes, desta turma apresentam algumas dificuldades na identificação e distinção de pronomes e determinantes. Na verdade, nenhum aluno conseguiu obter a cotação completa na primeira questão. Sendo que no ponto a) só dois identificaram os pronomes/determinantes corretamente. No ponto b) ninguém conseguiu obter a cotação máxima. Já no ponto c) seis alunos conseguiram obter a cotação total da alínea. Na

segunda pergunta só dois alunos conseguiram completar, corretamente, todas as lacunas.

No segundo exercício os alunos demonstraram que conheciam os provérbios apresentados. Porém, alguns infantes demonstraram dificuldade em distinguir os pronomes de determinantes em causa. O que influenciou a média da cotação da questão.

Gráfico de resultados da atividade n.º 6

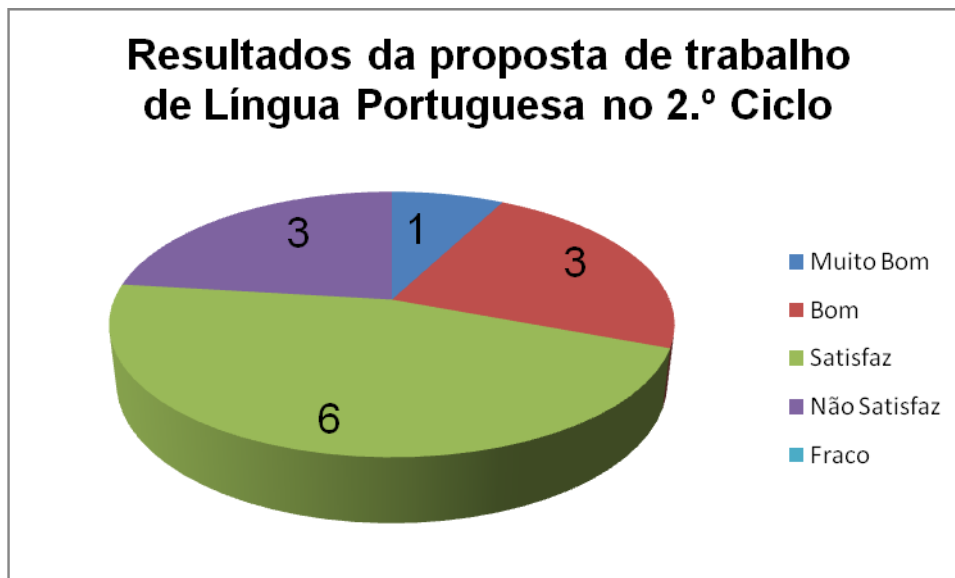


Figura 7 – Gráfico de resultados da 6.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 6

Através da leitura deste gráfico torna-se mais perceptível os resultados dos alunos que elaboraram a proposta de trabalho. De facto, três alunos tiveram um resultado negativo e um aluno obteve Muito Bom. Porém, não é possível tirar conclusões sobre a turma visto que mais de metade, da turma, não realizou a proposta de trabalho. Contudo, quase metade dos elementos, que realizaram a atividade, teve Satisfaz.

3.3.7. Avaliação da atividade n.º 7

Contextualização da atividade n.º 7

Durante o período de Prática Pedagógica foi pedido que o estagiário lecionasse uma aula sobre os constituintes das plantas e funções das mesmas na área curricular de Ciências da Natureza (Anexo 7).

A aula iniciou-se com a apresentação de várias plantas através de um diapositivo de apresentação. Após frisar todos os constituintes, e relembrar as suas funções, foi distribuída uma planta, diferente, por cada mesa de dois alunos. Com as plantas à sua frente os alunos deveriam identificar os constituintes visíveis e rever a sua função.

Posteriormente, foi distribuída uma proposta de trabalho. Os alunos tiveram dez minutos para a realizar.

Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade n.º 7

Para esta atividade foi elaborada uma grelha que contém os parâmetros, critérios e cotações para a proposta de trabalho. Esta grelha pretende averiguar se os objetivos da aula foram concretizados. Neste caso, compreender se os alunos compreenderam os constituintes da planta e as suas funções.

Quadro 31 – Grelha de parâmetros e critérios de avaliação da 7.ª atividade

Questões	Parâmetros	Critérios	Cotação	Cotação total
1.	Legendar a imagem de uma planta	Legenda, corretamente, todos os constituintes da planta assinalados	3	3
		Legenda, corretamente, cinco constituintes da planta assinalados	2,5	
		Legenda, corretamente, quatro constituintes da planta assinalados	2	
		Legenda, corretamente, três constituintes da planta assinalados	1,5	
		Legenda, corretamente, dois constituintes da planta assinalados	1	
		Legenda, corretamente, um constituintes da planta assinalados	0,5	
		Não identifica nem distingue nenhum pronome/determinante	0	
		Não realiza a tarefa		
2.	Sabe quais as funções dos constituintes da planta	Liga, corretamente, todos os constituintes da planta às suas funções	3	3
		Liga, corretamente, quatro constituintes da planta às suas funções	2,4	
		Legenda, corretamente, três constituintes da planta às suas funções	1,8	
		Legenda, corretamente, dois constituintes da planta às suas funções	1,2	
		Legenda, corretamente, um constituinte da planta à sua função	0,6	

		Não faz a correspondência correta dos constituintes à sua função	0	
		Não realiza a tarefa proposta		
3.	Completa o crucigrama compreendendo a função e os constituintes da planta	Completa todas as palavras	5	5
		Completa, corretamente, quatro palavras	4	
		Completa, corretamente, três palavras	3	
		Completa duas palavras, corretamente	2	
		Completa, corretamente, uma palavra	1	
		Não completa, de forma correta, nenhuma palavra	0	
		Não realiza a proposta		
4.	4 Conhece as plantas carnívoras	Responde plantas carnívoras	3	3
		Não responde plantas carnívoras	0	
		Não responde		
	4.1 Reconhece o motivo pelo qual as plantas carnívoras se alimentam de outros seres	Explica que, nos locais de origem, a água não tem todos os nutrientes necessários para a alimentação das plantas	6	6
		Explica que estas plantas se adaptaram ao ambiente onde vivem.	4	
Não apresenta a resposta correta		0		
Não responde				

Quadro 32 – Grelha de correção da 7.ª atividade

Nr	Nome	4					TOTAL	Nota qualitativa
		1	2	3	4	4.1		
		3,0	3,0	5,0	3,0	6,0	20,0	
1	AA	2,5	3,0	5,0	3,0	0,0	13,5	S
2	AB	2,5	3,0	4,0	3,0	4,0	16,5	B
3	AC	2,0	3,0	5,0	3,0	6,0	19,0	MB
4	AD	3,0	3,0	4,0	3,0	6,0	19,0	MB
5	AE	2,5	3,0	5,0	3,0	0,0	13,5	S
6	AF	2,5	3,0	3,0	3,0	6,0	17,5	B
7	AG	2,5	3,0	5,0	3,0	4,0	17,5	B
8	AH	2,5	3,0	2,0	3,0	6,0	16,5	B
9	AI	3,0	3,0	3,0	3,0	4,0	16,0	B
10	AJ	2,5	3,0	5,0	3,0	6,0	19,5	MB
11	AK	2,5	3,0	2,0	3,0	4,0	14,5	B
12	AL	3,0	2,5	3,0	3,0	6,0	17,5	B
13	AM	2,5	3,0	5,0	3,0	0,0	13,5	S
14	AN	2,5	3,0	2,0	3,0	4,0	14,5	B
15	AO	2,5	3,0	3,0	3,0	4,0	15,5	B
16	AP	2,5	3,0	5,0	3,0	6,0	19,5	MB
17	AQ	2,5	3,0	4,0	3,0	4,0	16,5	B
18	AR	2,5	3,0	4,0	3,0	4,0	16,5	B
19	AM	3,0	3,0	5,0	3,0	4,0	18,0	MB
20	AN	2,0	3,0	3,0	3,0	6,0	17,0	B
21	AO	2,5	3,0	5,0	3,0	0,0	13,5	S
22	AP	2,5	3,0	4,0	3,0	4,0	16,5	B
23	AQ	3,0	3,0	5,0	3,0	4,0	18,0	MB
24	AR	2,5	3,0	3,0	3,0	4,0	15,5	B
25	AS	3,0	3,0	5,0	3,0	4,0	18,0	MB
26	AT	3,0	3,0	4,0	3,0	0,0	13,0	S
27	AU	3,0	3,0	4,0	3,0	6,0	19,0	MB
Média		2,6	3,0	4,0	3,0	3,9	16,5	B

Descrição da grelha de avaliação da atividade n.º 7

Depois de observar a grelha de avaliação pode concluir-se que todos os alunos conseguiram atingir os objetivos mínimos da atividade. Na primeira questão maior parte dos alunos tiveram dificuldade em reconhecer o fruto na imagem. Na segunda questão todos os alunos realizaram a tarefa sem dificuldades. Porém, na 3.ª questão estes

tiveram dificuldade em compreender o exercício. O docente da sala explicou que estes não estão habituados a realizar este género de exercícios daí a dificuldade em realizá-lo.

Na quarta questão, os alunos identificaram, corretamente, as plantas carnívoras. Já no 1.º ponto da quarta questão, os alunos demonstraram bastantes dificuldades na expressão escrita. Desta forma, só nove alunos, em vinte e sete, tiveram a cotação máxima.

Gráfico de resultados da atividade n.º 7

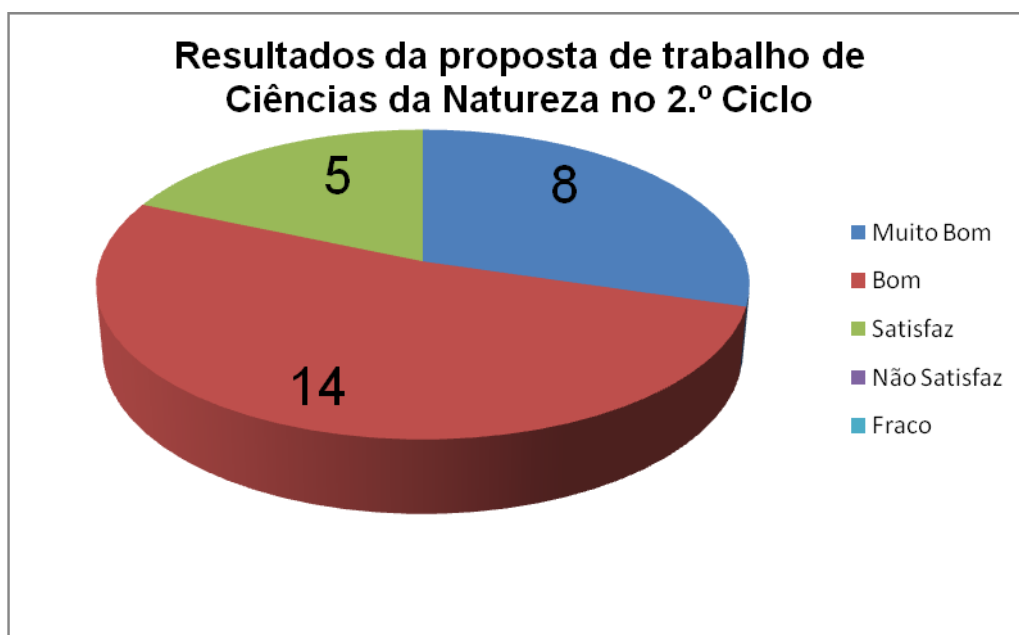


Figura 8 – Gráfico de resultados da 7.ª atividade

Descrição do gráfico de resultados da atividade n.º 7

O gráfico demonstra que os resultados da turma foram positivos. De facto, só cinco alunos tiveram Satisfaz. Mais de metade dos alunos, que realizaram a proposta de trabalho, obteve o resultado de Bom. Os restantes alunos tiveram uma classificação superior a 18 valores.

Reflexão Final

Nesta parte do relatório será realizada uma introspeção, geral, da elaboração do Relatório de Estágio.

Serão realizadas algumas considerações finais: será apresentada a importância do Relatório de Estágio Profissional e do momento de Estágio Profissional; serão abordados os aspetos positivos e negativos de ambos.

De seguida, vão ser expostas as limitações sentidas durante a elaboração do Relatório de Estágio e do Estágio Profissional.

Por fim, serão apresentadas as novas pesquisas que o relator pretende elaborar num futuro próximo.

1. Considerações finais

Depois de finalizado o momento de Prática Pedagógica é importante realizar um balanço sobre este momento tão vantajoso para o futuro professor.

O relator deste relatório não realizou a licenciatura na mesma instituição em que realizou o mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Na verdade, o local onde realizou a licenciatura não teve um momento de Prática Pedagógica como o realizado nesta instituição. Por outras palavras, este estagiou durante dois meses, em períodos inconstantes, no Ensino do Pré-Escolar, 1.º Ciclo e 2.º Ciclo do Ensino Básico, sem que houvesse oportunidade de lecionar uma aula.

Desta forma, ao iniciar o estágio, três manhãs por semana, onde iria lecionar aulas de manhã inteira e teria de lecionar aulas “surpresa”, foi, sem dúvida, um momento de difícil adaptação para o mesmo.

Contudo, o estagiário sentia que precisava de um período de Prática Pedagógica para que conseguisse melhorar a sua prestação como futuro professor.

Como refere Machado (1999, citado por Severino, 2007):

As experiências de prática pedagógica representam para muitos formandos um primeiro contacto com a realidade da profissão, pelo que as mesmas são fundamentais não só pelo contacto com a realidade, mas também porque permitem ultrapassar as angústias e ansiedades iniciais, face à profissão (p. 73)

Na verdade, o facto de ter sido possível observar várias faixas etárias permitiu ao estagiário compreender como se deverão trabalhar as capacidades, destrezas, valores e atitudes em cada idade. Se bem que, todas as pessoas são diferentes e não se pode dizer que exista uma “receita”.

Como este momento tão importante para o estagiário, foi possível conhecer melhor a sua futura profissão. De facto, este momento não se tornou um tempo positivo, somente, a nível profissional, mas também a nível pessoal. Como refere o mesmo autor:

constituir-se como um contributo para o percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos-formandos recorrendo, para o efeito, a estratégias de formação de carácter dinâmico, verdadeiramente construtivo e formativo, no sentido da promoção, entre todos os intervenientes (...), de modo a que os mesmos se tornem não só mais flexíveis, mais seguros e preparados para auto-dirigirem suas aprendizagens (p.44).

O estágio permitiu que o futuro professor, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal, desenvolveu, também, a capacidade de reflexão, auto crítica e organização mental.

Uma das grandes dificuldades que o estagiário sentia, antes de realizar a Prática Pedagógica, era introduzir um tema numa turma do 1.º ano, como por exemplo, a leitura e as operações básicas da Matemática. Neste momento foi possível observar diversas estratégias que permitiram compreender como é que este assunto é abordado pela primeira vez na sala de aula. Porém, também foi necessário que o estagiário assistisse a algumas aulas da licenciatura em Educação Básica, na Escola Superior João de Deus, para o conseguir compreender.

Os docentes titulares das turmas, principalmente os do 4.º e 6.º momento, foram um contributo bastante importante para a formação como professor. Na verdade, os docentes que acompanham os estagiários são, segundo Campos (1990), “ referências fundamentais (...) é através do eco que essas atitudes têm em nós que nos vemos e revemos enquanto nos vamos construindo como pessoas” (p. 50).

Neste momento foi possível, como já foi referido, desenvolver capacidades e atitudes a que nunca tinha sido dada a devida importância em sala de aula, como por exemplo compreender os interesses dos infantes e planear as aulas com base nas mesmas.

2. Limitações

A maior parte das limitações sentidas durante o período de estágio poderiam ter sido ultrapassadas se a preparação para a licenciatura fosse realizada nesta instituição.

Na verdade, grande parte das limitações estiveram relacionadas com o momento de adaptação. A mudança de cidade, os transportes, mudança de instituição, voltar para casa dos familiares, entre outras, foram fatores exclusivamente pessoais, mas que condicionaram a realização deste relatório.

Outra das limitações está relacionada com o tempo. Na verdade, a carga horária das unidades curriculares não possibilitou despende muito tempo para a elaboração deste relatório.

Por outro lado, a biblioteca nem sempre dispunha dos livros que eram necessários.

A não existência de um “manual de estilo” que facilite a compreensão das regras de formatação deste trabalho e a alteração das regras de formulação do relatório quase no final do ano letivo, no último semestre, obrigou a despende algum tempo revendo todo o relatório que já havia sido elaborado até então (aproximadamente três quartos do relatório).

Todo o professor quando apresenta as limitações ou aspetos a melhorar dos alunos deverá apresentar soluções para o mesmo. Como tal, mesmo com uma carga horária excessiva os docentes das unidades curriculares deveriam direccionar os momentos de avaliação para o relatório de estágio. Esta solução não iria fazer com que a carga horária diminuísse, mas iria permitir trabalhar no relatório em vez de realizar trabalhos rotineiros sem importância no âmbito da realização do relatório de estágio.

Quanto à biblioteca, é fundamental existir mais do que dois exemplares dos livros que os docentes apresentam na bibliografia da unidade curricular sendo que, pelo menos, um dos exemplares não poderia ser requisitado, ficando permanentemente na biblioteca.

É importante que quando se impõe uma regra que esta não seja alterada a meio do trabalho. Por esse motivo, deveria existir um “manual estilo”, pré-definido pelos docentes dos mestrados de formação de professores. Desta forma, os relatores não iriam precisar de adaptar o seu trabalho consoante as regras que fossem impostas a meio do ano letivo.

3. Novas pesquisas

Durante a vida uma pessoa deverá estar, sempre, atualizada. Na verdade, tendo em conta que os alunos de hoje têm acesso a muita informação o docente precisa de estar constantemente atualizado. Como tal, diariamente serão realizadas novas

pesquisas e adquiridos novos conhecimentos e também porque o relator é bastante curioso e autodidata.

A nível académico esta não será a última etapa. De facto, num futuro próximo o relator pretende frequentar um mestrado em ciências da educação e continuar a investir na sua formação académica.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P.; Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento da Educação Básica.
- Academia das Ciências de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (2001). *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Volume I. Lisboa: Verbo
- Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. In Alarcão, I. (org.). *Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora; pp. 171-189.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alonso, L. & Roldão, M. C. (ed.) (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra, Portugal: Edições almedina.
- Alves, R. (2003). *Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender*. Porto: ASA.
- Amado, J. S. & Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na Escola – Compreender para prevenir*. Lisboa: Edições ASA.
- Amaral, M.; Moreira, M. & Ribeiro D. (1996). O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo estratégias de supervisão. In Alarcão, I. (org.). *Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora; pp. 89-122.
- Andrade, M. (1995). *Educação para a saúde – guia para professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura – Tipos e técnicas de leitura*. Porto: Edições ASA.
- Antunes, C. (2005). *As inteligências múltiplas e os seus estímulos*. Porto: ASA.
- Antunes, M. (2001). *Teoria e prática pedagógica*. Lisboa: Piaget.
- APA (2006). *Manual de estilo da APA: Regras básicas*. São Paulo: Artmed.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Macgraw-Hill de Portugal.

- Azevedo, M. (2001). *Teses, relatório e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizontes.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Behrens, M. A. (2006). *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes.
- Bento, J. O. (1994). *Profissionalidade pedagógica e formação de professores*. O Professor, 36, 8-12.
- Bernstein, L. (s.d). *O mundo da música*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Bettelheim, B. (2002). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand.
- Bogdan, R. C, e Biklen, S. K. (1992). *Qualitative research for education: an introduction to theory and methods*. Porto: Porto Editora.
- Caldeira, F. (2009). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, B. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens*. Lisboa: Universidade aberta.
- Canavarro, J. M. (2007). *Para a compreensão do abandono escolar*. Lisboa: Texto Editores.
- Carvalho, R. & Silvestre, A. I. (2010). Desenvolver a comunicação matemática na sala de aula. In GTI (org.) *O professor e o programa de matemática do ensino básico*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática; pp. 149-176.
- Charters, M. E. (2005). Práticas pedagógicas com uso de mapas conceptuais: das concepções alternativas aos conceitos científicos. In Roldão, M. C. (coord.). *Estudos de práticas de gestão do currículo – que qualidade de ensino e de aprendizagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora; pp. 105-125.

- Come, A. & Trindade, R. (2001). *Área de estudo acompanhado – o essencial para ensinar a aprender*. Porto: ASA.
- Cordeiro, M. (1997). *Dos 10 aos 15 – adolescentes e adolescência*. Lisboa: Quatro margens editora.
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Costa, E. (1998). *Novos encontros de amor - amizade, amor e sexualidade na adolescência*. Porto: Ambar Editora.
- Cyrułnik, B. (2001). *Resiliência*. Lisboa: Piaget.
- Damas, E.; Oliveira, V.; Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática – Guia prático para professores e educadores*. Lisboa: Arial Editores.
- Davies, D.; Fernandes, V.; Soares, J.; Lourenço, L.; Costa, L.; Vilas-Boas, M.; Vilhena, M.; Oliveira, M.; Dias, M.; Silva, P.; Marques, R.; Lima, R. (1989). *As escolas e as famílias Portugal: realidade e perspectivas*. Lisboa: Horizonte.
- Declaração de Salamanca. (1994). *Necessidades Educativas Especiais – NEE* In: Conferência Mundial sobre NEE: Salamanca/Espanha: UNESCO.
- Declaração mundial sobre educação para todos UNESCO (1990).
- Decreto de Lei n.º 39/2010, de 26 de abril.
- Decreto de Lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro.
- Despacho normativo n.º 6/2010, 19 de fevereiro.
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lousã: Associação de Jardins Escolas João de Deus.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2011). <http://www.priberam.pt/dlpo/default.asp?pal=professor>. Acedido a 15 de junho de 2011.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2011). <http://www.priberam.pt/dlpo/default.asp?pal=aluno>. Acedido a 15 de junho de 2011.

- Diniz, M. A. S. (1994). *As fadas não foram à escola: a literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário (1901-1975)*. Porto: Edições Asa.
- Duarte, I. M. (1994). O oral no escrito: abordagem pedagógica. In Fonseca (org.) *Pedagogia da escrita perspectivas*; pp.79-106.
- Eco, U. (2002). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Queluz: Presença.
- Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Estrela, M. T. (1992). *Relação, pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M. T. (1995). Valores e normatividade do professor na sala de aula. *Revista de Educação*. Vol. V, n.º 1, junho; pp. 65-77.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Noesis* n.º 18; pp. 64-66.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- García, C. M. (1992). A formação de professores. Novas prespectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In Nóvoa, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; pp. 35-76
- Gardner, H. (1999). *Intelligence reframed: multiple intelligences for the 21st century*. New York: Basic Books
- Gabinete de Investigação e Avaliação do Sistema Educativo (GIASE. ex- DAPP) (2001). *Estratégias para a Acção. As TIC na Educação*. Ministério da Educação. Disponível em <http://www.dapp.min-edu.pt/upload/docs/estrategias.pdf>. Consultado a 7 de julho de 2011.
- Graves-Resende, L & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Grotberg, E. (1999). The international resilience Project – research application, and policy. In Gomes-Pedro, J. (ed.). *Stress e violência na criança e no jovem – stress and violence in childhood and youth*. Lisboa: Universidade de Lisboa; pp. 211-234.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores: concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra: Almedina.
- Jean, G. (2000) *A leitura em voz alta*. Lisboa: Horizontes pedagógicos.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais e educadores*. Porto: Edições ASA.
- Jesus, S. N. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*. Porto: ASA.
- Lei n.º 29/2005, de 30 de Agosto (Lei de Bases do Sistema Educativo)
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: ASA.
- Lopes, A. V.; Bernardes, A.; Loureiro, C.; Varandas J. M.; Oliveira, M. J. C.; Delgado, M. J. & Bastos, R. & Graça, T. (1996). *Actividades Matemáticas na sala de aula*. Lisboa: Texto Editora.
- Loughran, J. (2009). Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. In Flores, M. (org.) & Simão, A.. *A construção do conhecimento e o aprender a ensinar sobre o ensino*. Mangualde: Pedagogo; pp. 17-37.
- Lourenço, C. B. (2005). Profissão de professor e gestão do currículo: será que tudo vale a pena, mesmo quando a alma não é pequena?. In Roldão, M. C. (coord.). *Estudos de práticas de gestão do currículo – que qualidade de ensino e de aprendizagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora; pp. 61-75.

- Maciel, L. (2003). 10 dedos de leituras e escritas para inventar a poética da vida. *Centro de Recursos e Investigação para a Infância e Juventude*. Nº 4, 5-7.
- Magalhães, V. (2009). *Sobressalto e espanto: narrativas literárias sobre e para a infância, no neo-realismo português*. Lisboa: Campo da Comunicação;
- Marques, M. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F., (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental. Formação de Professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.
- Maya, M. J. (2000). *A autoridade do professor: o que pensam alunos, pais e professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Medina, A. C. (2009). La tecnologia educativa en el marco de la didáctica. In Carrillo, J. A. O. & Medina, A. C. (coords). *Nuevas tecnologías para la educación en la era digital*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp. 25-41.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Méndez, J. M. A. (2002). *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto: ASA.
- Meyer, D. (2010). *Math class needs a makeover*. Acedido a 29, novembro, 2010, em: http://www.ted.com/talks/dan_meyer_math_curriculum_makeover.html
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas do 1.º Ciclo do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (s/d). *Orientações para Actividades de Leitura. Programa – Quantos mais livros melhor 2.º Ciclo*. Recuperado em 2012, fevereiro 11, de http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/uploads/formacao/brochura_2ciclo.pdf

- Ministério da Educação. Ministério da Educação. <http://www.min.edu.pt> (acedido a 11 dezembro de 2011)
- Montiel, A. L. (2004). *Aprendendo a viver juntos: faces e fases da comunicação interpessoal*. Lisboa: Horizonte.
- Morgad, J. M. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão*. Lisboa: Presença.
- Morgado, J. (1999) *A Relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nabais, J. A. (s.d). *À descoberta da Matemática com o calculador multibásico*. Rio de Mouro: Éduca.
- Neves, A. (1994). Que instrumentos utilizar na observação? (continuação). In Instituto de Inovação Educacional Ministério da Educação. *Pensar avaliação melhorar a aprendizagem*. Portugal; B/12.
- Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.
- Nóvoa, A. (1991). O passado e o presente dos professores. In Nóvoa, A. (org.). *Profissão professor*. Volume 3. Porto: Porto Editora; pp. 9-32.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In Nóvoa, A. (coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; pp. 15-33.
- Oliveira, J. H. B. (1992a). *Professores e alunos pigmalhões*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Oliveira, L. (1992b). *O clima e o diálogo na supervisão de professores*. Aveiro: CIDINE.
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico: guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Peterson (2003). *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa: Piaget.
- Pinto, M. L. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Porto: Edições Asa.
- Plano Nacional de Leitura. Ministério da Educação.
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnl/v/apresentacao.php?idDoc=1>
(acedido a 7 de novembro de 2011)
- Ponte, J. P. & Serrazina, L. (2000). *Didáctica da matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história – questões de didática aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhould, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, J. A. S. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita: em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: ASA.
- Reis, C. (2009); Dias, A.; Cabral, A.; Silva, E.; Viegas, F.; Bastos, G.; Mota, I.; Segura, J. & Pinto, M.. *Programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Relatório Mundial de Educação (1998). *Professores e ensino num mundo em mudança*. Porto: Edições ASA.
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Riscado, L. (2003). Maria Alberta Menéres – a linha da vida nas estrelinhas da obra. *Centro de Recursos e Investigação para a Infância e Juventude*, N.º 4, 8-9.
- Rodari, G. (2002). *Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias*. Lisboa: Caminho.
- Rosenthal, R. & Jacobson, L. (1968). *Pygmalion in the Classroom*. Tournai: Casterman.

- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sá, J. & Varela, P. (2007). *Das ciências experimentais à literacia: uma proposta didáctica para o 1º ciclo*. Porto: Porto Editora.
- Serrazina, M. L. & Matos, J. M. (1988). *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Severino, M. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Shiroma, E. O. & Evangelista, O. (2003). A mística da profissionalização docente. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 16, n. 2, p. 7-24.
- Silva, L. M. (2000). *Bibliotecas escolares: um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga: Livraria do Minho.
- Sim-Sim, I.; Duarte, I. & Ferraz, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. III volume. Lisboa: Instituto Piaget.
- Traça, M. (1992). *O fio da memória do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Vale, I. & Pimentel, T. (2009). Resolução de problemas. In Palhares, P. (coord). *Elementos de Matemática – para professores do ensino básico*. Lisboa: Lidel; pp. 7-51.
- Valett, R. E. (1990). *Dislexia: uma abordagem neuropsicológica para a educação de crianças com graves desordens de leitura*. São Paulo: Manole.
- Zabalza, M. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto: ASA.

Anexos

Anexo 1 – Proposta de trabalho, atividade n.º 1

Proposta de Trabalho de Matemática

Nome: _____ N.º: ____ Data: _____

1 – Escreve o número nove em numeração romana.

2 – Representa a tua idade em numeração romana.

Anexo 2 – Proposta de trabalho, atividade n.º 2

Nome do Rei: _____

Cognome: _____

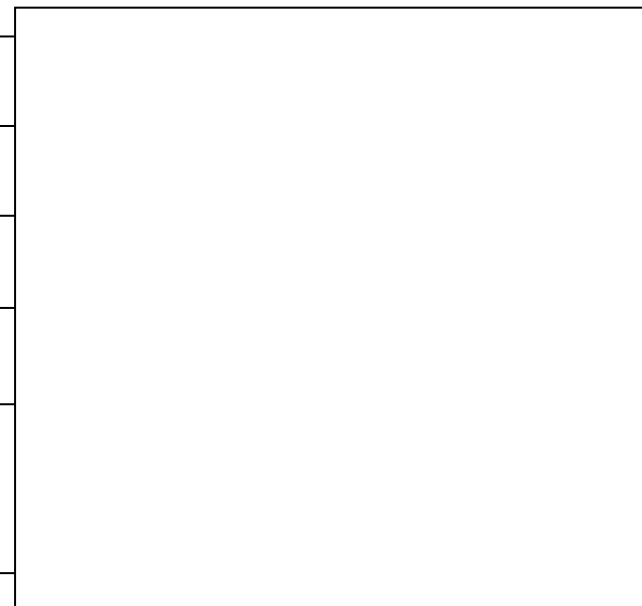
Reinado: _____

Nasceu a: _____

Morreu a: _____

Medidas que desenvolveu:

- Na educação: _____
- Leis: _____
- Defesa do reino: _____
- Na agricultura: _____
- No comércio: _____
- Na marinha: _____
- Na pesca: _____
- Na extração mineira: _____



Anexo 3 – Proposta de trabalho, atividade n.º 3

Jardim-Escola João de Deus – Alvalade

Língua Portuguesa

Retrato Físico e Psicológico



1 – Faz o retrato psicológico e físico do teu colega de acordo com o número, que lhe foi atribuído, e do número no canto inferior direito da tua página.

1.1 – Retrato Psicológico

1.2 – Retrato físico

Nome: _____ **Data:** _____

Anexo 4 – Proposta de trabalho, atividade n.º 4

Proposta de Trabalho de História e Geografia de Portugal

Nome: _____ N.º: _____ Data: _____

1. Após a morte de D. João III o herdeiro era muito novo para reinar. Quem ficou com a regência do mesmo?

2. Quem substituiu D. Catarina até D. Sebastião ter idade para governar o reino?

3. Completa a tabela:

Herdeiros ao trono	Grupos sociais que apoiam
<ul style="list-style-type: none">• _____	<ul style="list-style-type: none">• _____• _____
<ul style="list-style-type: none">• _____	<ul style="list-style-type: none">• _____• _____
<ul style="list-style-type: none">• _____	<ul style="list-style-type: none">• _____• _____

Anexo 5 – Proposta de trabalho, atividade n.º 5

Proposta de Trabalho de Matemática

Nome: _____ N.º: _____ Data: _____

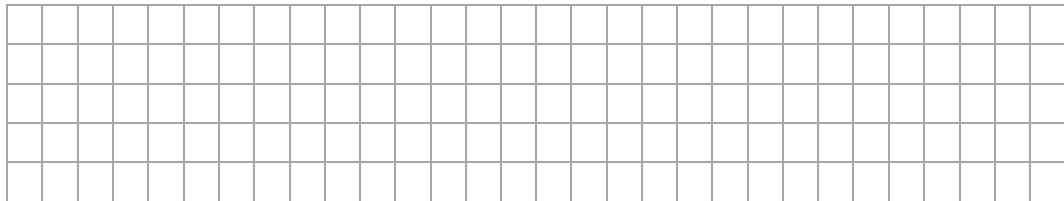
1. Risca os números compostos:

2	3	4	5	8	10	11	12	13
18	21	23	25	30	33	45	47	49

2. Decompõe em fatores primos os seguintes números:

2.1. 130

2.2. 115



3. Faz a ligação da coluna da esquerda com a coluna da direita

$$\frac{17}{19}$$



• <1

$$\frac{19}{18}$$



• =1

$$\frac{100}{50}$$



• >1

$$\frac{33}{35}$$



$$\frac{82}{82}$$



4. Simplifica as seguintes frações de modo a ficarem na forma irredutível.

$$\frac{24}{42}$$

$$\frac{180}{60}$$

Anexo 6 – Proposta de trabalho, atividade n.º 6

Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa

Nome: _____ N.º: _____ Data: _____

1. Sublinha os pronomes e circunda os determinantes das seguintes frases:

- a) A minha pele é escamosa. E a tua?
- b) Onde está o teu hamster? Atirei-o fora.
- c) As tuas mãos são mais bonitas que as nossas.

2. Utiliza os seguintes pronomes e determinantes para que os provérbios fiquem corretos:

qualquer pouco todos tudo outros ninguém primeira
ninguém dois cada um segunda quanto teu

_____ macaco no seu galho.

Nem _____ o que luz é ouro.

Quem te avisa, _____ amigo é.

Calças brancas em janeiro, sinal de _____ dinheiro.

Mais vale _____ pássaro na mão que _____ a voar.

À _____, _____ cai. À _____ cai quem quer.

_____ mais depressa, mais devagar.

Quando um burro fala os _____ baixam as orelhas.

Casa onde não há pão, _____ ralham e _____ tem razão.

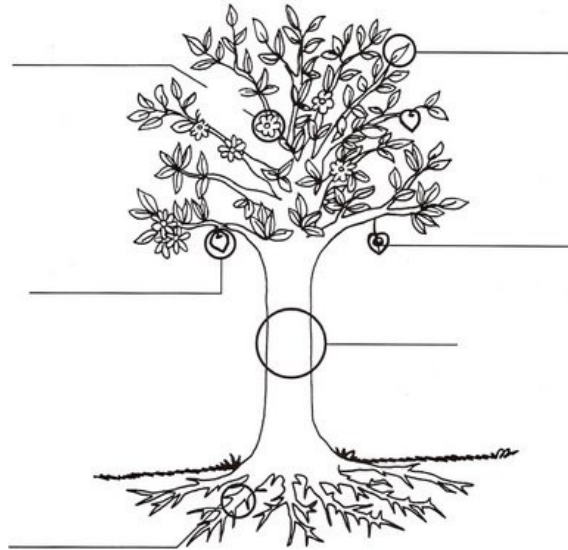
Anexo 7 – Proposta de trabalho, atividade n.º 7

Proposta de Trabalho de Ciências da Natureza

Nome: _____ N.º: _____ Data: _____

Plantas

1 – Legendar a imagem com o nome de cada constituinte da planta:



2 – Ligar o constituinte da planta à sua função:



respiração



proteção



fixação



reprodução



suporte

